

ISNAR PEREIRA DA FONSECA FILHO

**BELO HORIZONTE BEM QUERER:**  
versos sinfônicos com ásperas dissonâncias

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2011

ISNAR PEREIRA DA FONSECA FILHO

**BELO HORIZONTE BEM QUERER:**

versos sinfônicos com ásperas dissonâncias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientadora: Profª Dra. Constância Lima Duarte

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2011

Uma cidade é sinfonia com ásperas dissonâncias

Henriqueta Lisboa

Esta dissertação é dedicada a minha amiga Terezinha, pelos nós que me ajudou a desatar.

Agradeço a minha Orientadora, Prof<sup>a</sup> Constância Lima Duarte, pela carinhosa acolhida ao meu projeto, pelo incentivo e pelos imprescindíveis diálogos.

Agradeço ao meu amigo João Ricardo pelo incansável apoio.

Agradeço à minha família.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho.

No universo infinito da literatura sempre se abrem  
outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem  
antigos, estilos e forma que podem mudar nossa  
imagem do mundo

Italo Calvino

## Resumo

Esta dissertação estuda várias imagens contraditórias engendradas em torno de Belo Horizonte, das origens ao início dos anos 70, no poema *Belo Horizonte Bem Querer*, de Henriqueta Lisboa. Planejada a partir do ideal republicano de ordem, higiene e disciplina, a capital de Minas foi construída para que de sua planta de papel nascesse uma sociedade ideal. A arbitrariedade de suas formas instiga uma apropriação de seus espaços, que pouco a pouco vão ganhando novos contornos, transformando a cidade idealizada em vivida. Como leitores do espaço urbano, os escritores, ao analisarem os diversos olhares voltados para Belo Horizonte, contribuíram de modo relevante para o conhecimento da capital. Em se tratando de Henriqueta Lisboa, a autora percebe as contradições a partir de uma perspectiva de dentro para fora, o que permite a compreensão da fluidez da essência cidadina. Leitora atenta desse espaço em constante transformação, abre novas perspectivas para que seu leitor aprenda a ver a cidade com outros olhos. É a respeito desse universo de múltiplas imagens que esta dissertação se debruça, tendo como ponto de partida *Belo Horizonte Bem Querer*, *Belo Horizonte: a cidade escrita* e o livro *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – história antiga e história média*, volumes I e II, de Abílio Barreto.

## Résumé

Cette dissertation traite de plusieurs images contradictoires engendrées à propos de Belo Horizonte, depuis ses origines jusqu'au début des années 1970, dans le poème *Belo Horizonte Bem Querer*, d'Henriqueta Lisboa. Conçue d'après l'idéal républicain de l'ordre, l'hygiène et la discipline, la capitale de Minas Gerais a été construite de sorte que de son plan en papier naquît une société idéale. Le caractère arbitraire de ses formes suscite une appropriation de ses espaces qui gagnent progressivement de nouveaux contours, tout en transformant la ville idéalisée en 'ville vécue'. En tant que lecteurs de l'espace urbain, les écrivains, par l'analyse de différents regards sur Belo Horizonte, ont contribué de manière importante en faveur de la connaissance de la capitale. Dans le cas d'Henriqueta Lisboa, l'auteur perçoit les contradictions de cette ville à partir d'un point de vue de l'intérieur vers l'extérieur, ce qui permet la compréhension de la fluidité de l'essence citadine. Lectrice attentive de cet espace qui change constamment, Henriqueta ouvre d'autres perspectives pour que son lecteur puisse voir la ville à travers d'autres yeux. Ce travail porte donc sur cet univers de multiples images, ayant comme point de départ *Belo Horizonte Bem Querer*, *Belo Horizonte: la ville écrite* et le livre *Belo Horizonte: mémoire historique descriptive – histoire ancienne et histoire moyenne*, volumes I et II, d'Abilio Barreto.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>BELO HORIZONTE BEM QUERER: imagens de uma geografia sentimental</b> .....	15
1.1 De Horizonte a Belo Horizonte.....	15
1.2 Belo Horizonte: o nome predestinado.....	28
1.3 Ecos de um Horizonte.....	42
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>IMAGENS-REVERSO: um olhar crítico sobre a visão de mundo positivista</b> .....	47
2.1 As Ideias Republicanas.....	47
2.2 O Projeto de Construção.....	55
2.3 O Traçado da Cidade.....	62
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>BELO HORIZONTE BEM QUERER: do verso ao reverso</b> .....	73
3.1 Um Olhar Sinfônico Sobre Belo Horizonte.....	73
3.2 Um Olhar Dissonante sobre Belo Horizonte.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	96
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS</b> .....	101

## INTRODUÇÃO

Na passagem do século XIX ao XX, no Brasil, a burguesia investiu muito na reforma e construção de cidades. A ideia era constituir novos espaços que serviriam de modelo para a superação das estruturas urbanas coloniais. Nesse sentido, vista como ultrapassada e antiga, a cidade colonial passaria por intervenções, anunciando novos tempos, a saber, a cidade do século XX. Por trás de tantos investimentos, encontra a constituição de novos espaços para a divulgação das ideias republicanas. Com a Proclamação da República, em 1889, o poder instituído, baseado no ideal positivista de ordem e progresso, construiu, a partir da experiência urbana, uma imagem de ruptura com a velha ordem política. Nesse cenário marcado pela negação do passado, ganha força a ideia de transferir a sede do governo de Minas Gerais. Terminados os áureos tempos, Ouro Preto, a velha capital, passou a ser questionada, tendo em vista o declínio econômico, a topografia acidentada e o enfraquecimento da Monarquia.

A ideia de transferência da capital de Minas para outra região nasceu bem antes da implantação do governo republicano. A primeira tentativa teria surgido por volta de 1879, quando os inconfidentes planejavam instalar a sede do governo em São João Del Rei. Com o advento da República, a ideia ganhou força, materializando na construção de uma nova cidade. Em 1891 a mudança foi aprovada. Entre as candidatas ao posto de nova sede, surgiram cinco localidades: Paraúna, Barbacena, Várzea do Marçal, Juiz de Fora e Curral Del Rei. Após variados estudos e acirrados debates, o Congresso Legislativo decretou a Lei da Mudança da Capital em 17 de dezembro de 1893. Curral Del Rei foi o local escolhido. Mais

tarde essa localidade recebeu o nome de Belo Horizonte. A necessidade de criar símbolos que legitimassem os novos tempos faria da capital sua máxima expressão, seu cartão de visitas.

De inspiração europeia, Belo Horizonte, a primeira cidade planejada do Brasil, surge a partir do modelo de Paris. Com iluminação pública, largas ruas e avenidas, grandes áreas verdes, nasce com o objetivo de deixar para trás a antiga e barroca Ouro Preto com suas estreitas ruas, múltiplas ladeiras, casas amontoadas, sem luz e espaço. O local escolhido para instalação da nova capital não apenas mudaria de nome, mas também teria seu espaço reconstruído. A palavra de ordem era apagar as marcas coloniais, traçando milimetricamente os caminhos por onde o progresso pudesse circular anunciando novos horizontes.

A tarefa de planejar e construir o espaço que abrigaria os novos tempos inicia com a nomeação da equipe técnica responsável pela execução do projeto. A Comissão de Construção da Nova Capital, chefiada pelo engenheiro Aarão Reis, ergueu a cidade a partir de uma perspectiva voltada para o controle e a ordem sociais. Tal procedimento visava à consolidação do regime republicano que não poderia ter seu ideal de progresso arruinado. Nesse sentido, os traços desenhados na planta demarcariam não apenas o espaço em branco da folha de papel, mas também delimitariam o percurso de quem iria transitá-lo.

A preocupação com o controle social encontra refletida na forma como a cidade foi desenhada. Influenciada diretamente pelas ideias positivistas, Belo Horizonte foi dividida em três setores. O primeiro, delimitado pela Avenida do Contorno, abrigaria a administração, as repartições públicas, os funcionários e as ricas famílias ouro-pretanas. O segundo, instalado fora dos limites da Contorno, serviria de abrigo aos pobres. Por último, o terceiro tinha como função o abastecimento e, por isso, destinava à instalação de chácaras e sítios. Essa forma de lidar com o espaço sugere a divisão do conhecimento postulada por Augusto Comte. Caminhando da periferia para o centro, a zona destinada ao plantio corresponderia ao primeiro estágio comteano, a teologia. Seguindo o percurso, a área demarcada para o seguimento pobre da população seria como o segundo estágio da teoria de Comte, a metafísica. Por último, a chegada à zona urbana remeteria à imagem do terceiro estágio comteano, a ciência. Este último representaria o conhecimento ordenado e progressista atingindo seu ponto máximo, o saber científico, aplicado ao planejamento urbano.

Espécie de orquestra sinfônica, em que as dissonâncias não seriam permitidas, o centro da nova cidade com o traçado de ângulos retos previa apenas o lado sinfônico. Não é por acaso que o desenho da planta da área central remete à imagem de um tabuleiro de xadrez. Cada peça do jogo tem o lugar demarcado onde lhe é permitido transitar.

Os anos passaram e a história de Belo Horizonte ficou registrada nos escritos de cronistas e historiadores. Abílio Barreto, por exemplo, foi um dos precursores no registro dos primeiros anos de fundação da nova capital. Além dessas fontes fundamentais para a preservação da história e da memória, há outras importantes encontradas em romances, crônicas, poemas, dentre outros. No romance *Beira-Mar*, de Pedro Nava, Belo Horizonte surge dividida entre o passado tranquilo e o presente agitado. Em *Belo Horizonte Bem-Querer*, de Henriqueta Lisboa, a capital de Minas tem o percurso histórico narrado sob a forma de versos que trazem outro modo de percepção do espaço urbano. No poema “Triste Horizonte”, Carlos Drummond de Andrade apresenta uma cidade em franca transformação.

Entre as fontes mencionadas, a maneira de registrar a história e a memória segue diferentes caminhos. Nos relatos históricos, quase sempre os fatos são apresentados a partir de uma determinada ordem cronológica, com destaque para grandes feitos e figuras, impressos nas páginas dos livros didáticos.

Nos relatos literários, a possibilidade de uma leitura não linear, resultante das idas e vindas no texto, abre caminho para outros pontos de vista. Tomando como exemplo a capital, as denominações Belo Horizonte e Cidade Jardim parecem criar a imagem de lugar paradisíaco, onde não há problemas e a vida segue em perfeita harmonia. Uma leitura desse espaço a partir do viés literário possibilita entendê-lo de modo múltiplo e diverso, revelando as dissonâncias aí encontradas. Sob tal perspectiva, os textos literários vão muito além dos históricos, presos às amarras do tempo. “Construir, por este caminho, possíveis leituras é descrever e articular os fios secretos e descontínuos do discurso da cidade; é tentativa de ler o ilegível. Aprender, portanto, seus sentidos múltiplos [...]” (GOMES, 1994, p.16).

Como leitores atentos do espaço urbano, os escritores, ao produzirem narrativas que ultrapassam a realidade imediata, permitem a emergência de novos olhares e saberes a respeito da cidade. O resultado disso se traduz na produção de textos “que vão além do simplesmente visível, da realidade palpável, contribuindo não só para a revitalização do espaço como também para a produção de determinados imaginários das cidades.” (ALVES, 2002, p. 10). Isso permite não somente perceber o espaço citadino a partir de uma perspectiva múltipla, mas também de percebê-lo enquanto texto que se constrói na diversidade de seus atores sociais.

A imagem da cidade projetada para o controle social não resiste ao tempo. O ideal republicano e positivista de constituir um espaço, em que os habitantes seriam movidos como peças de um jogo, desconstrói sob o ponto de vista da literatura. Discorrendo sobre o tema, Fernando Luiz Camargos Lara escreve a respeito da contaminação do projeto original de Belo

Horizonte. Adotando a perspectiva do deslocamento, o autor analisa no romance *Beira-Mar*, de Pedro Nava, o conflito entre duas cidades sobrepostas: a tranquila Belo dos anos 20, perturbada por Nava, “e a frenética cidade, que o perturba nos anos 70, espelho de um *corpus* já amadurecido, sofrido, contaminado.” (LARA, 1996, p. 22).

A relação passado e presente, ideal e real, também ganha voz no poema *Belo Horizonte Bem Querer*, de Henriqueta Lisboa. Nascida em 1901, no município de Lambari/MG, a autora mudou para o Rio de Janeiro em 1924. Em 1935 veio morar em Belo Horizonte, onde falece em 1985. No final dos anos 60, ela foi informada de que seria homenageada com o título de “Cidadã Honorária de Belo Horizonte”. Conforme afirmações da autora: “Recebi comovidamente, em setembro de 69, a comunicação de que o [...], então prefeito, sancionara a lei através da qual a Câmara [...] houvera por bem conferir-me o título de Cidadã Honorária de Belo Horizonte.” (LISBOA, 1972, p.7).

Como forma de agradecimento, a poeta escreve *Belo Horizonte Bem Querer*. Datado de 1972, o texto, logo na apresentação, rompe com velhas fórmulas. Ao invés de fazer um discurso tradicional, Henriqueta lê o poema. Baseada principalmente nos registros de Abílio Barreto, evoca “os primitivos tempos – singelos e bucólicos – da urbe agora em apogeu.” (LISBOA, 1972, p. 7). Encerrando os comentários acerca do texto, encontram as seguintes palavras: “De acordo com minha primeira intenção, de natureza coloquial, BELO HORIZONTE BEM QUERER é um poema simples e carinhoso.” (LISBOA, 1972, p. 7) (caixa alta da autora). Após a leitura desse trecho, a impressão que se tem é que há uma segunda ou outras intenções. Por trás da sutileza das palavras parece haver uma provocação, no sentido de instigar a curiosidade para a leitura desses versos.

O longo poema foi dividido em séries que juntas constituem o livro *Belo Horizonte Bem Querer*. Cada uma representa um poema, compondo um conjunto de 28 séries. Como se formassem a roda de uma ciranda, girando e aumentando a cada nova mão a entrar no círculo, as partes se unem e no final se fecham em torno do poema. Na maior parte do poema os versos são curtos e as rimas, imperfeitas. A presença de poucas vírgulas parece dar aos versos maior rapidez de leitura, aumentando a musicalidade, sugerida pelas assonâncias e aliterações.

Há no livro sete gravuras assinadas pela ilustradora Ruth Werneck. A primeira delas, colocada na capa, traz o desenho da fazenda do Leitão. Uma das primeiras construções da capital, o casarão representa parte do que restou do arraial de Curral Del Rei, demolido para abrigar a nova cidade. A sede da fazenda deu origem ao Museu Histórico Abílio Barreto.

O último desenho apresenta uma página com inúmeros arranha-céus ocupando por inteiro o espaço. Os versos seguintes, a série final, também preenchem a folha como um todo.

O poema narra o percurso histórico da capital mineira, da origem ao início dos anos setenta. Nesse trajeto, percorrido a partir de uma geografia sentimental, diversas imagens sugerem as transformações ocorridas no projeto original da cidade. O sonho republicano de controle da natureza e das pessoas, a partir da ideia de progresso aplicada no âmbito urbano, não resiste ao correr dos anos. Dos tempos primitivos, chamados por Henriqueta de singelos e bucólicos, Belo Horizonte chega à década de setenta, transformada pelo crescimento desordenado. A falta de planejamento, a paralisação da cidade na greve de professores da rede pública e de trabalhadores da construção civil ajudaram a compor o caos vivido pelos belo-horizontinos. Da aparente tranquilidade dos versos do poema, emerge não apenas o sentimento de amor da autora, mas também um olhar crítico sobre a história da capital de Minas. O bucolismo e a singeleza dos tempos de outrora, intenção primeira da autora, cedem lugar a outras intenções reveladoras de uma cidade que perdeu suas medidas, como uma “sinfonia com ásperas dissonâncias.” (p.73).

O desejo da emergente elite republicana, concretizado sob a forma de cidade planejada, não encontra no presente a mesma ressonância do passado. Com o passar do tempo, Belo Horizonte cresceu além dos limites impostos por seus idealizadores e contrária aos discursos da beleza, da disciplina e da ordem. Como as cidades contemporâneas, a capital mineira também perdeu suas medidas. A tão sonhada imagem da harmonia mostra-se multifacetada, paradoxal, contaminada pelo conflito e a desordem.

A leitura atenta e de cabeça erguida, como sugere Roland Barthes, abriu caminho para a análise de *Belo Horizonte Bem Querido*, a partir de um olhar múltiplo e dissonante. Isso permite discorrer sobre a história e a memória da capital de Minas, apresentando não apenas as imagens constituintes da cidade perfeita, mas também aquelas destoantes contrapostas “ao idílico quadro pintado pelos republicanos.” (ALVES, 2002, p. 15). Sob tal perspectiva, a Belo Horizonte real e multifacetada vem à tona, mostrando que uma cidade vai muito além das intenções de seus construtores e administradores.

No livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, o personagem Marco Polo afirma a Kublai Khan que “de uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.” (CALVINO, 1990). O poema *Belo Horizonte Bem Querido* vai ao encontro das palavras de Marco Polo, à medida que sua leitura revela um olhar capaz de romper com os limites do espaço planejado. Dessa ruptura, a cidade pode ser compreendida não só a partir de suas maravilhas, como desejavam os construtores,

mas, sobretudo, pela diversidade de contradições por ela suscitada. A busca de resposta para tais questões significa ler textos leitores da cidade. A esse respeito, parece caminhar *Belo Horizonte*: a cidade escrita, organizado por Wander Melo Miranda. Curiosamente, a abertura do livro se faz com um texto de Machado de Assis, publicado na *Gazeta*. Sem perder tempo, Machado comenta que o nome da capital mineira mais parece uma exclamação. O texto de encerramento do livro representa um trecho do poema *Belo Horizonte Bem Querer*. “[...] Uma cidade é sinfonia com ásperas dissonâncias.” (p.262). A imagem sugerida aponta para outro modo de narrar a história da cidade, partindo de um suposto tom irônico que alcança o apogeu no poema de Henriqueta Lisboa.

Esta dissertação visa demonstrar como se constitui no poema o olhar capaz de perceber a cidade enquanto lugar de contradições. Como a autora consegue engendrar outro caminho que, ao fugir das velhas fórmulas engessadas, abre possibilidade para enxergar em um mesmo horizonte pares de opostos como: sinfonia e dissonância, humano e desumano, alto e baixo, choupana e arranha-céu. Como o texto amplia as perspectivas para lidar com contradições sem perder de vista o sentimento de bem querer a Belo Horizonte.

Como hipótese a servir de norte, parte-se do pressuposto de que o poema vai além do circunstancial, do que salta aos olhos imediatamente, para entender a cidade de dentro para fora a partir de uma essência em contínuo movimento. A análise proposta constitui de três conceitos fundamentais. O de ‘geografia sentimental’ permitirá a apresentação das imagens do poema, tendo em vista o sentimento de amor da autora pela cidade. O de ‘topoanálise’ fornecerá a análise do espaço citadino, partindo da diversidade dos elementos que o compõem. Por último, a ‘desconstrução’ abrirá caminho para uma leitura crítica, capaz de revelar a visão diferenciada que perpassa o sentimento de bem querer à capital.

Em razão da necessidade de um ponto de vista múltiplo para compreender a cidade, o estudo proposto parte da leitura de variados textos. As fontes consultadas vão de registros históricos, a poemas, coletâneas e estudos críticos sobre a capital mineira. Como a maioria dos poemas de *Bem Querer* parece indicar duas possibilidades de interpretação, sugerindo um equilíbrio entre ambas, algumas citações repetem no texto, visando demonstrar esse duplo caminho.

No primeiro capítulo, “Belo Horizonte Bem Querer: imagens de uma geografia sentimental”, são apresentadas imagens que revelam o amor da autora pela cidade que a acolheu. Construções, lugares, acontecimentos e algumas personalidades históricas entram em cena ajudando na compreensão desse sentimento de bem querer. Como a autora afirmou ter consultado os escritos de Abílio Barreto para escrever o poema, esta parte do trabalho

compara o texto da poeta com o do historiador. A análise inicia com a chegada do primeiro povoador até a escolha do lugar destinado à sede da nova capital.

No segundo capítulo, “Imagens-reverso: um olhar crítico sobre a visão de mundo positivista”, são analisadas imagens que ressaltam das entrelinhas do poema, revelando o olhar crítico sobre a cidade de Belo Horizonte. O percurso vai das ideias norteadoras da construção até o início dos anos setenta.

No terceiro capítulo, “Do verso ao reverso: um olhar crítico”, as imagens constituintes do trajeto geográfico sentimental são contrapostas às imagens-reverso. A contraposição aponta para o modo como o poema analisado aborda as imagens das contradições existentes na cidade planejada e erguida sob o signo da ordem, da beleza e do progresso.

## CAPÍTULO 1

### ***BELO HORIZONTE BEM QUERER: imagens de uma geografia sentimental***

#### **1.1 De Horizonte a Belo Horizonte**

Minas Gerais, este ponto  
de alfinete no teu mapa  
vai mudar-se numa estrela.

Henriqueta Lisboa

O referido ponto de alfinete no mapa de Minas mencionado nos versos acima não tinha a menor ideia de que um dia se transformaria em estrela e sua história já havia começado. O ponto, futura cidade de Belo Horizonte, bem antes de se transformar na capital mineira, antes mesmo de ser demarcado pelas linhas ou traços de um projeto, surge a partir das trilhas abertas pelos descobridores da região. Botas de couro, guiadas por “firmes passos bandeirantes”, tendo à frente João Leite da Silva Ortiz, chegaram ao local em 1701, abrindo caminho para a fundação do primeiro povoado. A partir também desse marco histórico, têm início os versos do poema *Belo Horizonte Bem Querere*, a saber:

Em certo planalto agreste  
ao pé de montes de ferro,  
ladeando bichos selvagens  
ressoam botas de couro  
firmes passos bandeirantes.  
João Leite da Silva Ortiz  
- paulista de alta linhagem -  
com soberba marcha à frente.  
Mil setecentos e um  
dia de sol com rubis  
flamejando no horizonte.  
[...]  
(LISBOA, 1972, p. 9)

À semelhança de uma orquestra sinfônica ou de uma ciranda, cujos elementos se unem passo a passo, os versos do poema marcham à frente, interligando fatos históricos, mencionando os primeiros ocupantes da região, sem perder de vista as árvores, flores e frutos aí encontrados. Sob tal perspectiva, o ponto de alfinete ganha novas proporções e se expande sob a forma de círculo, conhecido mais tarde como a fazenda do Cercado. Em torno dessa

construção e a partir do trabalho de variadas mãos, palmo a palmo, o Cercado se alarga, conforme registrado nos versos de *Belo Horizonte Bem Querido*:

Branco pardos pretos índios  
de mãos dadas em ciranda  
de vencida palmo a palmo  
vão alargando o Cercado  
desde o Serro das Congonhas  
às plagas da Alagoinha.  
(LISBOA, 1972, p. 11)

A extensa faixa de terra sob o domínio do bandeirante Ortiz compreendia desde o pé da Serra das Congonhas, mais tarde denominada Serra do Curral, até a Lagoinha. De acordo com o registrado na carta de sesmaria legalizando a posse das terras: “Comessando a sua datta do pé do Serro das Congonhas até a Alagoinha, estrada que vay para os corraes da Bahia, que será hua legoa, e da ditta estrada correndo para o rio das Velhas três legoas por encheyo”<sup>1</sup>. As condições topográficas favoráveis permitiram o surgimento de atividades agrícolas e da criação de gado nessa região. Com o tempo, o local assumiu papel importante no abastecimento das regiões mineradoras, localizadas no entorno do Rio das Velhas.

De acordo com Abílio Barreto (1995, p. 98), no livro *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*, João Leite da Silva Ortiz “foi o descobridor e primeiro povoador da localidade onde, 196 anos mais tarde, seria instalada a nova Capital de Minas Gerais.” De pequena construção, a fazenda do Cercado viu suas terras se expandirem, transformando no povoado de Curral Del Rei, que mais tarde constituiu o espaço no qual foi fundado Belo Horizonte. A localização estratégica da fazenda transformou-a em ponto de referência para a concentração do gado proveniente da Bahia e da região do São Francisco. Os rebanhos, que tinham como destino o abastecimento das regiões auríferas, eram registrados nas Abóboras (Contagem) para recolhimento dos impostos. Em 19 de janeiro de 1711, o governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho concedeu a Ortiz a legalização das terras. O termo de posse, concedido por carta de sesmaria, iniciava com as seguintes palavras:

Faço saber aos q'. esta minha Carta de Sesmaria virem q', havendo respto. ao q'. por sua petição me enviou a dizer João Leyte da Silva, q'. ele suppte., em o ano passado de 1701 fabricou fazenda em as minas no distrito do Rio das Velhas em a paragem aonde chamão o Sercado, e na dita fazda. teve plantas e criações, de que sempre pagou dízimos e situou gado vacum, tudo em utelidade da fazenda real e conveniência dos minros. (BARRETO, 1995, p. 93).

---

<sup>1</sup> A Carta de Sesmaria legalizando a posse das terras de João Leite foi assinada pelo governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, aos 19 de janeiro de 1711, conforme registrado na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano X, fasc. III e IV, de 1905.

Com a intenção de proteger tantas idas e vindas dos moradores e dos visitantes de Curral Del Rei , em nome da fé cristã, ergueu-se a capela de Nossa Senhora da Boa Viagem. Nos versos de Henriqueta:

Alguém se ajoelha no barro  
 Finca as primeiras estacas  
 Prepara os tijolos, seca-os  
 e levanta quatro muros  
 que recobre de sapé.  
 Eis o primeiro santuário  
 [...]
 No pequeno templo rústico  
 outro alguém se ajoelha e implora  
 - tantas luas vão passando! –  
 por aquele que demora  
 a regressar das andanças.

Do alto a lua com o véu solto  
 veste a igreja de noiva.  
 (LISBOA, 1972, p. 17)

Esse primeiro santuário coberto de sapé invocava o nome da “santa da predileção dos bandeirantes e forasteiros, em virtude das condições de vida nômade que levavam.” (BARRETO, 1995, p. 108). Nos versos de *Bem Querer*, o momento histórico representado pela fundação dessa antiga capela tem sua singeleza caracterizada do seguinte modo: uma imagem real, simbolizada pelo desenho de uma pequena igreja; outra imaginária, sugerida pela gradação entre alguns versos. No primeiro caso, o leitor depara com o desenho de uma igreja que se destaca no meio de algumas casas esparsas. A ilustração apresenta traços simples em consonância com o “pequeno templo rústico”. A gravura do santuário tem ao fundo um enorme espaço sem construções. Tal imagem parece remeter à ideia de algo presente em um horizonte ainda a ser desbravado. No segundo caso, a gradação inicia na palavra ‘santuário’, passa por ‘templo’ e chega ao termo ‘igreja’. Isso parece sugerir que algo grandioso teve sua origem em algo muito simples. Do barro, das estacas fincadas, da cobertura de sapé, originou a igreja que, mais tarde, deu lugar à construção da imponente igreja matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem.

José Afrânio Moreira Duarte em *Henriqueta Lisboa: plena poesia* (1996) comenta sobre os livros de poesia de Henriqueta Lisboa. Quanto a *Belo Horizonte Bem Querer*, o autor destaca a forma primorosa como a poeta voltou o olhar para a capital de Minas. Além disso, Duarte chama atenção tanto para o cuidado na edição do livro, enriquecida com desenhos de

Ruth Werneck, quanto para as numerosas pesquisas realizadas pela autora. Em relação aos versos em que figura a imagem da igreja, o escritor afirma:

Deste modo simples e belo, Henriqueta Lisboa evoca a fundação da antiga Igreja da Boa Viagem, primitivamente construída no mesmo local onde se ergue o majestoso templo de hoje, com o mesmo nome. [...]  
Sucedem-se, lado a lado, temas históricos, o que vem dar uma ideia precisa e bastante significativa dos múltiplos aspectos da Capital Mineira: seu planejamento, o sítio escolhido, as flores, a cidade transformando-se, pouco a pouco, em doce sonho concretizado (DUARTE, 1996, p. 76).

Após trazer à memória, sob a forma de poesia, o instante da fundação de um dos marcos iniciais da história de Belo Horizonte, Henriqueta contempla também pequenos detalhes como as frutas saboreadas pelos habitantes do local.

[...]  
As mangas pendem das ramadas  
corações à flor da epiderme  
em meio a corações parceiros.  
As laranjas – taças de vinho  
com bagos de mel. Os pêssegos  
doce premura de veludo  
seivosa trinca para os dentes.  
(LISBOA, 1972, p. 19)

Esses versos parecem sugerir um fato interessante em torno da história da capital. João Leite, ao chegar às terras de Minas em busca “de boas faisqueiras de ouro” (BARRETO, 1995, p. 91), fixou-se na região não por ter descoberto o nobre metal, mas pela riqueza do solo e das condições climáticas favoráveis à agricultura e criação de gado. Essas atividades transformaram o lugar em importante centro de abastecimento das áreas mineradoras. Sob tal perspectiva, o cultivo de frutas ganhou papel de destaque no desenvolvimento econômico da região. As mangas, laranjas, pêssegos, ao lado de cabeças de gado, ironicamente, constituíram a grande riqueza de Ortiz. A ironia encontra-se no fato de o desenvolvimento da localidade iniciar não com a exploração de ouro e pedras preciosas, mas com o investimento em dois setores pouco explorados, a saber, o agrícola e o pastoril.

O desejado metal, razão de muitas idas e vindas de aventureiros bandeirantes, não havia em abundância nas terras da fazenda do Cercado. Segundo Abílio Barreto (1995), isso pode ser comprovado pela carta de sesmaria concedendo a posse definitiva das terras a João Leite ou por registros de Augusto de Lima.

Efetivamente, segundo a carta de sesmaria concedida a Ortiz pelo governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, ele “fabricou fazenda em as Minas no districto do rio das Velhas, em a paragem aonde chamam o Cercado e *na dita fazenda teve plantas e criações de que sempre pagou dízimos e situou gado vacum*, tudo em utilidade da fazenda real e conveniência dos mineiros.” (BARRETO, 1995, p. 99). (grifos do autor)

Reforçando a nossa opinião e as nossas conclusões sobre a não-existência de tais lavras, eis o que escreveu o mestre Augusto de Lima na *Revista do Brasil*, em 1907: “Não é inverossímil presumir que o iluminado planalto, onde pousa a formosa capital mineira, foi atingido nos primeiros albores do século 18. A expedição do Borba Gato deixou vestígio em todo o percurso do rio das Velhas e de seus numerosos tributários. [...] O leito do ribeirão e os de seus numerosos afluentes não ofereciam o rico e excelente cascalho aurífero. [...] Em compensação a esse malogro, rasgava-se ao olhar do bandeirante uma das mais grandiosas e belas perspectivas que a natureza pode oferecer.” (BARRETO, 1995, p. 100).

Tendo como argumento as duas citações, é pouco provável que houvesse fartura de metal precioso nas terras da fazenda de Ortiz. A fortuna do bandeirante, em certo sentido, veio de outro tipo de ouro, a saber, do amarelo dos cereais cultivados, do verde das árvores frutíferas destinadas ao abastecimento, das ricas pastagens e das cabeças de gado. Essa espécie de “ouro verde”, origem da riqueza e prosperidade do Cercado, ganhou as páginas de *Belo Horizonte Bem Querer*:

Vinde ver o resto dos troncos  
 - braúna sucupira peroba  
 canela angelim caviúna –  
 decepados para ripas e caibros  
 da fazenda de Ortiz.  
 Vinde ver os esteios  
 de engenho paiol senzala  
 e da casa grande de Ortiz.  
 Aqui celeiros refertos  
 de cereais – ouro puro  
 para defesa da usura.  
 Ali o gado de corte  
 - muge bois na boa engorda –.  
 Lá está o gado leiteiro  
 - leite escorre em lua cheia –.  
 (LISBOA, 1972, p. 13)

Entre os versos de Henriqueta acima transcritos e a referida citação de Augusto de Lima, há um ponto de convergência. Ele comenta a respeito de uma grandiosa e bela perspectiva da natureza que se rasga “ao olhar do bandeirante”; ela inicia os versos com a expressão “Vinde ver”, como se estivesse chamando para ver o que a natureza proporcionou ao bandeirante. Do ponto de vista poético, árvores, cereais, cabeças de gado e leite se transformam em “ouro puro”, compensando a ausência do ouro real.

As terras de Curral Del Rei, “como um dos mais providos celeiros de cereais que abasteciam as grandes minerações da zona do rio das Velhas” (BARRETO, 1995, p. 112), não demoraram a prosperar. O desenvolvimento surgiu do comércio de produtos agrícolas e da criação de gado, o que possibilitou a comunicação com outras regiões. Ao lado disso, conforme Barreto (1995, p. 113), “voava nas asas céleres da fama a notícia das grandes descobertas de ouro que se iam fazendo nas ‘gerais’[...]” o que atraiu muitos forasteiros.

A prosperidade da região atraiu também a atenção do fisco, com sua pesada carga de tributos. Nos versos de *Belo Horizonte Bem Querer* :

Então chegou o homem do fisco  
E conta e cunha e fiska o fisco  
tributo imposto taxas quintos  
tantas arrobas tantas libras  
quantas cabeças e negaças  
turras pelejas e confiscos  
escaramuças e condenas.

E lá se vão para o Reino  
as mais gordas espigas.  
(LISBOA, 1972, p. 13)

A riqueza de Curral Del Rei, com suas “tantas arrobas” e “as mais gordas espigas”, lá se foram para a usura do Reino Português. Boa parte dos lucros da produção, sob a forma de variados tributos, incluindo o mais conhecido na história de Minas - o Quinto - tinha como destino as mãos do “homem do fisco”. Contar, fisgar, confiscar, escaramuçar e condenar eram palavras de ordem para garantir que “as mais gordas espigas” fossem destinadas ao deleite d’El Rei.

Com o passar do tempo, em razão da “grande quantidade de gado vindo dos sertões da Bahia e do S. Francisco, para o abastecimento das zonas auríferas, Cercado tornou-se um dos pontos de concentração dos rebanhos transitados pelo registro das Abóboras” (BARRETO, 1995, p. 107). Esse posto de arrecadação, em nome do fisco, registrava a contagem das cabeças de gado destinadas ao comércio e pagamento dos tributos. Nas palavras de Barreto (1995, p. 107), “durante algum tempo as taxas foram de uma oitava<sup>2</sup> de ouro por cabeça e mais tarde duas oitavas e meia.”

Os versos “E o céu se fechou em círculo / ao derredor do Cercado.” (p. 10) encerram a primeira série do poema *Belo Horizonte Bem Querer*. Em uma época de horizontes a serem desbravados, de início da ocupação do local, tais versos parecem

---

<sup>2</sup> Uma oitava de ouro correspondia a 3,5 gramas.

demonstrar que seriam necessárias muitas bênçãos para guiarem os caminhos dos ocupantes daquelas terras. Nessa perspectiva, o céu parece constituir uma capa protetora, ao se fechar ao redor do Cercado. Tal imagem ganha maior projeção, quando “alguém se ajoelha no barro finca as primeiras estacas prepara os tijolos, seca-os e levanta quatro muros” (p.17), erguendo a primeira capela dedicada a Nossa Senhora da Boa Viagem.

Tanto trabalho e esforço, tantas idas e vindas, sem perder de vista as invocações celestes, trouxeram prosperidade às terras do bandeirante Ortiz. Todo esse desenvolvimento, além de atrair forasteiros para a região, atraiu a atenção do fisco português. “Tributo imposto taxas quintos” (p. 21), versos de *Bem Querer*, apontam para um novo cerco que se fechou em torno dessas terras, a saber, a fiscalização. O modo como Henriqueta apresentou os versos, do elemento geral para o particular, sugere a exploração tributária, que retirou daquelas terras as suas “mais gordas espigas” (p. 21). Reforçando essa ideia, os versos foram dispostos no papel de modo afunilado, dando a entender que de tanto explorar pouco restou.

Cerca de vinte anos passaram e Ortiz, acostumado às idas e vindas dos passos bandeirantes, parte em busca de novas descobertas. Conforme registros de Abílio Barreto (1995, p. 163), “não foi possível saber a quem vendeu Ortiz a sua grande propriedade, ao deixar o Curral Del Rei, em 1721, a fim de ir com o sogro e o irmão desbravar as terras goianas em busca de lavras de ouro.” Anos depois, próximo de completar uma década da partida, o bandeirante morreu em 1730 na vila de Santo Antônio do Recife. A respeito desse acontecimento, Barreto (1995, p. 155-156) relata duas versões: uma registrada pelo historiador Pedro Taques; outra certificada pelo médico Domingos Felipe Gusmão e registrada no testamento de Ortiz. Na primeira, João Leite, sentindo-se fatigado, “pediu ao padre que lhe desse um copo da cocção de sementes de cidra prescrita pelo médico, no que foi prontamente satisfeito. Mas tanto bastou ingerir a bebida fatal para entrar em ânsias horríveis.” Na segunda, o médico afirma o seguinte:

Certifico que assisti ao capitão João Leite da Silva na doença de bexigas de que faleceu, pela qual assistência se me devem quatro mil e oitocentos réis em dinheiro os quais recebi do muito reverendo testamentário do dito o que afirmo pelo juramento do meu grau. Recife, doze de dezembro de mil setecentos e trinta Domingos Felipe de Gusmão.(trecho do testamento citado por BARRETO,1995, p.156)

Se a morte de Ortiz foi ocasionada por envenenamento, ou por doença de bexigas, a fonte consultada não nos permite afirmar qual a verdadeira causa. Sem entrar no mérito da

questão, *Belo Horizonte Bem Querer* dedica algumas palavras de adeus e saudação ao bandeirante:

[...]  
Adeus, Ortiz, boa viagem  
de volta para São Paulo  
do teu São Paulo a Goiás  
de Goiás a Pernambuco  
e de Pernambuco à morte.

João Leite da Silva Ortiz  
eu te saúdo na glória.  
(LISBOA, 1972, p. 24)

Os versos acima, pela última vez, registram o nome de João Leite da Silva Ortiz. As palavras ‘adeus’, ‘saúdo’ e ‘glória’ parecem prestar uma homenagem a quem é considerado o primeiro povoador das terras de Curral Del Rei.

Abílio Barreto, comentando a respeito da existência de uma dívida para com a memória de Ortiz, escreve:

[...]. A ele, pois devemos grande preito de veneração, por ter sido o fundador de um dos mais antigos arraiais de Minas e aquele que havia de ser o centro irradiador da civilização e do progresso para todo o Estado, quando transformado em sua nova capital maravilhosa.  
Mas, se quisermos que seja completa a indenização de nossa dívida para com a memória imperecível de Ortiz, não basta essa veneração espiritual; é preciso que se lhe erga, em uma de nossas mais lindas praças [...] um monumento duradouro, onde fiquem gravados, no bronze ou no granito, o seu nome, o ano de 1701 e uma expressiva legenda de gratidão (BARRETO, 1995, p. 94).

Nesse sentido, os versos de Henriqueta, à semelhança do último adeus a Ortiz, vão ao encontro das palavras do historiador acima descritas. Se há uma dívida resultante da ausência de algum monumento dedicado à memória do bandeirante, os versos de *Bem Querer* parecem prestar essa homenagem. De um simples gesto de adeus a Ortiz, chega-se à saudação na glória, acompanhada do nome completo de João Leite da Silva Ortiz.

Após a venda de suas terras, o bandeirante partiu para outras aventuras em Goiás, São Paulo até a morte em Pernambuco. Se de um lado a caminhada de Ortiz chegou ao fim; de outro, Curral Del Rei continuava a trajetória de prosperidade. Comentando a respeito desse período, Abílio Barreto (1995, p. 179) escreve:

[...] o comércio local era animado e a indústria ganhava mesmo a dianteira na irradiação do movimento criador de fábricas de tecidos em Minas, sendo o distrito do Curral del Rei um dos nossos maiores centros produtores de algodão, [...].

Essa verdade afirmou-a Bernardo Jacinto da Veiga, na sua *Fala* dirigida, em 1839, à Assembléia Provincial (citada pelo Dr. Rodolfo Jacob e por Hildebrando Clark), quando escreveu aquele governador: ‘um estabelecimento de fiação e tecelagem de maior vulto para aquela época foi instalado em 1838, no distrito de Neves Venda Nova, onde uma companhia organizada por Antônio Luís de Avelar pôs, durante algum tempo, em trabalho, três máquinas com 28 fusos e 6 teares, tendo esse maquinismo sido em parte inventado pelo mesmo Avelar e, em parte, por ele melhorado. (BARRETO, 1995, p. 179).

O anúncio desses novos tempos ganha destaque em *Belo Horizonte Bem Querer*, a partir do nome de Antônio Luís de Avelar, ligado à indústria de tecelagem, e de Francisco de Sousa Menezes, responsável pela primeira fundição na região. Em relação ao primeiro, as linhas do poema tecem os seguintes versos:

Antônio Luiz de Avelar  
 com dedos de algodão e lã  
 vinte e oito fusos e seis teares  
 montou indústria de tecer  
 para encanto da redondeza.  
 Tece que tece! Minha ovelha  
 está em ponto de holocausto  
 inclina a cabeça à tosquia.  
 (Ouço os tinidos da tesoura  
 ou são as cordas de um violino  
 cortando o coração da gente?)  
 Tece que tece, maquininha,  
 meu algodoal está bailando  
 a dança dos flocos voadores  
 e os véus são sete vezes brancos  
 ao rosicler da madrugada.  
 (LISBOA, 1972, p. 27)

O verso “rosicler da madrugada” alude à chegada de uma época de prosperidade, cuja imagem aponta para a rosa como símbolo. Essa bela e perfumada flor, além de encantar os olhos e o olfato, tem ainda um punhado de afiados espinhos. A imagem da delicadeza nas mãos de Luiz de Avelar, com seus “dedos de algodão e lã”, à primeira vista, traz encanto à região, montando indústria de tecelagem. Esse encantamento vem seguido da imagem de uma ovelha que de tanta tosquia “está em ponto de holocausto”. Como a ambivalência da rosa, as mãos de Avelar simbolizam a chegada da aurora de novos tempos, ou “do rosicler da madrugada”, anunciando o progresso e suas contradições.

Em relação a Francisco de Sousa Menezes, em *Belo Horizonte Bem Querer*, encontram-se os versos:

Francisco de Sousa Menezes  
 afeito aos malhos e às bigornas  
 tem fundição de ferro e bronze.  
 [...]  
 Sua fama chegou à Corte  
 e cortesmente a Corte o chama  
 para que o veja o Imperador.  
 “Que é que deseja como prêmio,  
 ó Francisco ferreiro?  
 E ele corado pela forja  
 e novas brasas: “Majestade,  
 nada fiz para merecer  
 qualquer recompensa de fato  
 mas o título de Capitão  
 me agradaria”. “Que assim seja,  
 meu Capitão Sousa Menezes”.  
 (LISBOA, 1972, p. 25)

No texto de Abílio Barreto (1995, p. 179), consta que Sousa Menezes instalou uma fundição de ferro e bronze, em 1845, nas terras de Curral Del Rei. Em razão da importância do empreendimento, Francisco Menezes foi chamado à presença do Imperador, que o autorizou “a pedir a recompensa que quisesse” (BARRETO, 1995, p. 179). Apesar dos constrangimentos do empreendedor, que julgava não ter feito nada de grandioso para merecer tamanha homenagem, ele ficou satisfeito com o título de capitão.

*Bem Querere* contemplou esse marco histórico, tendo como referência os registros do historiador Barreto. Nos versos do poema, face à presença do Imperador, o ofício de Menezes surge estampado na expressão do rosto, que se cora como o ferro fundido nas brasas da forja. Do simples gesto de corar diante da figura do monarca, parece ressaltar a imagem de alguém simulando determinada situação. O vocábulo ‘forja’, encontrado no verso “E ele corado pela forja”, supostamente, indica algo forjado. Nesse sentido, o modo humilde como Menezes se dirige ao Imperador seria forjado. Francisco de Sousa Menezes, na realidade, sabia muito bem que o título de capitão muito o agradaria. Não é por acaso que sua fama já havia chegado à Corte.

Após o desfecho dos versos referentes a esse período de prosperidade, outro desenho de Ruth Werneck enriquece as páginas do poema. Desta vez, a imagem da igreja aparece no alto, a distância entre as casas é menor e o espaço aparece mais ocupado. Diferente da primeira ilustração, em que figurava uma capelinha, tendo ao fundo imenso terreno ainda sem construções, a igreja representada é bem diferente: possui duas torres, não assemelha à antiga construção forrada de sapé, ocupa a área central do desenho e não tem mais ao fundo aquela enorme área vazia, sugerindo um longo caminho a percorrer. A fundição de ferro e

bronze, a tecelagem de algodão e lã, junto à figura do novo santuário, prenunciam a chegada de novos tempos. A esse prenúncio, juntam-se os versos:

Vibram notas em pleno acorde  
pela cidade do futuro  
com impulso tão firme e forte  
que à distância ressoa a música.  
Seriam badalos argênteos  
de sinos ao vir da manhã,  
algazarra de adolescentes  
às voltas com o jogo do malho,  
palmas em torno de alvanéis  
à hora de levantar cumieiras,  
ou instrumentos de uma orquestra  
á procura do diapasão?  
Pelo porvir todo o alvoroço.  
(LISBOA, 1972, p. 31)

Os áureos tempos da mineração entraram em declínio. Sem a abundância do cobiçado ouro, Minas Gerais já não atrai tantos aventureiros como nos tempos de outrora. As terras de Curral Del Rei diminuem o ritmo do crescimento, até atingirem um longo período de estagnação. Enquanto isso, Ouro Preto sofre os efeitos da escassez do metal que a transformou em vila rica, passando a ser questionada enquanto sede do governo mineiro. Nesse cenário de novas aspirações políticas, a antiga ideia de mudar a capital de Minas vem à tona.

Nos versos de *Belo Horizonte Bem Querido*, o desejo de mudança nasce, pouco a pouco, como o despertar de uma flor, que inicia no embrião e atinge o ponto máximo na abertura da sua corola. Como escrito por Henriqueta:

A idéia veio de remotos  
tempos. A idéia veio vindo  
pingo de chuva na vidraça  
logo fios resvalados  
embrião semente tenro broto  
palpitação de trepadeira  
para ganhar maior impulso  
[...]  
A idéia vem com pertinácia  
recua avança mais um passo  
as vozes têm eco à distância  
rodopia a rosa dos ventos  
o sol que a doura é uma promessa  
e eis que um dia de verde luz  
a idéia é uma corola aberta:

A Capitania de Minas  
deve ter nova Capital.  
(LISBOA, 1972, p. 41)

Pingos na vidraça, embrião, semente, broto compõem a imagem de algo pequeno, que ganha força com o passar do tempo, deixando de existir apenas no campo da ideia ou da promessa para tornar realidade. Caminhando em ritmo de ciranda, a ideia “recua avança”, ganha novos impulsos e se materializa na construção da nova cidade, nas terras do arraial.

De acordo com Abílio Barreto (1995, p. 279), a primeira capital de Minas Gerais foi Ribeirão do Carmo (atual Mariana), “elevada a vila a 8 de abril de 1711”. Nesse mesmo ano, o arraial de Ouro Preto também passou à vila, sob a denominação de Vila Rica. Com o crescimento desta última, em razão das lavras de ouro, o lugar se transformou “em foco de rebelião e motins frequentes, e tendo ainda em vista ser a vila do Ribeirão do Carmo muito próxima de Vila Rica, ambas, portanto, sobremodo expostas às arremetidas dos motineiros, concebeu a idéia de mudar a sede do governo para Cachoeira do Campo.” (BARRETO, 1995, p. 281).

A primeira tentativa de mudança não se efetivou. Em 1720, a capital foi transferida para Vila Rica, em razão do número de habitantes e das condições econômicas favoráveis. No entanto, o terreno acidentado desta vila em pouco tempo seria considerado obstáculo ao progresso de Minas Gerais. “[...] a sua situação topográfica não lhe permitiria um desenvolvimento à altura da grandeza e prosperidade futura de Minas, e que o ser despojada de sua bela posição de capital era questão apenas de tempo, [...]” (BARRETO, 1995, p. 282).

Mais uma vez, o pensamento a favor da mudança da capital entra em cena, por ocasião da Inconfidência Mineira em 1789. Uma das reivindicações dos inconfidentes era instalar a sede do governo em São João Del Rei que, além de ocupar melhor posição geográfica, tinha alimentos em grande quantidade. Em *História da Conjuração Mineira*, Joaquim Norberto, escreve: “Seria a Vila de S. João Del Rei a capital da República, ficando a Vila Rica, por compensação, a alta glória do assento das ciências, pois dotá-la-iam com uma universidade.”(NORBERTO, Joaquim. *História da Conjuração Mineira apud* BARRETO, 1995, p. 283). Com o fracasso desse movimento, novamente, a ideia da mudança recuou, adormecendo até a Independência do Brasil em 1822.

Com a queda da Monarquia e ascensão da República, em 1889, Ouro Preto, enquanto centro do governo mineiro, passa por inúmeros questionamentos, tendo como argumentação o declínio econômico, a topografia acidentada e a forte ligação com o antigo poder. Esse momento histórico no poema *Belo Horizonte Bem Querer* inscreve-se nas seguintes palavras:

O trono cai. Viva a República!  
 Abaixo o nome desse burgo  
 chamado de “Curral del Rei”  
 à falta de melhor batismo.  
 Já no Clube Republicano  
 vai José Carlos Vaz de Melo  
 propor e expor alternativa.  
 Mas o nome predestinado  
 ocorre a mestre Luis Daniel.  
 E o que decreta João Pinheiro  
 (calendário doze de abril  
 mil oitocentos e noventa)  
 nos enternece por decreto  
 de devoção amor orgulho  
 e tudo mais: Belo Horizonte.  
 (LISBOA, 1972, p. 33)

Com a implantação do regime republicano, além de Ouro Preto, Curral Del Rei simbolizava o vínculo com o passado monárquico, que deveria fazer parte de uma época superada. Como registrado nos versos acima, a denominação ‘Curral Del Rei’ precisa ser mudada, pois sugere a imagem de um curral, onde animais confinados têm a liberdade presa nas mãos dos donos ou senhores. Reforçando a chegada dos novos tempos, outra ilustração, representada por cavalos soltos correndo livremente, ajuda a compor a ideia de mudança ou de antigo desejo de liberdade, que, passo a passo, vai surgindo dos versos do poema de Henriqueta Lisboa.

Belo Horizonte, a denominação escolhida, “exprimiu naturalmente o espetáculo que a localidade apresentava sempre aos olhos de todos e era o mais justo motivo dos constantes elogios que lhe faziam os seus visitantes.” (BARRETO, 1995, p. 230). Nos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*, isso se traduz em palavras como ‘devoção’, ‘orgulho’, ‘amor’, ‘enternecimento’ “e tudo mais: Belo Horizonte.” (p.33)

## 1.2 Belo Horizonte: o nome predestinado

Certo tom misterioso, envolvendo luas, véus, madrugadas, nuvens, a fundação do primeiro santuário, flocos voadores de algodão, notas vibrando em pleno acorde, “badalos argênteos de sinos”, emerge dos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*. Deixando mais nebulosa ainda essa atmosfera, há no poema a seguinte passagem:

Ergue-se então coroando a festa  
o oráculo de Dom Viçoso  
numa visita pastoral  
(LISBOA, 1972, p. 31)

O termo ‘oráculo’ aponta para o tom de mistério contido nas palavras premonitórias de Dom Viçoso. A palavra ‘viçoso’, é interessante notar, significa algo exuberante, vegetação bem tratada, o que, de certa forma, remete à imagem de boa aparência que a região causava aos olhos dos visitantes como já dito. A respeito do assunto, Abílio Barreto escreveu no livro *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*:

[...] o arraial caminhava para os grandes destinos que lhe havia traçado a sua boa estrela e cuja profecia fora feita pelo padre Arantes e por alguns curralenses, naquele tempo em que o velho Curral não passava de obscuro burgo, entre as grandes cidades e vilas de Minas.  
Ora em progresso, ora em decadência, conforme os acontecimentos lhe alteravam o ritmo da existência, caminhava para o fim desta e para o início de uma outra mais gloriosa – isto é, ver-se convertido na formosa e brilhante capital de Minas.  
(BARRETO, 1995, p. 221)

h

No fragmento acima, além da ideia de certo mistério, nascida da profecia do padre Arantes acerca “de obscuro burgo”, há menção ao arraial caminhando rumo ao destino traçado por “sua boa estrela”. No poema de Henriqueta, isso se converte na imagem do ponto de alfinete no mapa de Minas Gerais que um dia se tornaria estrela. Ainda nos versos de *Bem Querer*, as mãos unidas de brancos, pardos, pretos e índios, em forma de ciranda, alargam as terras da fazenda do Cercado. O movimento de ir e vir da ciranda capta de maneira poética o trecho “Ora em progresso, ora em decadência, conforme os acontecimentos lhe alteravam o ritmo da existência”.

A beleza da região, com seu viço que encanta o olhar dos visitantes, aos poucos se revela, à medida que o tempo passa. Nesse percurso, trilhado entre luas, sinos, véus, “aéreos arco-íris [...] à luz do cristal e em dossel”, o horizonte, ainda misterioso, pois não era conhecido, vai ganhando novos contornos, assumindo a forma de um belo horizonte. Esse

belo, materializado em palavras como ‘vergel’, ‘dossel’ e ‘verdejantes’, também se encontra em termos como ‘nume’ e ‘aéreos arco-íris’, presentes nos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*:

Belo Horizonte belo nume  
de claridade em amplitude  
vasta clareira de vergel  
braços abertos em rompante  
retouça em círculo painel  
de aéreos arco-íris em bando  
fortes cavalos cavalgando  
arquibancadas verdejantes  
à luz do cristal em dossel.  
(LISBOA, 1972, p. 37)

O “belo nume de claridade em amplitude” tem nome e se chama Belo Horizonte, denominação escolhida, conforme lavrado no Decreto nº 36, de 12 de abril de 1890:

O doutor governador do Estado de Minas Gerais resolve determinar que a freguesia do Curral del Rei, município de Sabará, passe a denominar-se de ora em diante Belo Horizonte, conforme foi requerido pelos habitantes da mesma freguesia. Neste sentido expeçam-se as necessárias comunicações. Palácio, em Ouro Preto, 12 de abril de 1890 – João Pinheiro da Silva. (MINAS GERAIS. Decreto n. 36, de 12 de abril de 1890 *apud* BARRETO, 1995, p. 232)

A escolha do nome, para Henriqueta Lisboa, constitui motivo de enternecimento, devoção, amor e orgulho e tudo mais que o nome Belo Horizonte possa significar. Nos dizeres da própria autora:

[...]  
Mas o nome predestinado  
ocorre a mestre Luis Daniel.  
E o que decreta João Pinheiro  
(calendário doze de abril  
mil oitocentos e noventa)  
nos enternece por decreto  
de devoção amor orgulho  
e tudo mais: Belo Horizonte.  
(LISBOA, 1972, p. 33)

O caminho para chegar ao nome escolhido encontrou na Proclamação da República o ponto culminante. Botar abaixo a denominação de Curral Del Rei, símbolo de laços atados ao antigo poder, era questão de ordem e progresso. E por falar nisso: “Por esse tempo, o seu escol social, que, já na última etapa da monarquia, era pelo novo credo político,

tanto assim que fundara e mantinha ali, em plena atividade, uma sociedade denominada Clube Republicano, decidido soldado da propaganda” (BARRETO, 1995, p. 230).

O antigo nome Curral Del Rei, no cenário político emergente, simbolizava uma série de descompassos: estava em desacordo com os novos tempos republicanos; remetia à ideia de atraso, a partir da imagem de burgo obscuro; não tinha a sonoridade condizente com a beleza da região. Além disso, a denominação estava em consonância com a beleza do lugar, que tanto encantava o olhar do visitante. Em sinfonia com o nome escolhido, “Vibram notas em pleno acorde pela cidade do futuro com impulso tão firme e forte que à distância ressoa a música.” (LISBOA, 1972, p. 31).

O Clube Republicano, sob a presidência de José Carlos Vaz de Melo, realizou várias sessões para discutir a respeito da mudança do nome de Curral Del Rei. Sobre tal assunto, Abílio Barreto, citando o jornal *O Contemporâneo* nº 12, de 15 de dezembro de 1889, escreve em *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – história antiga*:

No Curral del Rei realizaram-se novos festejos no dia 1º do corrente, promovidos por uma comissão composta dos Srs. Antônio Vieira, Eduardo Edwards, Francisco C. Fernandes, Hilário A. V. de Melo e José C. Vaz de Melo. Os habitantes deste vizinho arraial pretenderam mudar-lhe o nome, ficando denominado *Cruzeiro do Sul*. (*O Contemporâneo* nº 12, de 15/12/1889 *apud* BARRETO, 1995, p. 230)

Embora no trecho acima conste que Cruzeiro do Sul foi a opção aceita, em outras reuniões do Clube, ainda de acordo com Barreto (1995, p. 230), outras denominações foram sugeridas. Entre elas: Terra Nova, Santa Cruz, Nova Floresta, Cruzeiro do Sul e Novo Horizonte. Esta última quase saiu vitoriosa, mas não foi a escolhida, conforme o registro a seguir:

[...] Essa última denominação, proposta pelo capitão José Carlos Vaz de Melo, foi a que mais interesse despertou entre os associados e já andava em vias de se tornar vitoriosa, quando mestre Luís Daniel Cornélio de Cerqueira, tomando a palavra, depois de demonstrar com grande clarividência e perfeita lógica que a denominação *Novo Horizonte* era sob todos os aspectos inexpressiva e inaceitável, bem como todas as demais propostas, insistiu por que os seus amigos ali presentes dessem preferência ao nome *Belo Horizonte*, que propunha, porque este exprimia naturalmente o espetáculo que a localidade apresentava sempre aos olhos de todos (BARRETO, 1995, p. 230)

No poema *Belo Horizonte Bem Querer*, o momento histórico descrito por Barreto se traduz nos versos de Henriqueta, que o reconta de modo poético, deixando vir à tona o sentimento de bem querer, diante do significado do nome Belo Horizonte. A saber:

[...]

Já no Clube Republicano  
 vai José Carlos Vaz de Melo  
 propor e expor alternativa.  
 Mas o nome predestinado  
 ocorre a mestre Luis Daniel.  
 E o que decreta João Pinheiro  
 (calendário doze de abril  
 mil oitocentos e noventa)  
 nos entenece por decreto  
 de devoção amor orgulho  
 e tudo mais: Belo Horizonte.  
 (LISBOA, 1972, p. 33)

Nos versos mencionados, José Carlos expõe e propõe alternativa, mas cabe ao mestre Luís Daniel o nome escolhido, inscrito no decreto assinado por João Pinheiro. A sequência desses nomes parece criar a imagem de mãos dadas caminhando em ciranda. Um propôs e expôs, veio outro cuja sugestão foi escolhida e, por último, um outro que assinou o decreto da escolha. No final, a impressão causada é que a ciranda se fecha em torno de um círculo chamado Belo Horizonte. Se no início do poema, “o céu se fechou em círculo ao redor do Cercado” (p.10) e este se alargou, virou arraial e se transformou na capital de Minas, então o céu, em perspectiva mais ampliada, se fechou em círculo ao redor do nome Belo Horizonte.

Antes, porém, que o círculo se completasse em torno do topônimo escolhido, ou que o documento oficial decretasse a nova denominação, houve muitas idas e vindas. A palavra alternativa empregada no verso “propor e expor alternativa” sugere o movimento de escolha ora avançando, ora regredindo. Primeiro foi Cruzeiro do Sul, depois Novo Horizonte e, após algumas discussões no Clube Republicano, o governador João Pinheiro, escolheu Belo Horizonte.

Sobre o assunto, *O Contemporâneo* nº 14, de 29 de dezembro de 1889 registrou:

Não há negar que a antiga freguesia do Curral del Rei em questão de iniciativa, pretende estar *na ponta...* Aspirando os seus filhos patriotas o bem local, começaram sensatamente por substituir-lhe o nome Curral del Rei por *Novo Horizonte*, levando esse fato ao conhecimento do governador deste Estado e solicitando a sua aprovação. O nome de *Novo Horizonte* aplicado a esta localidade pelo presente cidadão José Carlos Vaz de Melo foi uma idéia feliz que verdadeiramente perpetua o grandioso fato político de 15 de novembro e a beleza topográfica desta localidade. (*O Contemporâneo* nº 14, de 29/12/1889 *apud* BARRETO, 1995, p. 230)

Conforme registro de Abílio Barreto (1995, p. 231), após a escolha de Novo Horizonte, foi José Carlos Vaz de Melo, “na qualidade de juiz de paz do distrito e de presidente daquela

agremiação política, encarregado de dirigir um ofício ao governador do Estado, Dr. João Pinheiro da Silva, solicitando a substituição oficial do nome do arraial.” Como defendido por mestre Luís Daniel, além de inexpressiva, a denominação Novo Horizonte não correspondia à beleza natural do lugar que tanto agradava o visitante. João Pinheiro, partidário das palavras de mestre Luís, demonstrou não concordar com a escolha, mas acabou cedendo às pressões.

No intuito de resolver a situação embaraçosa entre o nome escolhido e o ponto de vista do governador, o presidente do Clube usou como estratégia:

Para eliminar de vez aquele novo óbice criado pelo presidente, fez-lhe sentir o capitão Vaz que nas discussões do *Clube Republicano* haviam sido lembrados e propostos vários outros nomes, que ali relacionou, deixando, pois, ao arbítrio do governador escolher entre eles o que lhe parecesse mais aceitável. (BARRETO, 1995, p. 231)

Dentre os nomes relacionados, o governador escolheu Belo Horizonte, conforme lavrado no decreto de 12 de abril de 1890. Esse ato finaliza a ciranda de idas e vindas simbolizada na variedade de topônimos para Curral Del Rei. Em sintonia com os versos de *Belo Horizonte Bem Querer*, põe “Abaixo o nome desse burgo chamado de ‘Curral Del Rei’ à falta de melhor batismo.” (LISBOA, 1972, p. 33).

Em relação à imagem da ciranda, esta aparece nos versos do poema, bem no início da série II, a saber, “Branços pardos pretos índios de mãos dadas em ciranda de vencida palmo a palmo vão alargando o Cercado” (p.11). É interessante notar como a partir dessa imagem a poeta consegue captar o percurso histórico de Belo Horizonte, que, em visão mais ampla, reflete a história de Minas Gerais. No princípio era apenas um ponto de alfinete no mapa de Minas, depois ele se expande ao redor Cercado, que se amplia nas terras de Curral Del Rei, que se transforma na estrela chamada Belo Horizonte. Esta ciranda, que no final se fecha em forma de grande círculo, constitui-se a partir de pequenos círculos, que se alargam com o decorrer do tempo. O centro dessa grande roda permanece o mesmo, no entanto, o círculo, a cada expansão, ganha novos contornos.

Nessa perspectiva, só para refrescar a memória, entre os significados do termo ciranda, encontramos peneira. Em terras de minerais abundantes, como Minas, esse utensílio constitui objeto de grande utilidade. Se pensarmos que o bandeirante Ortiz chegou às terras mineiras à procura de ouro e pedras preciosas, a ciranda passa de peneira à bateia, cumprindo o papel de destacar a nobreza do ouro. Esta, nos versos de *Belo Horizonte Bem Querer* (p.33), remete ao sentimento de amor, devoção, orgulho e tudo mais que o nome Belo Horizonte significa para a autora.

No poema em questão, a ideia de transferência da capital ora vai, ora vem, como se caminhasse ao ritmo de uma ciranda. Antes, porém, que esta se fechasse em torno da escolha de Belo Horizonte, “muitas luas se sucederam” (p.45). O governo de Minas foi transferido de Ribeirão do Carmo para Vila Rica, os inconfidentes almejavam mudar a capital para São João Del Rei e, por fim, os republicanos escolheram Belo Horizonte.

Com a ascensão do poder republicano, Ouro Preto, tendo em vista as terras acidentadas, o forte vínculo com o passado monárquico e o declínio econômico, simbolizava imagem de atraso e, portanto, deveria ser superada. Nesse contexto, a ideia de mudança da capital volta à cena. Diferente das épocas anteriores, em que o desejo de mudar significava somente a transferência de localidade; agora, os objetivos eram bem maiores: era preciso escolher outro nome, outra região e, mais ainda, era necessário construir uma nova capital para Minas Gerais. A incipiente República (1889) precisava de novos símbolos para se fortalecer enquanto poder. Sob tal aspecto, tanto Ouro Preto quanto Curral Del Rei remetiam à velha imagem do regime monárquico, símbolo de uma época ultrapassada.

Após tantas idas e vindas, o predestinado Curral Del Rei passou a ser chamado de Belo Horizonte. A nova denominação (1890), além de não apontar para vínculos com épocas remotas, estava em consonância com a beleza da região alvo de tantos elogios. Essas e outras características fizeram de Belo Horizonte lugar de destaque, quando a ideia mudancista voltou à cena em mais uma de suas investidas para mudar a sede do governo mineiro.

Ampliando o rol dos partidários da mudança, o padre e deputado Agostinho Francisco de Sousa Paraíso apresentou projeto de lei a favor da transferência da capital. Segundo Barreto (1995, p. 288), “era preciso um homem forte, [...] cheio de talento, de vontade e de patriotismo para romper a pesada atmosfera criada pelos opositores”. A oposição viria do povo de Ouro Preto, que relutava para manter o posto de sede do poder. No projeto do Padre Agostinho, encontra-se escrito:

A Assembléia Legislativa Provincial decreta:

Art. 1º A Capital da Província de Minas Gerais fica transferida para a povoação de Jequitibá, margem do rio das Velhas e termo de Curvelo.

Art. 2º O Governo da Província levantará um empréstimo cujos juros não excedam de noventa contos para a construção dos edifícios precisos.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário. (Projeto de Lei, de autoria do padre Agostinho Paraíso, de 06/11/1867, *apud* BARRETO, 1995, p. 288)

Como já era de esperar, acalorados foram os debates em torno do assunto. Em relação ao Art. 1º, referente à mudança da capital, o comendador Francisco Teixeira

apresentou emenda solicitando a supressão do conteúdo. “Essa emenda provocou novos e barulhentos debates, [...] foi submetida a votos e rejeitada por 17 contra 12 votos, ficando, então, legislada a mudança da capital” (BARRETO, 1995, p. 290). Esse movimento pendular de ida e volta, de contra e a favor da mudança, não passou despercebido nos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*:

Padre Agostinho Paraíso  
 leva o pensamento ao Congresso  
 (mil oitocentos e vinte e um).  
 Homens de barba, circunspectos,  
 estão reunidos no cenáculo  
 em duas frentes: pró e contra.  
 Voto a favor da transferência.  
 Pois voto em contrário. Voto  
 pelo sim. Pelo não. Pelo sim.  
 Pelo não. Pelo sim. Pelo não.  
 Ai que a discórdia continua.  
 Mas jogo de xadrez é cálculo.  
 E fica suspensa a sessão  
 enquanto a idéia sobe à torre  
 e espreita o relógio da lua.  
 (LISBOA, 1972, p. 43)

A ideia da mudança, que ora avança no tempo e ora recua, encontra-se sugerida no ir e vir dos votos, disputados por duas frentes: os prós e os contras. Essa alternância parece constituir certo jogo dos contrários, em que cada jogada deve ser minuciosamente pensada. Não é por acaso que um dos versos traz referência à capacidade de racionar para jogar xadrez, a saber, “mas jogo de xadrez é cálculo.”

Em perspectiva ampliada, a imagem do tabuleiro de xadrez representa uma disputa entre dois lados, com o objetivo de derrubar o rei. As duas frentes, como descrito nos versos acima, apontam para Ouro Preto e Belo Horizonte. Quanto à primeira, ao representar o passado monárquico, simboliza o rei a ser deposto. Isso se traduz na queda do antigo poder e na perda do posto de capital de Minas. Quanto à segunda, ao ter levado a melhor na disputa para sediar a nova capital, deu xeque-mate no poder monárquico e em Ouro Preto. Com base nos registros de Abílio Barreto (1995, p. 291), o projeto do padre Agostinho foi aprovado, teve a redação final encaminhada “ao presidente da província, o Dr. José da Costa Machado de Sousa Ribeiro, que lhe negou sanção, remetendo à Assembléia as razões do seu veto pelo Ofício nº 76, de 10 de dezembro [...]” (BARRETO, 1995, p. 291). Como a ideia de mudar ganhou, mas o projeto foi vetado; outra vez, ela recuou à espera da próxima investida. Essa

imagem parece recriada nos versos “e fica suspensa a sessão enquanto a ideia sobe à torre e espreita o relógio da lua”, no poema de Henriqueta Lisboa.

Após longo período adormecida, a ideia retoma suas forças e caminha para novos embates. Dessa vez, porém, há avanços, representados pela nomeação de Augusto de Lima para o cargo de governador provisório de Minas Gerais. Nas palavras de Abílio Barreto (1995, p. 315), “todos os olhares voltaram-se para o novo governador e sobre ele choveu a saraivada dos ataques pela imprensa.” O motivo de tanta oposição está no fato de Augusto de Lima ser um dos partidários da mudança e considerar Belo Horizonte a localidade ideal para abrigar a futura sede do governo.

No poema *Belo Horizonte Bem Querido*, os detalhes desse marco histórico encontram-se refletidos nos versos:

Muitas luas se sucederam.  
 Muitos dezembros e janeiros  
 o carro da vida levou.  
 Os estadistas já são outros.  
 A idéia volta, aperta o cerco,  
 elos de bronze na corrente.  
 Entre as vozes que fazem coro  
 nessa cantata de esperança  
 soa a voz de Augusto de Lima  
 com límpidos reflexos de ouro.  
 E em breve alvissareiramente  
 resolveram as alas de cima  
 decretar a lei da mudança.  
 (LISBOA, 1972, p. 45)

As sucessões de muitos meses e muitas luas apontam para um longo caminho percorrido em torno da ideia de mudar a capital. Esse percurso parece seguir as regras de uma partida de xadrez em que cada jogada é minuciosamente calculada ou pensada. Ganhar o jogo, muitas vezes, requer o sacrifício de determinadas peças, a atitude de recuar algumas casas, em função do grande objetivo, o xeque-mate. “A idéia volta, aperta o cerco” sugere mais uma das jogadas em que, passo a passo, o destino do rei é traçado e derrubá-lo torna-se questão de tempo ou de “muitas luas” e “muitos dezembros e janeiros”.

Os estadistas são outros, mas o desejo de mudança resiste no tempo. Como a lua, que se apresenta de variadas formas, dependendo do ponto iluminado pelo sol, sem deixar de ser a lua; a ideia ora recua, minguando as forças; ora avança, crescendo até chegar à fase de plena visibilidade, como as mudanças lunares a se fecharem em torno da lua cheia. A transferência da sede do governo de Minas para outra localidade significaria o cerco se fechando em torno de Ouro Preto, que definitivamente perde o jogo para Belo Horizonte.

Nos versos “Entre as vozes que fazem coro / nessa cantata de esperança / soa a voz de Augusto de Lima” (p. 45), o nome Augusto faz coro ao lado da palavra ‘alvissareiramente’, do verso “E em breve alvissareiramente” (p. 45), reforçando “a cantata de esperança” ou da boa notícia anunciada sob a forma do decreto da lei da mudança. Grande defensor do nome de Belo Horizonte para capital de Minas, da voz do governador Augusto de Lima parece ecoar a boa-nova, anunciando a chegada de novos tempos.

As promissoras palavras do estadista acirraram ainda mais a disputa em torno da questão da mudança. Entre prós e contras, novas frentes de batalha surgiram, envolvendo de políticos a poetas, conforme o seguinte registro:

À frente dos que aplaudiam a idéia e por ela se batiam, colocara-se o grande poeta dos *Símbolos* e das *Contemporâneas*, Augusto de Lima, orador cintilante, que, pela imprensa e na tribuna, defendia vigorosa e brilhantemente o pensamento da mudança da capital, julgando-o uma questão inteiramente oportuna, de realização inadiável.

Raros eram os jornais mineiros ou escritores da época que não discutiam o empolgante assunto, uns favoráveis, outros contra; aqueles, porém, em esmagadora maioria. (BARRETO, 1995, p. 314)

A respeito da referida citação de Abílio Barreto, uma frente de batalha, travada sob a forma de escrita, constituiu mais um episódio da disputa em torno da mudança. Desta vez, a guerra se travou na forma de sonetos, tendo a sátira como arma principal. O tom satírico foi dado pelo padre Correia de Almeida, ao criticar o neologismo ‘mudancista’, formulado para designar os partidários da mudança, a saber:

A Castro Lopes e outros exemplares  
deviam consultar, por segurança,  
os tais apologistas singulares  
da injusta e *capitálica* mudança.

Mas eu noto que sábios luminares,  
fitando *capitais* de mais chibança,  
tão amplamente estendem seus olhares  
que a linha visual o infinito alcança.

No seu entusiasmo forte e ardente,  
se neologismo querem, *mudancistas*  
eles podiam ser portuguesesmente

Ou, *mutatis, mutandis*, mutandistas  
ficavam sendo assaz latinamente,  
se a pressa os não fizesse *mudantistas*  
(ALMEIDA, José Joaquim Correia de. *apud* BARRETO, 1995, p. 314-315)

Logo na abertura do soneto, o padre Correia de Almeida sugere que os defensores da mudança deveriam antes consultar o latinista Castro Lopes. Grande conhecedor do latim, Correia satiriza a criação do neologismo ‘mudancista’ que, de acordo com ele, deveria ser ‘mutandista’, conforme a origem latina. Nessa batalha em torno das armas da retórica, uma palavra mal utilizada pode servir de arma contra quem a utilizou. No caso em questão, se os partidários da mudança desconhecem a origem do neologismo que os intitula, como poderiam propor com segurança algo de tamanha proporção, ou seja, a transferência da capital. Sem o preparo necessário, eles estariam colocando os pés onde as mãos não alcançam. Nas palavras do padre Correia, seriam como “sábios luminares” que “estendem seus olhares que a linha visual o infinito alcança.”

A respeito dessa batalha no campo das palavras, o professor José Américo Miranda, em “Poesia e polêmica no nascimento da cidade”, escreve sobre a “guerra de sonetos” em torno da mudança. De um lado da disputa, a frente contrária, representada pelos sonetos satíricos do padre Almeida; do outro, os favoráveis à transferência, representados pelo governador e poeta Augusto de Lima. Entre réplicas e trélicas, a guerra de palavras iniciou com o padre Almeida e o soneto:

Mudança da Capital de Minas

Esse Curral Del Rei, Belo Horizonte,  
produtiva invenção de sindicato,  
inculca-se por lebre, mas é gato,  
conforme já se sabe no Itamonte.

Veloso amigo embora suba o monte  
no intuito e desempenho do mandato,  
creio que lhe não faço desacato  
dando-lhe uma pitada de simonte.

Os queijos e o toucinho estarão salvos,  
se espertos impingirem a papalvos  
por fecunda campina um bamburral.

E a empreitada seria de grão lucro,  
se o congresso mineiro com ser xucro,  
se deixasse levar para o curral.  
(MIRANDA, 1995, p. 100-101)

As palavras do padre Correia, vindas a público, foram rebatidas pelo também poeta Augusto de Lima, codinome SIN-DI-K, e o soneto:

Resposta

Ó padre, ó vate de horizonte estreito,  
Tomador de pitadas de simonte,  
Não podes desejar “belo horizonte”  
Amas a toca, estás no teu direito.

O sindicato, eis o maior defeito!  
No entanto, nem preciso é que te aponte,  
Nem que mandem dizer lá do Itamonte,  
Tens junto a ti um sindicato feito.

Falas em espertezas! Que virtude!  
Desejas só que a capital se mude  
Para um lugar livre da ladroeira.

Ora bem, não sítio mais barato,  
Nem mais farto de aguadas e bom mato,  
Mais honesto e melhor que a Mantiqueira  
(MIRANDA, 1995, p. 102)

A guerra de palavras teve novos confrontos, constituindo fato curioso e pouco conhecido da história de Belo Horizonte. Sob tal perspectiva:

[...] poucos são os que se dão conta do caráter parnasiano da cidade, pelo risco de sua planta, por sua primeira arquitetura, particularmente a dos prédios públicos, e pela conformação linear dos limites que lhe foram dados pela avenida do Contorno. Menor ainda é o número dos que sabem que na origem mesma da cidade encontra-se uma guerra de sonetos (MIRANDA, 1995, p. 97).

O risco, a planta, o traçado linear, cujos limites se fecham ao redor da avenida do Contorno, remetem à imagem de algo bem traçado, milimetricamente calculado, sobre o qual se ergue Belo Horizonte. Interessante lembrar a semelhança entre o desenho da planta do centro da cidade, com seus quarteirões constituídos por ruas que se cruzam em ângulos retos, e o tabuleiro de xadrez. A esse propósito, escreveu Letícia Julião:

As ruas, criteriosamente mensuradas, formando quarteirões regulares, desenhavam um traçado semelhante a um tabuleiro de xadrez. A malha urbana retilínea era pontuada por algumas praças, das quais se irradiavam avenidas longas e largas, que cruzavam, em diagonal, os pontos extremos da cidade. Uma área de 51.220.804 m<sup>2</sup> foi dividida em 27 triângulos, que passaram a ser designados por seções. Com base nesse mapa, foram demarcadas as zonas urbana, suburbana e rural. (JULIÃO, 1996, p. 57)

Tanta racionalidade lembra um dos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*, ou seja, “jogo de xadrez é cálculo” (p. 43). A cada investida em torno da ideia de mudança da capital, as jogadas eram minuciosamente calculadas, incluindo uma curiosa “guerra de sonetos” como parte das estratégias para vencer o jogo. Na disputa no campo das palavras,

estas, distribuídas sob a forma de sonetos, parecem soldados organizados marchando rumo à batalha. À frente caminham dois grupos constituídos de quatro pelotões; atrás, dois agrupamentos de três.

Com a assinatura do decreto autorizando a mudança, Belo Horizonte deu outro passo para se tornar a capital de Minas. No entanto, ainda não foi dessa vez que a ideia se fechou em círculo com a escolha definitiva dessa localidade. De acordo com o poema analisado, outros nomes surgiram na disputa pelo posto de sede do governo mineiro. A saber:

Pra Barbacena, Paraúna,  
 Várzea do Marçal, Juiz de Fora,  
 Belo Horizonte porventura?  
 Qual delas ganharia a láurea?  
 São cinco insignes engenheiros  
 para cinco localidades.  
 Cada engenheiro põe afinco  
 ao desbravar sua partilha.  
 Vem para aqui vai para lá  
 mede a altura acima do mar  
 a média da temperatura,  
 [...]  
 (LISBOA, 1972, p. 47-48)

A respeito das localidades mencionadas, Barreto (1995, p. 332) cita a Lei nº 1, adicional à Constituição, para a escolha da futura sede do governo:

Art. 1º O presidente do Estado mandará, com urgência, por uma ou mais comissões de sua livre nomeação, proceder a estudos nos seguintes lugares para dentre eles ser escolhido um para o qual seja mudada a capital do Estado: Belo Horizonte, Paraúna, Barbacena, Várzea do Marçal e Juiz de Fora.

Art. 2º Fica o governo autorizado a fazer operações de crédito até a quantia de cem contos de réis para ocorrer às necessárias despesas.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Ainda conforme Barreto (1995, p. 338), na cidade projetada para cerca de 200 mil moradores, os estudos levariam em consideração fatores como: salubridade, abastecimento de água potável, esgoto e escoamento das águas de chuva, topografia, terras cultiváveis, boa localização, entre outros.

Das cinco localidades candidatas ao posto de capital, a escolhida por Aarão Reis, engenheiro chefe da Comissão de Estudos, foi Várzea do Marçal, localizada próximo a São João Del Rei. Após correr a notícia da escolha, entra em cena o padre Correia de Almeida, da “guerra dos sonetos”, lançando mais um dos seus sonetos:

Imparcialidade Aarônica

O engenhoso engenheiro, nomeado  
juiz de capitálica mudança,  
lançou Juiz de Fora para um lado.  
Barbacena excluiu da contradança!

No espaço de três anos limitado  
cidade afiançou de tal chibança,  
que à América do Sul não será dado  
possuir outra igual! Oh! que esperança!

Nesta fina pilhéria de bom gosto  
a mancheias parece que ele há posto  
a mais grossa ou maior dose de sal!

E, por honra de nossa ingenuidade –  
o centro descobriu de gravidade!  
Sabem onde? – Na Várzea do Marçal!

(ALMEIDA, José Joaquim Correia de. *Imparcialidade aarônica. A Folha*. Barbacena, p. 1, 23 jul. , 1893. *apud* BARRETO, 1995, p. 397)

Os versos satíricos do padre Correia fizeram coro ao lado da voz do jornal *O Contemporâneo*, de Sabará, que “pela pena de D. Chargé, protestava contra a preferência dada a Várzea do Marçal e argumentava em favor de Belo Horizonte.” (BARRETO, 1995, p. 397). Os argumentos giravam em torno da topografia favorável da cidade, da proximidade com Sabará, que se ligava ao Rio de Janeiro por estrada de ferro, da quantidade de água e ferro e de outros recursos naturais da região.

As belezas da natureza que tanto chamam a atenção em Belo Horizonte outra vez parecem constituir a base dos argumentos favoráveis à escolha dessa localidade para a futura capital mineira. Nos versos de *Belo Horizonte Bem Querer* acima relacionados, o trecho “E a beleza dos panoramas / (o anjo dos azuis pergunta) / não entraria acaso em pauta? (p. 47). A questão levantada pelo anjo azul parece deixar escapar certa predileção por Belo Horizonte, haja vista o belo contido tanto no nome da localidade quanto nas terras onde ela se encontra.

Esse anjo azul, supostamente da família dos anjos tortos, parece romper a retidão e linearidade do olhar limitado do engenheiro, para antecipar a resposta ao verso “Qual delas ganharia a láurea?”(p. 47- 48). Sem sombra de dúvida, o anjo anunciaria: Belo Horizonte, pela beleza dos seus panoramas. Coincidência ou não, os versos que sucedem a figura do anjo azul registram o momento da escolha de Belo Horizonte para sede do governo de Minas Gerais.

Tem a palavra no Congresso  
 Doutor José Pedro Drummond.  
 “Excelências, em manifesto,  
 escolhemos Belo Horizonte  
 por razões de climatologia  
 interesses de ferrovia”.  
 Seus argumentos vão tão longe  
 que os mais renitentes se abalam.

(Quem por dever, enfermo e pálido,  
 de cadeirinha surgiria  
 para votar? Antônio Carlos)

A estrela guia a nave dessa vez:  
 mil oitocentos e noventa e três.  
 Viva Drummond alto e bom som!  
 (LISBOA, 1972, p. 49)

Para a surpresa de todos, Várzea do Marçal foi escolhida por Aarão Reis, mas não ficou com o posto de futura capital. Quanto à pergunta “E a beleza dos panoramas (o anjo dos azuis pergunta) não entraria acaso em pauta?” (p. 48), a resposta vem das palavras do Dr. José Pedro Drummond, a saber, “Excelências, em manifesto, escolhemos Belo Horizonte por motivos de geografia razões de climatologia interesse de ferrovia” (p. 49). A beleza dos panoramas, um dos principais argumentos em favor de Belo Horizonte, veio em primeiro plano na lei que decretou a mudança. O Art. 1º traz como redação: “Fica designado o Belo Horizonte para aí se construir a capital do Estado.” (MINAS GERAIS. Lei adicional à Constituição nº 3, de 17 de dezembro de 1893 *apud* BARRETO, 1995, p. 427). Interessante perceber que o artigo **o**, antes do nome da localidade – **o** Belo Horizonte – ressalta bem mais a beleza em torno do lugar, que o lugar propriamente dito. Não foi por acaso que na construção da nova capital, o antigo arraial foi destruído para dar lugar à moderna sede do governo de Minas.

Aos 18 de julho de 1893, o senador Pedro Drummond apresentou ao Congresso Legislativo a emenda constitucional, propondo a mudança para Belo Horizonte. A proposta ganhou força entre os congressistas, foi aprovada, colocando ponto final no ir e vir em torno da ideia de transferência da capital. Nesse sentido, “A estrela guia a nave dessa vez: mil oitocentos e noventa e três. Viva Drummond alto e bom som! (p. 49).

### 1.3 Ecos de um Horizonte

Um dos versos de *Belo Horizonte Bem Querido*, após a descrição dos nomes das localidades candidatas ao posto de capital, traz como pergunta: “Qual delas ganharia a láurea?” (p. 47). Ao cabo de acirrados debates, acaloradas discussões, de muitas luas, “muitos dezesembros e janeiros” (p. 45), a láurea, ou coroa de louros, coube a Belo Horizonte. Escolha feita, lei da mudança assinada, ponto final na questão, a alegria transborda entre os habitantes da localidade destinada à sede do governo. Nos versos de Henriqueta:

A alegria é uma taça de vinho  
a transbordar de vinhas e vinhedos  
pelo arraial afora.  
São crisálidas  
em rodopio de metamorfose  
os fogos os rojões as aleluias  
do sino, o riso das águas  
saltitando sobre os cascalhos  
o relincho dos potros  
batendo os pés na dura terra vermelha  
o frêmito dos ventos na várzea  
as colchas voando pelas janelas  
com longas franjas em cachoeira.  
(LISBOA, 1972, p. 51- 52)

O verde da coroa de louros que se fecha em torno de Belo Horizonte vai ao encontro das belezas naturais do arraial, simbolizadas no “riso das águas saltitando sobre os cascalhos”, “no relincho dos potros”, “no frêmito dos ventos na várzea”. Tudo isso ao som de uma suave sinfonia que parece brotar da sonoridade contida no próprio nome Belo Horizonte. Por essa razão, “nada se revelava mais adequado naquele momento do que o uso de um nome-exclamação que sintetizasse não só os desejos e esperanças dos republicanos mineiros mas o projeto mesmo da cidade.” (REIS. In: SILVA, R. 1994, p. 28).

Para a construção da nova capital, Afonso Pena, então presidente de Minas, “havia [...] convidado o engenheiro Aarão Reis para organizar e dirigir a Comissão Construtora, assim como havia organizado e dirigido, a perfeito contento, a Comissão de Estudos das localidades de entre as quais fora escolhida a de Belo Horizonte para sede da metrópole mineira.” (BARRETO, 1996, p. 26). No poema *Belo Horizonte Bem Querido*, a referência ao nome do engenheiro encontra-se nos versos:

A tarefa é dura.  
Aarão Reis comanda  
pela investidura.

Roçar limpar destocar  
vencer capoeiras hirsutas  
nivelar a área escavá-la  
para os edifícios públicos.  
Cantaria e alvenaria.  
Tijolo de faces planas  
tijolo de quinas vivas.  
Pedras de peso e rudeza  
[...]  
Madeiramento de lei  
para rodapés e soalhos.  
Forro de saia e camisa  
cimalha de abas e frisos.  
[...]

Tanto quando a faina  
o gosto se apura.  
Aarão Reis comanda  
pela envergadura.  
(LISBOA, 1972, p. 54)

O verso “A tarefa é dura”, no início do trecho acima, parece dar o tom ou funcionar como mote para a sequência dos outros versos. A palavra ‘dura’, associada a ‘tijolos’, ‘pedras’, ‘roçar’, ‘destocar’, ‘limpar’, lembra o trabalho árduo enfrentado por aqueles que aram a terra, preparando-a para receber as sementes. Estas, no caso, corresponderiam aos fundamentos sobre os quais a cidade se ergue. Para não perder de vista, a imagem em torno da semente plantada relaciona-se com a ideia da mudança da capital, enquanto “embrião semente tenro broto”, presente na página 41 do poema analisado. Ao engenheiro cabe criar as condições necessárias para o desenvolvimento desse embrião, futura capital.

Além de remeter à árdua tarefa de construir a cidade, o termo ‘dura’ lembra a duração do tempo para realizar tal empreitada. Aarão Reis tinha apenas quatro anos para erguer a nova sede do poder de Minas, conforme determinado pela Lei da Mudança. Tão pouco tempo para a realização desse trabalho de tamanha envergadura está sugerido na ideia de rapidez, construída a partir da retirada da vírgula nos versos “Roçar limpar destocar” “vencer capoeiras hirsutas” “nivelar a área escová-la”.

Nas palavras de Andrade (1988, p. 1091), “em certo Estado do Brasil, entenderam espíritos adiantados que a sede do Governo não devia continuar onde estava; a capital era pequena, desconfortável, de acesso penoso, impossível sua expansão”. Tais “espíritos

adiantados” se lançaram na construção da nova capital, erguida como símbolo do progresso e como marco do poder nascente. Para essa cidade de amplos horizontes, se dirigiram os servidores públicos da velha Ouro Preto, instalados em um espaço planejado onde as casas “cheiravam a tinta fresca e a idéia de progresso. Sob tal perspectiva, nasce Belo Horizonte, espécie de divisor de águas entre o passado monárquico, representado pela antiga capital, e o início dos novos tempos, anunciados pela ascensão do regime republicano.

De acordo com Liliane da Silva Alves (2002, p. 16), “a primeira cidade planejada do país, além de transmitir a impressão de ter a razão humana superando a natureza e o atraso, gerou muitas narrativas que buscavam expressar os sentimentos dos que nela moravam e dos que vinham admirá-la.” Nesse sentido, escreveu Olavo Bilac:

A temperatura, deliciosa, durante os dois dias que passamos em Belo Horizonte, não excedeu nunca a 26 graus centígrados [...], pareceu a temperatura ideal de que os arcanjos, na paz do Senhor, devem gozar com volúpia no Paraíso. [...] É de uma salubridade espantosa esse solo, [...] A vegetação é pujante. [...] Quanto a frutas... Fala tu, minha saudade! Saborosas laranjas de polpa dourada, cheia de um suco divino; [...] como direi eu o consolo que me deste e a abundância com que brotais daquela terra abençoada?... (BILAC, Olavo. In: MIRANDA, 1996, p. 65)

O fragmento, ao destacar as belezas naturais da localidade de Belo Horizonte, lembra a carta de Pero Vaz de Caminha relatando a descoberta da nova terra à Coroa Portuguesa. A respeito da referida passagem, Alves (2002, p. 19) afirma:

O trecho acima, ao exaltar as exuberâncias naturais da localidade de Belo Horizonte, faz lembrar a carta de Caminha ao Rei de Portugal, informando-o de quão grandiosa era a *terra brasilis*. Como ‘desbravadores’ que tinham como função relatar a ‘descoberta do sítio que abrigaria a capital do Estado, os que aqui chegavam, ao atribuírem à cidade características quase celestiais, contribuíram para o reforço do mito de uma urbe perfeita. (ALVES, 2002, p. 20)

Olavo Bilac, ao visitar a região que abrigaria a sede do governo de Minas, tem como propósito informar os leitores da *Gazeta* sobre as primeiras impressões que o local causou-lhe. Nas palavras do próprio autor, “escolhido o local para o novo centro administrativo deste incomparável Estado, levou-me a curiosidade a visitá-lo, para fornecer aos leitores da *Gazeta* notícia rápida da sua beleza, segundo impressão pessoal. (BILAC, Olavo. In: MIRANDA, 1996, p. 61). O modo como Bilac relata as informações dá a impressão de que nas terras de Belo Horizonte em se plantando tudo dá. Erguida como

símbolo do poder emergente, a futura capital representaria solo fértil para a propagação dos ideais republicanos.

O azul do céu, o verde das pastagens, a água em abundância, ao lado da temperatura agradável e das “saborosas laranjas de polpa dourada”, sugerem a imagem de lugar paradisíaco, ideal para o abrigo de arcanjos e provavelmente de Adão e Eva, antes de comerem do fruto proibido. Tanta exuberância faz de Belo Horizonte a seara perfeita ou o “lugar em que se pode construir a mais bela cidade da América.” (BILAC, Olavo. In: MIRANDA, 1996, p. 68). Diante desse cenário de perfeição, não se pode perder de vista que Adão e Eva romperam com a visão harmoniosa do Paraíso.

João do Rio, em visita à capital de Minas, também comentou acerca das impressões causadas pelas belezas do lugar em “No miradouro dos céus”.

Em Belo Horizonte, as Horas filhas de Témis são as incansáveis ancilas do maravilhamento da natureza, as revelaras do espírito do céu. Vêm em grupo e cantam a cor do silêncio. [...] As Horas desfazem os açafates de flores. E são violetas, e são hortênsias, e são rosas, e são junquinhos e jasmims e manacás. Depois, quando virginalmente o dia nasce, elas barram o horizonte de flores rubras, e o sol desponta para a sua parábola de ouro num cendal de pétalas de lacre, em frouxéis de sangue. (RIO, João do. In: MIRANDA, 1996, p. 101)

Mais adiante, lembrando a ideia do Paraíso, o autor comenta que “nem os homens que traçaram a cidade e arborizam como um paraíso, nem os que modestamente nela trabalham [...] sentem, de certo, a exaltação dessa beleza empolgante.” (RIO, João do. In: MIRANDA, 1996, p. 102). O fascínio exercido pela cidade-paraíso é tamanho, ao ponto de João do Rio escrever: “Belo Horizonte, única e talvez a derradeira poesia da República, cidade do azul, terra do firmamento, miradouro dos céus, abre-sol védico dos desejos espirituais...” (RIO, João do. In: MIRANDA, 1996, p. 104).

A exuberância das terras belo-horizontinas exerceu também seu poder de encanto sobre os olhos de Pedro Nava. “... Belo Horizonte, que lindo nome! Fiquei a repeti-lo e a enroscar-me na sua sonoridade.” (NAVA, Pedro. In: MIRANDA, 1996, p. 24). Além de considerar belo o nome da cidade, Nava se encanta pelos seus fins de tarde, chamando-os de “cocares multicores das tribos rubras da tarde”. Como se estivesse decompondo o pôr-do-sol nos seus variados tons, o autor escreveu:

Para trás era a montanha, o Cercado, o Curral que, sob um céu que desmaiava, ia perdendo o verde do mato e o vermelho do chão para esticar-se em todo o horizonte duma cor de violeta dum roxo de quaresma que avançava seus dois braços em direção ao último clarão do crepúsculo para apagá-lo enfim e desaparecerem por sua

vez, na pulverização azul-marinho e depois negra da noite que se constelava.  
(NAVA, 1979, p. 263)

De acordo com Liliane da Silva Alves (2002, p. 22), “é ele que melhor descreve o ‘estardalhaço cósmico’ da mais colorida apresentação crepuscular e nos ensina o itinerário ideal para que o tempo de sua contemplação seja o maior possível.”

A beleza contida no azul do céu, nos tons do pôr-do-sol, no verde da vegetação, no colorido das frutas e flores, aliada a certa musicalidade contida no nome Belo Horizonte, parece criar o ambiente perfeito, que tanto encanta os moradores e visitantes da capital de Minas. Tantos encantos apontam para a imagem de uma cidade jardim, onde o verde dá o tom da esperança, seja para os seus habitantes, visitantes, ou para quem a governa sob a ótica das novas ideias republicanas. Em *Belo Horizonte Bem Querido*, o verde da esperança se junta a outras cores do arco-íris, sugerindo a chegada de novos tempos. A saber:

Belo Horizonte belo nume  
de claridade em amplitude  
vasta clareira de vergel  
braços abertos em rompante  
retouça em círculo painel  
de aéreos arco-íris [...].  
(LISBOA, 1972, p. 37)

Da “clareira de vergel”, cuja abertura inicia com a chegada do bandeirante Ortiz às terras de Minas, chega-se a Belo Horizonte, a cidade vergel. A trajetória desse percurso é narrada pelo olhar atento da poeta, que o traça a partir de uma geografia sentimental. Essa estratégia permite não só trazer à tona o sentimento de amor à capital mineira, mas também possibilita enxergar Belo Horizonte com outros olhos, para além da exuberância que a todos encanta. Em certo sentido, essa nova maneira de perceber a capital parece ter a semente lançada, quando Machado de Assis escreveu em *A Semana*:

[...] A Bahia trata da sua; [...]. Sabe-se que Minas já escolheu o território da sua capital, cuja descrição Olavo Bilac está fazendo na *Gazeta*. Chama-se Belo Horizonte. Eu, se fosse Minas, mudava-lhe a denominação. Belo Horizonte parece antes uma exclamação que um nome. Sobram na história mineira nomes honrados e patriotas para designar a capital futura. (ASSIS, J. M. Machado de. In: MIRANDA, 1996, p. 19)

Ao sugerir a mudança do nome Belo Horizonte, Machado parece anunciar que o futuro da nova capital não será tão belo assim.

## CAPÍTULO 2

### IMAGENS-REVERSO: um olhar crítico sobre a visão de mundo positivista

A alegria é um metal de sangue  
a enrubescer e a aquecer o corpo.

Henriqueta Lisboa

#### 2.1 As Ideias Republicanas

Com a ascensão do poder republicano, apagar as marcas do passado colonial e monárquico tornou-se palavra de ordem e símbolo de progresso. Nesse contexto, o cerco se fecha em torno de Ouro Preto enquanto capital de Minas e do obscuro burgo chamado Curral Del Rei. Se “jogo de xadrez é calculo” (p. 43) como dito em um dos versos de *Bem Querer*, então Belo Horizonte vence a partida com um duplo xeque-mate: primeiro, esse nome substitui a antiga denominação; segundo, ganha o posto de nova sede do governo de Minas. De acordo com o poema em questão:

O trono cai. Viva a República!  
Abaixo o nome desse burgo  
chamado de “Curral del Rei”  
à falta de melhor batismo.  
(LISBOA, 1972, p. 33)

Conforme afirmações do Padre Francisco Martins Dias:

Foi sempre exaltada a política no Curral D’el Rey; e quando as questões políticas tocavam ao extremo, eram resolvidas pelo argumento sertanejo – pão ou chumbo. Esse ardor, porém, foi se arrefecendo com o correr dos tempos [...] e foi assim que nos últimos dias da monarquia, foram aqui levantados em plena rua os gritos de – Viva a República! – e não há muito trocado o antigo nome de Curral D’EL Rey pelo de Bello Horizonte, para apagar de vez tudo o que a trono cheirasse ou a rei se referisse. (Pe. Francisco Martins Dias *apud* LARA, 1996, p. 28)

Entre os versos de Henriqueta e as palavras do Padre Dias, a referência a Curral Del Rei aparece sob diferente perspectiva. No poema, colocar abaixo diz respeito ao nome da localidade, uma vez que curral remete à imagem do passado e nada tem a ver com as boas-

vindas à República. Nas palavras do Padre, a substituição do nome já havia ocorrido antes da chegada do novo regime e colocar abaixo tem outra conotação: significa apagar tudo que lembrasse os “dias da monarquia”. Para tanto, era necessário demolir o antigo Curral Del Rei e erguer em suas terras a futura capital.

A República nascente precisava de solo fértil para se firmar como nova ordem política. Minas Gerais, então o mais populoso dos estados brasileiros, constitui o terreno ideal para consolidação do regime político emergente. A partir desse ponto de vista, constituir novos espaços significa a criação de símbolos, que exercem a função de bandeira erguida em terreno conquistado. Por essa razão, o decreto republicano registra no art. 2º:

Até a definitiva constituição dos Estados Unidos do Brasil, aos Governadores dos mesmos Estados competem as seguintes atribuições: parágrafo 1º. : Estabelecer a divisão civil, judicial e eclesiástica do respectivo Estado e ordenar a mudança de sua capital para lugar que mais convier. (GOV. , 1889).

O destaque dado à reordenação espacial, logo no início do documento citado, demonstra a importância do espaço, enquanto “arma” de uso exclusivo dos governadores. No poema *Belo Horizonte Bem Querer*, os versos “Mas o nome predestinado ocorre a mestre Luis Daniel. E o que decreta João Pinheiro (calendário doze de abril mil oitocentos e noventa).” (p. 33). Este último, então governador de Minas, assinou o decreto autorizando a mudança do nome da localidade de Curral Del Rei para Belo Horizonte. Interessante lembrar que o nome escolhido não foi este, mas como ficou a cargo do governador a última palavra, a escolha caiu sobre Belo Horizonte. Ainda destacando o poder atribuído aos estados pelo decreto republicano, Augusto de Lima, chefe do governo mineiro, não apenas foi o responsável pela assinatura da Lei da Mudança da Capital, mas também escolheu Belo Horizonte para sede do governo. Na época, cinco localidades disputavam o posto de capital mineira. A escolhida pelo chefe da comissão encarregada de estudar cada uma delas foi Várzea do Marçal. No entanto, outra vez, coube ao governador a jogada final. A saber, a opção por Belo Horizonte. Comentando essa importante função atribuída aos estados, escreveu Lara (1996, p. 29):

[...] o governo de Deodoro da Fonseca se preocupa com a reordenação espacial do país, sobretudo em Minas, estado mais populoso e mais importante politicamente. O governo federalista, ao mesmo tempo em que delega mais poder aos estados, indica e sugere, pela importância atribuída à questão, a idéia de um novo espaço para uma nova nação.

O espaço a partir da ótica republicana converte em território a ser ocupado pelo discurso emergente, que precisa de bases seguras tanto para se sustentar quanto para se impor como nova ordem. De acordo com *Bem Querer*, as cinco candidatas ao título de sede do governo de Minas aparecem nos seguintes versos:

Pra Barbacena, Paraúna,  
 Várzea do Marçal, Juiz de Fora,  
 Belo Horizonte porventura?  
 Qual delas ganharia a láurea?  
 [...]  
 E a beleza dos panoramas  
 (o anjo dos azuis pergunta)  
 não entraria acaso em pauta? . . .  
 (LISBOA, 1972, p. 47)

Em princípio, a pergunta “Qual delas ganharia a láurea?” teria como resposta Várzea do Marçal. Esta, conforme os estudos de Aarão Reis, constituía o espaço com as melhores condições para abrigar a nova capital. Além das condições naturais favoráveis à instalação da futura cidade, Várzea do Marçal está localizada nas proximidades de São João Del Rei. Com a escolha, o centro do poder mineiro ficaria mais próximo do governo de Deodoro da Fonseca no Rio de Janeiro. No entanto, como a reordenação espacial cabia aos governadores dos estados, conforme instituído pela República, o local escolhido foi outro. Quanto à pergunta do anjo azul: “E a beleza dos panoramas [...] não entraria acaso em pauta?...” Em tempos de guerra travada em torno do espaço, a beleza dos panoramas cede lugar à estratégia política na batalha pela conquista de territórios para consolidação do poder emergente.

Para se firmar a partir da apropriação espacial, o poder republicano contou com dois importantes aliados:

De um lado, médicos higienistas, usando as metáforas do câncer e do tumor para relatar a patologia das cidades e, de outro, projetistas, quase sempre das emergentes e objetivas escolas de engenharia, esforçando-se para ordenar e organizar aquele emaranhado aleatório de ruelas e barracos. (LARA, 1996, p. 37)

Para higienistas e projetistas, a velha Ouro Preto com seu “emaranhado aleatório de ruelas e barracos”, cheirando a mofo e de escassa claridade, constituía empecilho ao ideal de progresso nascente. A antiga capital encontrava-se muito enfraquecida, sob o aspecto econômico, e um “procedimento cirúrgico” para transformá-la no lugar apropriado para receber as novas instalações da futura sede do governo seria de alto risco. Já que os médicos

não poderiam tratar desse problema ouro-pretano, a solução foi dada pelas “emergentes e objetivas escolas de engenharia” que não perderam tempo com a cidade agonizante. Ao invés de se lançarem em árduo processo de revitalização, os engenheiros optaram por construir uma nova cidade.

Nos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*, as duas frentes adversárias na disputa pela transferência da capital travam a batalha como se estivessem em um jogo de xadrez:

Homens de barba, circunspectos,  
estão reunidos no cenáculo  
em duas frentes: pró e contra.  
Voto a favor da transferência  
Pois voto em contrário. [...]  
Mas jogo de xadrez é cálculo.  
(LISBOA, 1972, p. 43)

Na luta pela conquista do território do outro, alcançada pelo lance final do xeque-mate, a capacidade de calcular as jogadas torna-se imprescindível. Nesse sentido, o engenheiro, com seus mapas, cálculos e medidas, constitui o jogador ideal para lutar em nome da nova ordem política incipiente. Não é por acaso que a República valeu-se tanto da engenharia quanto da medicina sanitaria na conquista do espaço necessário para propagação dos seus ideais.

A respeito do assunto em questão, Reis (1994, p. 80) discorre sobre a aplicação do conhecimento científico do engenheiro e do sanitaria, na escolha de Belo Horizonte entre as cinco candidatas ao posto de sede do governo mineiro. A saber, de um lado, Aarão Reis escolhe Várzea do Marçal, tendo como referência a topografia, temperatura, quantidade de chuva, deixando Belo Horizonte na segunda opção; de outro, o estudo de um médico higienista apontou os perigos de se erguer uma cidade em terras de várzea. Sem a drenagem adequada das águas, o local ficaria muito propenso ao surgimento de doenças. Esse argumento representou a jogada definitiva dos estadistas mineiros na substituição do nome de Várzea do Marçal.

A ciência aplicada como forma de dominação do espaço encontra-se na seguinte passagem de *Belo Horizonte Bem Querer*:

Cada engenheiro põe afinco  
ao desbravar sua partilha.  
Vem para aqui vai para lá  
mede a altura acima do mar  
a média da temperatura,  
com minudências esmerilha  
o solo o subsolo a atmosfera  
a chuva orvalhos e vapores

a latitude e longitude  
 o ímpeto dos ventos reinantes  
 o volume e a espécie das águas  
 a seiva e a dimensão dos plainos.  
 (LISBOA, 1972, p. 47-48)

Com seus instrumentos, os engenheiros analisam detalhadamente o espaço de cada localidade candidata à capital. A tarefa realizada com afinco vai desde a medida da temperatura ao esmerilhar do solo, subsolo, da atmosfera, dos ventos, ao volume das águas. O procedimento minucioso faz lembrar o trabalho do cirurgião, ao operar determinado paciente. No passo a passo da cirurgia, em primeiro lugar, mede-se a temperatura do corpo. Encontrando esta nas condições ideais, tem início o processo incisivo. O solo e o subsolo ganham ares de derme e epiderme. Os vapores fazem as vezes da quantidade de ar inspirada ou expirada pelos pulmões. A espécie e o volume das águas parecem remeter a tipos sanguíneos. Reforçado esta última imagem, a palavra ‘seiva’ aponta para o sangue circulando dentro das veias.

Os versos de *Bem Querer*, antes mesmo que Belo Horizonte fosse o local escolhido, antecipara a utilização do espaço como meio de conquista:

Ergue-se então coroando a festa  
 o oráculo de Dom Viçoso  
 numa visita pastoral:  
 “Será pleiteado dentro em pouco  
 por altos preços a metro,  
 o chão deste lindo arraial”.  
 (LISBOA, 1972, p. 31)

Capaz de antecipar a visão do futuro, o oráculo enxerga além das linhas do belo horizonte, contido no “chão deste lindo arraial”. A beleza, vista sob o olhar da medicina e da engenharia, fica em segundo plano. Sob tal perspectiva, ela não entraria como pauta em questão, conforme pergunta do anjo azul. A saber, “E a beleza dos panoramas (o anjo dos azuis pergunta) não entraria acaso em pauta?...” (p. 48). O belo, que tanto sentimento desperta no olhar de quem visita a região, cede lugar à capacidade de medir, cortar, retalhar o chão onde será fundada a nova capital. Em nome da nova ordem política e do conhecimento científico, o arraial de Curral Del Rei foi destruído. Como previsto pelo oráculo, as terras foram demarcadas e os lotes vendidos por altos preços.

A antiga localidade, onde se ergueu a sede do governo, passou por uma espécie de cirurgia topográfica radical. O traçado das ruas, os tipos de construções em muito lembravam o passado e a velha ordem política simbolizada por Ouro Preto. Em tempos de ruptura com a

tradição colonial, e afirmação política em torno do espaço, tais características ganham ares de notas dissonantes em uma época regida pelo saber da ciência. De acordo com Andrade (2004, p. 75), “construída entre 1894 e 1897, Belo Horizonte nasce sob o signo da destruição do passado colonial e da modernidade urbanística inspirada nos modelos europeus e americanos do século XIX.” Seus construtores almejavam uma cidade ampla e bem traçada, em flagrante negação a Ouro Preto, sufocada entre montanhas, sem claridade, sem espaço suficiente e sem horizontes. Semelhante à antiga Vila Rica, o arraial de Curral del Rei, sob o olhar preciso do engenheiro, é varrido do mapa de Minas Gerais. Em seu lugar, funda-se a nova capital, planejada nos moldes da ciência a serviço da emergente República.

As predições do oráculo de Dom Viçoso ganham reforço a partir do sentimento de alegria, conforme descrito nos versos abaixo:

A alegria é um metal de sangue  
a enrubescer e a aquecer o corpo.  
Os que na rua se atropelam  
com abraços de labareda  
áscuas no olhar safira na alma  
terão nos lábios até mesmo  
o sabor da alegria  
- o sal das lágrimas.  
(LISBOA, 1972, p. 53)

A intensa alegria dos moradores do antigo Curral Del Rei, ao saberem da construção da nova cidade nas terras desse arraial, parece transbordar à semelhança de uma taça de vinho. Envoltos pela grandiosidade da notícia, tais pessoas agem como se estivessem sob o efeito da bebida dionisíaca. Em um primeiro instante, a alegria parece saltar dos lábios a partir da absorção de uma generosa dose de vinho doce ou suave. Em um segundo momento, ela perde suavidade e doçura, como se fosse produzida por um gole de vinho seco. Ao passar de um extremo a outro, a alegria se revela tão frágil quanto o cristal constituinte da taça. Essa fragilidade tem como fim o gosto salgado das lágrimas.

Os que se atropelam nas ruas do arraial o fazem com “áscuas no olhar safira” (p. 52). Ao caracterizar dessa forma a expressão nos olhos, os versos de *Bem Querer* sugerem a mudança do estado emocional dos habitantes desse local. O termo ‘ásqua’ remete à ideia de algo brilhante e de fogo nos olhos de alguém encolerizado. Se à primeira vista, a construção da nova capital nas terras do antigo Curral Del Rei foi motivo de felicidade, como sugerido no brilho do olhar; sob outra perspectiva, brilhar ganha nova tonalidade apontando para a cor vermelha dos olhos vertendo lágrimas ou sob o efeito de intensa cólera. A razão dessa

mudança de estado emocional, caracterizada pela alegria que transita entre sentimento de felicidade e lágrimas, ao que parece, encontra explicação nas seguintes palavras:

O antigo arraial de Belo Horizonte, onde foi construída a nova capital, passou por total demolição, uma vez que suas construções e seu traçado foram considerados incompatíveis com o projeto dos engenheiros. A modernidade de Belo Horizonte afirma-se, portanto, em oposição ao que havia em seu antigo sítio e, principalmente, em flagrante dissonância com a antiga capital, Ouro Preto. (ANDRADE, 2004, p. 75)

A construção da nova capital trouxe abaixo casas, transformou ruelas em largas avenidas, na tentativa de apagar os vestígios do obscuro burgo denominado Curral Del Rei. Para tanto, o arraial foi demolido, levando consigo a história de seus moradores. Sem raízes, sem passado, aos habitantes locais restou o sabor salgado das lágrimas.

O termo ‘safira’ presente no olhar faz lembrar a imagem de algo não apenas precioso, mas também mutável. Enquanto pedra preciosa, a safira apresenta variadas cores, apresentando de tons azuis, rosas e incolores, a outros mais. Tal variedade de coloração, que vai da cor à ausência desta, assemelha-se às variações da alegria, que ora aparece como felicidade transbordante, ora surge como tristeza, expressa nos olhos sob a forma de lágrimas. A palavra ‘safira’ também remete à ideia de pedra bruta transformada em joia. Nesse sentido, o ato de demolir o arraial, transformando-o na sede do governo de Minas Gerais, sugere que alguma coisa bruta foi lapidada até atingir a condição de uma bela joia. No entanto, o que aos olhos salta como pedra preciosa revela-se a partir de um olhar mais apurado como ilusória pirita. Este mineral, rico em ferro e conhecido como ouro de tolo, foi motivo de muitas desilusões para aqueles que o confundiram com o ouro verdadeiro. Em sua origem o nome pirita vem do grego, trazendo como significado fogo. Nos versos de *Bem Querer*, a alegria como “metal de sangue a enrubescer e aquecer o corpo” assemelha-se à pirita. À primeira vista, representa motivo de comemoração entre os moradores do antigo arraial, cujos corpos, aquecidos pelo efeito inebriante do vinho, atropelavam-se de felicidade pelas ruas por onde passavam. No entanto, terminado o momento de embriaguez, o fogo da alegria chega ao fim, e a realidade surge como outra. O fogo, então, assume o aspecto de cólera a saltar dos olhos dos habitantes de Curral Del Rei, ao presenciarem a destruição de sua história em nome do progresso. Sob tal perspectiva, a construção de Belo Horizonte faz lembrar o ouro dos tolos. A saber, surge como alegria promissora, mas a partir de olhares mais apurados revela-se como jogada final, dando xeque-mate às origens do velho arraial.

Em um dos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*, há o registro:

Abaixo o nome desse burgo  
chamado de “Curral del Rei”  
à falta de melhor batismo.  
(LISBOA, 1972, p. 33)

No trecho acima, o desejo de mudar diz respeito apenas a um pequeno ponto da história de Curral Del Rei, a saber, a denominação. Esse nome, além de não condizer com a beleza das terras da região, em nada tinha a ver com a prosperidade alcançada pelo arraial. Em tempos de vivas à República e de abaixo a Monarquia, curral remete à ideia de atraso, de lugar parado no tempo. Chamar de Curral Del Rei as terras onde será erguida a cidade símbolo da *res publica* significa manter os resquícios dos velhos laços atados a um passado em que o rei governa e os súditos acatam. Diferente dos construtores da nova capital, que jogaram por terra toda a história dessa antiga localidade, os versos de Henriqueta intencionam botar abaixo o infeliz batismo do antigo vilarejo, sem o desrespeito às raízes históricas de seus moradores.

A nova ordem republicana nascente, em oposição ao costume de erguer monumentos em honra ao passado glorioso, constrói a nova capital com o objetivo de apagar os velhos tempos. Por essa razão, Ouro Preto foi condenada ao degredo do tempo e Curral Del Rei, completamente demolido. Conforme afirmações de Lara (1996, p. 59), “Belo Horizonte não foi feita para lembrar. Foi feita para que se esquecesse, se abandonasse [...] tudo o que fosse diferente dos ideais positivistas da República. [...] foi criada sob o signo da ruptura com o passado e voltada totalmente para um futuro que se queria ordenado e progressista.”

## 2.2 O Projeto de Construção

Belo Horizonte nasce com o objetivo de anunciar os novos tempos no final do século XIX. Erguida a partir dos princípios da ordem e da higiene, “diferente de outras cidades, sua construção se impôs e transformou a geografia local, o pequeno arraial de Curral Del Rei” (KARMONA, 2010, p. 8). Em nome de um projeto milimetricamente calculado, igrejas, casas, choupanas foram demolidas, sob a alegação de que seus traços e formas estavam em descompasso com o conceito de modernidade da época.

Nesse cenário de ruptura com o passado, anunciado pelo espírito de liberdade, que deixava para trás o modelo colonial, alguns escritores e jornalistas registraram seu contentamento em relação à nova era simbolizada pela capital. Olavo Bilac escreveu a esse respeito:

Mais meia légua. E, chegados a uma elevação de terreno, vemos toda a serra do Curral, estendida numa linha azulada, com o seu alto Pico topetando com as nuvens, a uma altura de 1.310 metros.

Corre-se então com a vista toda a localidade escolhida para o estabelecimento da nova capital de Minas.

É como um enorme anfiteatro dodecagonal, aberto para o Oriente, encostado à serra do Curral e ao norte à serra da Contagem.

[...]

Dali a meia hora, entramos na povoação. E com que surpresa e com que alegria!

Supunha eu encontrar em Belo Horizonte uma ou duas dúzias de casas rústicas, num arraial quase morto, mergulhado num silêncio melancólico.

Em vez disso, acho uma área povoada de mais de dois mil metros quadrados, em que levantam talvez duzentas casas [...] e – principalmente... muitas moças que nada têm de feias... (BILAC, Olavo. *apud* MIRANDA, 1996, p. 64-65)

Como já foi dito, Bilac visitou as terras onde seria edificada a futura Belo Horizonte como correspondente do jornal *A Gazeta de Notícias*. A visita de inspeção visava levar aos seus leitores informações a respeito da construção da capital. Para que estas fossem dadas com maior precisão possível, o autor viajou na companhia de outros três: um deputado, um aluno da Escola de Minas e um artista. Dessa viagem surge uma das primeiras formas de saudação ao modelo que deixou para trás o passado colonial de Minas. Interessante notar que o modo de proceder desses viajantes faz lembrar o trabalho de Aarão Reis, quando estudava a localidade. O integrante do grupo proveniente da Escola de Minas, ao levar na bagagem instrumentos, tais como aneroide, termômetro, máquina fotográfica, picareta e martelo, demonstra quanto o ideal de ordem e precisão conduz os tempos vigentes.

Acrescentando sua voz ao coro dos intelectuais envolvidos pelo espírito de modernidade da época, escreveu Rui Barbosa:

Por que Belo Horizonte? Já vos articularam o reparo e eu insisto. O adjetivo estreita aqui o vago, o mágico, o incomensurável deste nome. Todo e qualquer epíteto o apoucaria. *Horizonte* é que era, e devia tornar a ser. Esta se devia chamar simplesmente a cidade do Horizonte, ou apenas horizonte, numa palavra indefinida, como as perspectivas da sua vida. Ouro Preto representa o coração da terra, as entranhas do trabalho, da luta e do sofrimento. Belo Horizonte, os céus, a vitória a conquista, a coroa da jornada humana, a alegria de viver na contemplação inenarrável do universo, o êxtase da admiração ante as maravilhas da obra divina, colhidas no relance de um olhar que se mergulha pela extensão sem plagas do azul. (BARBOSA, Rui. *apud* MIRANDA, 1996, p. 20)

Conforme descrito, Ouro Preto representa o coração da terra, as entranhas, o sofrimento. Em tempos guiados pela visão positivista, a velha capital parece assumir as feições de um corpo moribundo. O declínio econômico e a topografia surgem como doenças incuráveis contra as quais o corpo citadino não consegue lutar. Ao contrário, Belo Horizonte representa a vitória, o céu, a alegria de viver, a conquista. A partir desse jogo de opostos, nova ordem política se anuncia, tendo à frente a imagem de algo positivo proveniente de instâncias superiores. Nesse caso, a superioridade viria da razão coroada sob a forma de ciência.

Em relação ao fato de o adjetivo belo estreitar a palavra ‘horizonte’, isso vai ao encontro da ideia de beleza difundida pela égide positivista. O belo, sob tal perspectiva, não provém da beleza dos panoramas, “da extensão sem plagas do azul”, mas dos limites impostos ao espaço a partir do viés da razão. No caso de Belo Horizonte, estreitar o horizonte significa demarcar o território para erguer o cenário em que os ideais de modernidade possam encontrar terra fértil e se prosperar.

Elogios ao êxito do projeto da nova capital de Minas não faltaram por parte de João do Rio, conforme a seguinte passagem:

Belo Horizonte foi feita outro dia como uma prova tranqüila de energia. Mas de tal forma os que a fizeram estavam embebidos do sentimento impessoal da Beleza que a cidade inteira é, definitivamente, um miradouro do céu. O azul não está no céu, lá no alto. O azul está nas praças, está nas ruas, ondula nos montes, escorre das árvores, cerca as pessoas. Belo Horizonte, única e talvez a derradeira poesia da República. (RIO, João. *apud* MIRANDA, 1996, p. 100)

Interessante observar que o autor se refere à beleza como sentimento impessoal. A impessoalidade resulta do ponto de vista dos construtores, que sob o rígido olhar da ciência, constroem o belo. Este, diferente das formas encontradas na natureza, orienta-se pelos

caminhos da razão. Nessa perspectiva, “o azul não está no céu, lá no alto”, como afirma João do Rio, mas nas ruas, nas praças. Das linhas e traços do projeto da cidade, nasce o sentimento impessoal de beleza, que se impõe como único para todos olhares voltados para a nova construção.

A ideia em torno da beleza objetiva faz lembrar a racionalidade expressa sob a forma de silogismo. De acordo com esse raciocínio lógico, para se chegar a uma conclusão válida, o conteúdo das premissas não importa. A forma, sim, representa o essencial. Em outros termos, a razão aplicada ao espaço prescinde da beleza aí contida, para criá-la a partir de um modelo ou de uma fórmula imposta pela ciência e seu pretense olhar imparcial. Considerar Belo Horizonte como derradeira e única poesia da República sugere a constituição de um ponto de fuga a direcionar os rumos do poder nascente. Partindo da ligação entre a nova ordem republicana e os ideais positivistas de ordem e progresso, os versos que fazem de Belo Horizonte esta última poesia, supostamente, estariam registrados na forma de soneto. A propósito, vale a pena lembrar que José Américo Miranda (1995, p. 97) comenta sobre “o caráter parnasiano” dessa cidade, tendo em vista o traçado da planta, a arquitetura e a “conformação linear dos limites [...] dados pela avenida do Contorno.”

Esse sentimento de liberdade, proveniente da ruptura dos laços com o passado colonial e monárquico, parece ganhar voz nos seguintes versos de *Belo Horizonte Bem Querido*:

Firma-se em cada construção  
o alicerce da Liberdade

Fica na colina do centro  
o palácio da Liberdade

Abrem-se para os quatro cantos  
as janelas da Liberdade  
(LISBOA, 1972, p. 58)

Os versos acima, ao serem apresentados de dois em dois, constituem o dueto a partir do qual o espírito de liberdade simbolizado pela construção da capital se manifesta. Por um lado, a nova cidade surge como espaço de propagação dos valores republicanos; por outro, retira das mãos de Ouro Preto a sede do governo mineiro. Desse caminho constituído entre o transferir a capital, antigo sonho dos inconfidentes, e o construir outro espaço para abrigá-la, anseio dos republicanos, o velho e o novo se encontram e ganham forma no projeto que deu origem a Belo Horizonte.

“O alicerce da Liberdade”, cuja primeira tentativa de erguê-lo coube ao movimento da Inconfidência Mineira, firma-se em torno de cada construção edificada nas terras da futura sede. Ao centro, conforme registros de *Belo Horizonte Bem Querido*, ergue-se na colina mais alta o Palácio da Liberdade. Voltadas para os quatro cantos, estão suas janelas como braços abertos dando vivas aos novos tempos. Esse modo de olhar voltado para todas as direções corresponde a todos os caminhos que circulam em nome da liberdade.

No entanto, os alicerces sobre os quais o sentimento de liberdade se funda parecem não ter tanta resistência conforme previsto. O projeto de construção de Belo Horizonte, ao ser engendrado sob a visão de mundo positivista, seguiu caminho como se o passado não existisse. Rumo à ideia de ordem e de progresso, o arraial de Curral Del Rei foi demolido e sobre os escombros a nova cidade foi erguida. Ao se constituir na tentativa de apagar os tempos de outrora, o desejo de liberdade parece ficar aprisionado em uma forma de molde positivista. O Palácio da Liberdade e suas linhas neoclássicas apontam para essa prisão onde o desejo de ser livre ficou confinado entre quatro paredes. Erguida para abrigar a sede do governo de Minas, essa construção, localizada estrategicamente “na colina do centro”, faz lembrar uma torre cuja função é resguardar o poder emergente e vigiar os que contra ele quiserem se voltar. Nessa perspectiva, a nova ordem política seguira à frente, resguardada pela ideia de progresso emoldurada pelo viés do controle. A respeito do assunto, há o seguinte registro feito por Fernando Luiz Camargos Lara em sua dissertação:

Deliberadamente afastada da cosmogonia barroca de Carpentier e desta implantação pela sucessiva rotina das cidades brasileiras, Belo Horizonte nasce arrancada do espírito histórico. Nega o barroco de Ouro Preto, nega o espaço dramático da malha de casas pontuado pela malha das igrejas, nega o jogo de luz e sombra, nega os espaços ricos de dúvidas, nega a contraconquista e a mestiçagem e tenta instituir o barroco francês de Versalhes, das perspectivas dirigidas, da raça branca, da setorização/segregação. (LARA, 1996, p. 53)

Negar “o jogo de luz e sombra”, de curvas e linhas retorcidas, encobrindo o passado barroco tanto ouro-pretano quanto do arraial de Curral Del Rei, remete à tentativa de criar um espaço onde há lugar apenas para um único ponto de vista. Por essa razão, a luz se sobrepõe à sombra, as curvas se transformam em retas, a dúvida se converte na certeza. Nesse cenário de arestas aparadas, de linhas que se convergem para a perspectiva única do Palácio da Liberdade, caminha a República iluminada pelos holofotes da ciência. A esse respeito escreveu Sérgio Buarque de Holanda: “O traço retilíneo, em que se exprime a direção da vontade a um fim previsto e eleito, manifesta bem essa deliberação.” (HOLANDA, 1994, p.

96). A reta traçada demonstra as intenções republicanas impostas não apenas ao espaço público das ruas, mas indicando o percurso obrigatório para seus transeuntes.

É interessante notar a maneira ambígua como o poema *Belo Horizonte Bem Querer* aborda o sentimento de liberdade. O caminho escolhido para retratá-lo se constitui em torno da nova capital. Esta, em princípio, era motivo de alegria por parte dos curralenses que se atropelavam pelas ruas, comemorando a escolha de suas terras para a instalação de Belo Horizonte. Porém, à medida que a euforia das comemorações passa, os moradores do antigo sítio percebem o alto preço pago em nome da liberdade. Isso pode ser confirmado na passagem abaixo, destacada do livro *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*:

A dimensão conservadora e autoritária do projeto modernizador da República já se fazia presente. Ao lado da qualificação das “positividades” naturais do local escolhido, procedeu-se a uma verdadeira desqualificação de seus aspectos socioculturais. Para o empreendimento que deveria harmonizar condições higiênicas e a construção de uma grande cidade, seu povo e seus costumes eram tratados como empecilhos a serem removidos. (DE PAULA, J. A. In: MEDEIROS, 2001, p. 30)

De acordo com Assis (1995, p. 8), “as características da população local eram vistas como resultado de uma cultura pobre”, que se modificaria a partir do convívio com os hábitos importados da Europa. O projeto da nova capital, nessa perspectiva, colocaria o poder republicano em sintonia com as novidades internacionais, nascidas no Velho Continente no século XIX. Não é por acaso que a construção de Belo Horizonte teve como parâmetro as reformas urbanas ocorridas em Barcelona e Paris, tendo à frente o referencial arquitetônico desenvolvido na Escola de Belas Artes de Paris. Visto por tal ótica, o plano original da cidade pretendia eliminar:

A idade média do lugar: o metafísico Curral D’El Rey, com sua igreja pastoreando o casario tortuoso, para retomar sua infância, descontaminada do cultural, em seu primitivo estado fetichista – instintivo, voluntário, orgânico – o natural, e, a partir dele, articular racionalmente a sua idade moderna, o estado positivo, científico, definitivo. (MAGALHÃES & ANDRADE, In: MEDEIROS, 2001, p. 142)

No poema em questão, a ambivalência em torno da liberdade parece anunciada pela alegria, que se duplica entre manifestações de felicidade e o gosto salgado da lágrima. Esse percurso ambíguo está sugerido na forma como a autora encadeou o texto. A saber, os versos são apresentados dois a dois, do início ao final da série. A primeira metade, finalizada com “Todos os caminhos circulam em demanda da Liberdade” (p. 57), aponta para a alegria da liberdade, enquanto esperança, ou janelas abertas aos quatro cantos na direção dos

caminhos que levam ao desejo de ser livre. A segunda metade, iniciada com “Trêmulos arbustos se inclinam diante da flor da Liberdade” (p. 57), revela o lado triste da liberdade que transforma os moradores de Curral Del Rei em trêmulos arbustos face ao progresso que toma posse de suas terras. Nesse sentido, os pilares da liberdade se fundam sobre “espáduas humanas” ou sobre o corpo daqueles sacrificados para dar lugar aos novos tempos e ao que estes impõem como maneira de ser livre.

Após apresentação do trecho relativo ao sentimento de liberdade em *Belo Horizonte Bem Querer*, os versos seguintes dizem respeito a um vulto de espírito irônico chamado Alfredo Camarate. Conforme registrado no poema:

Um vulto de realce  
de espírito irônico  
de lunetas de ouro  
de cerradas barbas  
e quem sabe louro  
esse Camarate  
nascido em Lisboa.

Colabora assíduo  
no jornal local.  
Fala com humor  
de umas velaturas  
vermelhas que o barro  
(do chão, da soalheira?)  
lhe deixa na cútis  
que seria clara.  
E assina com nuances  
Alfredo Riancho.  
(LISBOA, 1972, p. 59)

O humor e a ironia atribuídos a Camarate parecem desvelar as intenções por trás da construção da nova capital. Estas, encobertas sob o ideal de *res-pública*, erguem Belo Horizonte não como forma de proporcionar um espaço para a livre circulação do povo, mas para controlá-lo a partir de retas apontando o caminho a seguir. Cada percurso trilhado supostamente é visto pelos ocupantes do Palácio da Liberdade, cujas janelas abertas aos quatro cantos assemelham a olhos na espreita de quem circula pelas ruas da cidade.

As palavras ‘velaturas’ e ‘nuanças’ apontam para algo escondido, encoberto de modo diferente a cada matiz da tinta que o envolve. No entanto, sob o olhar atento visto através “de lunetas de ouro”, o oculto vem à tona, revelado pelo espírito irônico, que “tem olhos de lince para as cores” (p. 60). Com visão precisa, capaz de distinguir variados tons, esses olhos permitem enxergar a camada de tinta primária com a qual os republicanos pintaram o quadro da futura sede do governo de Minas. A cor vermelha das velaturas que o

barro deixou na pele de Camarate, segundo consta nos versos acima, faz lembrar o sacrifício imposto aos moradores de Curral Del Rei “na escalada da Liberdade” (p. 58). Velados sob a forma de estacas, encontram os vestígios desse arraial, onde se firmou a fundação de Belo Horizonte.

Alfredo Camarate, nascido em Portugal, veio para o Brasil e estabeleceu moradia em Minas Gerais entre 1892 a 1894. Como contribuinte do jornal *Minas Gerais*, órgão oficial do governo do estado, escreveu várias crônicas. No artigo “Crônicas de Belo Horizonte”, Vera Alice Cardoso Silva afirma:

Ao longo do ano de 1894 publicou uma série de crônicas sobre a vila de Belo Horizonte, que hospedou a Comissão Construtora da Nova Capital e toda a turma de trabalhadores especializados que junto vieram, com famílias, tralhas, e bagagens, mudando rapidamente a rotina e os costumes do lugar.  
Essas visões preciosas do início da nova capital, que cobrem o período de março a dezembro de 1894, foram publicadas pela Revista do Arquivo Público Mineiro, em 1985. (SILVA, 1997, p. 302-303)

Além dessas informações importantes sobre a história da nova capital, não se pode perder de vista que Alfredo Camarate era cronista dos tempos republicanos. Ao desempenhar essa função, ele reproduzia o discurso científico e as condições higiênicas vigentes, desqualificando a localidade do antigo Curral Del Rei. “Seu povo e seus costumes eram tratados como empecilhos a serem removidos.” (DE PAULA, J. A. In: MEDEIROS 2001, p. 30-31). Em uma das crônicas de Camarate, consta o seguinte registro:

[...] o tipo geral deste povo é doentio. Magros, amarelos, pouco desempenados na maioria; havendo uma grande proporção de defeituosos, aleijados e raquíticos. Ora, esta fisionomia quase geral da população de Belo Horizonte desarmoniza completamente com a amenidade do clima, com o ar seco e batido quase constantemente pela brisa, com a natureza do solo que é magnífica [...] (CAMARATE *apud* ASSIS, 1995, p. 9)

De acordo com a passagem acima, há descompasso entre as qualidades naturais do lugar e a população que o habita. Esta última é tratada como corpo doentio, a ser curado por intervenção cirúrgica. Quanto à natureza local, ganha ares positivos, em virtude da amenidade climática, do equilíbrio entre ar seco e o frescor da brisa, ao lado do solo magnífico. Nesse jogo entre negativo e positivo, nasce Belo Horizonte como tentativa de harmonizar ciência e condições higiênicas em nome da cidade símbolo da nova ordem política vigente. Mais do que procedimento cirúrgico reparador, a construção da capital assemelha à cirurgia plástica estética, conforme sugerido na passagem abaixo:

Uma capital absolutamente nova, como a que vai edificar o Estado de Minas, não pode nem deve ser moldada pelos hábitos simples caseiros e modestos do atual povo mineiro. O luxo, as comodidades, a elegância são bens ou males inevitáveis nas grandes coletividades, e os futuros coupés, vitórias, landaus, caleças e benders deviam, desde já, entrar em linha de conta, como elementos futuros e que não de irremissivelmente aparecer, com o desenvolvimento e o progresso de uma grande cidade. (RIANCHO, Alfredo, 1894, p. 5 – pseudônimo de Alfredo Camarate – *apud* SILVA, 1997, p. 299)

Alfredo Camarate, além de escrever para o órgão oficial do governo de Minas Gerais, “era engenheiro arquiteto, sócio da firma Edwards Soucasseaux e Camarate, que ganhou a concorrência para realizar algumas obras de construção da nova capital.” (SILVA, 1997, p. 302). Não é de se estranhar o fato de o empreiteiro desqualificar os habitantes locais para levar adiante a obra da futura cidade. Nesse sentido, os versos de *Bem Querer*, ao se referirem à figura de Camarate, o fazem a partir da imagem de um espírito irônico, cujas nuances revelam o pseudônimo adotado. As “velaturas vermelhas que o barro lhe deixa na cútis que seria clara” (p. 59) sugerem outra pessoa escondida sob a poeira depositada na pele. Se à primeira vista, as crônicas do engenheiro trazem dados importantes sobre Belo Horizonte; em um segundo momento, este se revela como alguém a serviço da emergente República e da propagação dos ideais científicos e sanitaristas. O vulto irônico em torno do cronista aponta para a imagem de lobo na pele de cordeiro. Por trás de Alfredo Camarate, um outro se oculta, sob o pseudônimo de Riancho. Tanto o cronista quanto o construtor representam faces da mesma moeda, ou nuances de uma mesma cor, cujos matizes perpassam o discurso positivista da ordem, do progresso, do conhecimento médico-científico, que juntos compõem o cenário onde a República se implanta.

### 2.3 O Traçado da Cidade

Já foi lembrado que, em um dos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*, está registrado que “jogo de xadrez é cálculo” (p. 43). O emprego da palavra ‘xadrez’ tem como referência tanto a velha capital Ouro Preto quanto a nova, Belo Horizonte. Na disputa entre ambas para ver qual ficaria com o posto de sede do governo, esta última dá o golpe final na primeira, que perde o trono como o rei diante do xeque-mate. A queda do monarca ou da antiga cidade significa por abaixo a velha ordem política, em nome de outros tempos anunciados pela nascente República. Se em épocas passadas, a sorte sorriu ao povo ouro-pretano com a descoberta de ouro em suas terras; no presente, não há lugar para acaso e

fortuna, mas para o uso da técnica e estratégia advindas do conhecimento científico. Essas não dependem da febre do ouro para erguer uma cidade, mas do uso do cálculo e do raciocínio como no jogo de xadrez. Nessa perspectiva, caminhos irregulares e tortuosos, que se encontram casualmente, dão lugar a retas cujos pontos de contato são estrategicamente pensados.

Desse cruzamento entre linhas, ângulos e quadras, surge o traçado de Belo Horizonte. A respeito do mapa da cidade, escreveu Letícia Julião:

As ruas, criteriosamente mensuradas, formando quarteirões regulares, desenhavam um traçado semelhante a um tabuleiro de xadrez. A malha urbana retilínea era pontuada por algumas praças, das quais se irradiavam avenidas longas e largas, que cruzavam, em diagonal, os pontos extremos da cidade. Uma área de 51.220.804 m<sup>2</sup> foi dividida em 27 triângulos, que passaram a ser designados por seções. Com base nesse mapa, foram demarcadas as zonas urbana, suburbana e rural. O zoneamento funcionava como instrumento fundamental para o controle da cidade. Fixava previamente seus limites; classificava e hierarquizava seus territórios, que deixavam de ser uma dimensão fluida e indefinida para se transformarem em áreas delimitadas (JULIÃO, 1996, p. 57)

O uso do cálculo em grande escala confere ao desenho da capital ares de um tabuleiro de xadrez e, entre o referido jogo e os traços da cidade, há vários pontos semelhantes. A medida das ruas formando quarteirões regulares faz lembrar as “casas” por onde deslocam as peças. O cruzamento das avenidas em diagonal remete à disposição das “casas” verticais inclinadas como se fossem escadas e chamadas de Diagonal. O nome dado ao conjunto de oito “casas” alinhadas no sentido horizontal é Horizontal. Guardadas as devidas proporções, é interessante notar a semelhança entre o termo ‘horizonte’ e esta última denominação das quadras do jogo.

No tocante à circulação sobre o tabuleiro, cada peça só pode transitar no percurso a ela destinado. Entre movimentos na direção horizontal, para frente e para trás, como o da Torre; no formato de letra L, como o trajeto do Cavalo; ou na forma de circular da Rainha tanto pela esquerda quanto pela direita, na diagonal ou horizontal, cada elemento só pode se movimentar por onde as regras permitirem. Essa forma de controle a partir da demarcação do espaço pode ser notada nas palavras de Cyro dos Anjos, quando o autor comenta sobre a estratificação de Belo Horizonte, tendo como exemplo o *footing* na Praça da Liberdade. A saber: “Na alameda à direita [...] caminhavam rapazes e moças de família; na esquerda, [...] criadas e soldados de polícia. Uma rua central, [...] separava sociedade e plebe” (ANJOS, C. *apud* ANDRADE, 2004, p. 137). A respeito do assunto, Letícia Julião destaca duas características marcantes no traçado da capital:

A perspectiva da segregação espacial que distinguia os ricos (funcionários do Estado, comerciantes etc) dos pobres (trabalhadores), através da diferenciação de espaços planejados e não planejados e tipologias diferenciadas de casas, conforme o status de seu ocupante;

A perspectiva da atomização urbana, fruto da classificação dos espaços de acordo com suas funções (moradia, trabalho, comércio, lazer etc.) (JULIÃO, 1996, p. 60)

Essa rigidez estrutural tenta eliminar da zona urbana a possibilidade de mistura, característica das cidades tradicionais. Em Ouro Preto, por exemplo, as casas construídas muito próximas umas das outras, como se fossem geminadas, e a largura estreita das ruas facilitam o contato, colocando em risco o controle social. Na cidade idealizada, ao contrário, “cada coisa deveria ocupar um lugar exclusivo e a espontaneidade e pluralidade de intervenções deveriam ser excluídas através do controle e expulsão para a periferia não planejada.” (DE PAULA. In: MEDEIROS, 2001, p. 33).

Na planta de Belo Horizonte, Aarão Reis projetou a capital dividida em três áreas. Com 8.815.383 m<sup>2</sup>, a zona urbana foi demarcada em quarteirões de 120 m x 120 m, ruas medindo 20 m de largura e avenidas com 35 m. Conforme registros de Abílio Barreto:

Às ruas fiz dar a largura de 20 m, necessária para a conveniente arborização, a livre dos veículos, o tráfego dos carris e os trabalhos de colocação e reparação das canalizações subterrâneas. Às avenidas fixei a largura de 35 m, suficiente para dar-lhes a beleza e o conforto que deverão, de futuro, proporcionar à população. (BARRETO, 1996, p. 242).

Essa parte da cidade, delimitada pela Avenida do Contorno, destina-se ao abrigo dos prédios públicos, do comércio e dos bairros de classe média e alta. No ponto mais nobre da região, fica o setor administrativo, tendo ao centro o Palácio da Liberdade, cercado pelas secretarias, formando o conjunto da Praça da Liberdade. O bairro dos Funcionários, destinado aos funcionários públicos, também foi instalado nesse local.

Para manter a saúde e garantir as condições higiênicas necessárias ao bom funcionamento tanto do corpo físico quanto social, os moradores da zona urbana contaram com importantes recursos tanto da parte dos construtores quanto dos administradores da cidade. O engenheiro responsável pelo zoneamento da capital separou o centro da área suburbana, delimitando-o pela Avenida do Contorno. A saber:

Uma longa avenida circundava a cidade, fixando os limites entre a zona urbana e a suburbana. Também ela funcionava como recurso de comunicação e integração, não entre dois pontos extremos, com as demais, mas interligando diferentes bairros da cidade. Ao encerrar a área urbana em um território circular, criava-se o que se pode chamar de uma versão moderna de fortaleza. (JULIÃO, 1996, p. 59)

Apesar de a Avenida não impedir o acesso à parte nobre da cidade, há nítida demarcação de fronteira entre zona urbana e periférica. Para entrar na fortaleza ou no castelo habitado pela nobreza local, seria preciso transitar por uma rede viária retilínea estrategicamente construída para controlar ou vigiar e punir quem não cumprisse as regras, caminhando por zonas de acesso restrito.

Da parte da administração pública, para manter saudável os moradores desse local, foram tomadas medidas com o objetivo de restringir a circulação no setor urbano. Conforme o registro a seguir:

As posturas municipais também contribuíram para dificultar o acesso da população mais pobre à zona urbana. As prostitutas tiveram sua circulação restrita a áreas mais distantes do centro; foram regulados a atividade de mendicância, o comércio ambulante e o comportamento nos bondes. (ANDRADE, 2004, p. 77)

Encorpendo a lista de tais posturas, a circulação nas praças, nos jardins públicos e no Parque Municipal não era permitida a todos. Como registrado no trecho de um decreto municipal abaixo transcrito:

Pessoas ébrias, alienadas, descalças, indigentes e as que não estivessem decentemente trajadas, e bem assim as que levarem consigo cães e outros animais em liberdade, e volumes excedentes de 30 centímetros de largura por 40 de comprimento. (ANDRADE, 1987, p. 43)

De acordo com o planejamento, Belo Horizonte foi projetada para abrigar cerca de 200 mil habitantes. Nos primeiros anos de fundação, além de a cidade possuir poucos moradores, a zona urbana comportava a menor parcela da população. O elevado preço dos lotes seria uma das razões para isso. A manutenção desse esvaziamento na área central constituiu parte da estratégia para limitar a presença dos pobres no local. A saber:

Será sempre preferível uma população menos numerosa na área urbana, porém saudável e cercada de todas as garantias de higiene, habitando prédios e áreas que tenham o conjunto harmonioso e perfeito previsto pela Comissão Construtora, a vermos mesmo no coração da cidade verdadeiros bairros chineses, habitat predileto de todas as moléstias infecto-contagiosas. (Relatório do prefeito Olinto dos Reis Meirelles, 1912, *apud* FARIA; GROSSI, 1982, p 175)

A área suburbana, com 24.930.803 m<sup>2</sup>, possuía quarteirões irregulares, lotes de variados tamanhos, ruas com apenas 14 m de largura, dispostas conforme a topografia do terreno. Devido à especulação imobiliária, boa parte dos que pretendiam residir na zona

urbana se deslocou para esse setor. Nos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*, isso parece sugerindo no seguinte trecho:

Ergue-se então coroando a festa  
o oráculo de Dom Viçoso.  
numa visita pastoral:  
“Será pleiteado dentro em pouco  
por altos preços a metro,  
o chão deste lindo arraial”.  
(LISBOA, 1972, p. 31)

As palavras de Dom Viçoso antecipam o futuro em torno dos preços altos cobrados pelos lotes na área urbana da capital. Entre a figura do pastor que faz a predição e o jogo de xadrez, há um ponto comum: por um lado, o título de bispo; por outro, a peça chamada bispo. Ao que parece, o oráculo previa o uso do espaço demarcado como instrumento de controle e delimitação de territórios no plano da cidade, desenhada como o tabuleiro do referido jogo.

Completando as divisões projetadas por Aarão Reis, a zona rural, com 14.476.619 m<sup>2</sup>, representava o terceiro setor. O abastecimento da cidade viria dessa região, destinada a chácaras e sítios. Ao que parece, este último estrato remete à ideia de um cinturão verde em torno da capital, para garantir a higiene e a saúde dos moradores da área urbana.

Essa tripla estratificação do espaço faz lembrar a sociedade dividida em estamentos como, por exemplo, na Idade Média. Naquela época, a pirâmide social no sentido de cima para baixo era formada por clérigos, nobres e servos. Transitar de uma camada a outra ou ascender socialmente não estava nos planos dessa forma de organização, criada para garantir proteção, poder e privilégio de poucos. Comparada ao tabuleiro de xadrez, tal sociedade parece recriada nas regras do jogo. Para proteger a fortaleza real, cada peça circula por trajeto determinado, não cabendo ao Peão transitar pelos caminhos do Bispo; ao Cavalo trotar por onde caminha a Rainha. Quanto maior o privilégio social de cada peça do jogo, maiores suas chances de mobilidade sobre o tabuleiro. Por curiosidade, o Peão representa o elemento mais vulnerável da partida, com a menor possibilidade de movimento.

Tal rigidez social, embora os tempos sejam outros, encontra reflexos na forma como o poder republicano demarcou Belo Horizonte. A divisão do espaço em zona urbana, suburbana e rural assemelha aos estamentos dos tempos medievais. Em nome do primeiro setor, tudo se faz visando à manutenção dos privilégios. Diferente da época passada, tida como idade das trevas, a construção da nova capital encontra-se no auge dos tempos modernos, anunciados pelo saber científico. Se no período medieval o poder se garantia

caminhando de mãos dadas com a religião, agora ele caminha lado a lado, tendo como ponto de apoio a ciência considerada a nova religião. À frente dessa perspectiva que utiliza a ordem como instrumento de controle do espaço citadino, estava o francês Augusto Comte na defesa da visão anticaótica:

[...] apesar da pregação que a prevalente desordem social é resultado da anarquia intelectual, fica claro que a ordenação do conflito assim como um antídoto, é o seu contrário, [...] chegando à fundação da única religião capaz de reorganizar até nossos sentimentos. (COMTE, 1975 *apud* LARA, 1996, p. 38)

De acordo com tais palavras, Comte visava não apenas organizar a sociedade caótica, mas também apresentar os fundamentos do que chamou de religião única, antídoto até para os sentimentos. Essa nova fonte de saber capaz de agir como remédio para o doente corpo social e os males intelectuais recebeu o nome de Positivismo. Guiado pelas diretrizes do saber científico, o conhecimento progride ao percorrer um caminho de três etapas: Religião, Filosofia e Ciência. Segundo Gilberto Cotrim (1997, p. 183), “o primeiro estado representa o ponto de partida da inteligência humana; o segundo é uma ponte de transição; o terceiro é o estágio maduro, fixo e definitivo da evolução racional da humanidade.” Nesse trajeto positivo rumo ao progresso, o conhecimento, à semelhança de algo impuro, doente, vai se purificando até atingir a cura de seus males, ou seja, a ciência. O pensamento comteano não ficou restrito à Europa, chegando a outros cantos, conforme o seguinte registro:

Manifestando-se de modo variado em diversos países ocidentais, a partir da segunda metade do século XIX, o positivismo reflete, no plano filosófico, o entusiasmo burguês pelo progresso capitalista e pelo desenvolvimento técnico-industrial. [...] é uma doutrina extremamente influente no plano prático. Ainda hoje continua bem viva em nossa sociedade. (COTRIM, 1997, p. 181)

No Brasil, a aplicação dessa doutrina encontrou solo fértil na construção de Belo Horizonte. O projeto, ao traçar uma cidade dividida em três setores, parece representar à risca as divisões do conhecimento propostas por Comte. Traçando um percurso da zona rural, passando pela suburbana em direção à urbana, a impressão causada é de estar caminhando sob passos orientados pelo saber científico. No início da jornada, encontra o estado mais próximo da natureza, caracterizado pelas chácaras e sítios, a serviço do abastecimento. No meio, ou na faixa de transição, está o setor destinado a fornecer recursos humanos ou mão-de-obra para erguer a área urbana da cidade. Por último, no final da estrada, encontra o setor urbano, tendo como ponto culminante o Palácio fundado em nome da liberdade. Essa concepção

estratificada do espaço vista, sobretudo, no conjunto de seus traços viários a demarcar a zona urbana, tem como finalidade:

[...] garantir ao poder republicano, e ao espaço urbano, o necessário sentido estético de monumentalidade e movimento (através da largura e extensão), a aparência de progresso, a insinuação de democracia [...], a garantia de exclusão dos pobres e trabalhadores da parte visível e espetacular da nova capital. (BARROS, In: MEDEIROS, 2001, p. 37)

A ciência posta como derradeiro estágio do conhecimento e aplicada na sustentação do poder acaba limitando a liberdade entre quatro paredes. Nesse sentido, o Palácio da Liberdade, fincado “na colina do centro” conforme um dos versos de *Belo Horizonte Bem Querer*, lembra uma grande torre ou prisão destinada a quem deseja ser livre. A estratégia de posicionar o edifício no alto e no ponto central, à vista de todos, sugere a imagem de uma bandeira fincada em nome da liberdade. No entanto, isso é destinado a poucos, sobretudo, à parcela nobre da cidade e aos aliados políticos do governo.

No caso de Belo Horizonte, a manutenção da rede de privilégios tem como aliada a ciência, que demarca o espaço transformando-o em imenso plano cartesiano. Como se estivesse delimitada entre os eixos abscissa e ordenada, a cidade delimita territórios por onde circular a partir do uso de retas, ângulos e de cálculos, aplicados ao seu traçado. Sobre o assunto escreveu João Camilo de Oliveira Torres, no artigo “A cidade cartesiana”:

Esta cartesiana Belo Horizonte, inspirada em texto expresso do *Discurso sobre o método*, com as suas coordenadas implacavelmente retas, sua arquitetura perpendicular, seu gosto – que se diria uma fatalidade – pelos ângulos, seu horror às curvas, mesmo às de nível, opõe-se à barroca, pascaliana e curvilínea Ouro Preto. Reta agressiva contra a curva harmoniosa e doce [...]. Ouro Preto, a tradição, as igrejas, a religião, a monarquia; Belo Horizonte, a ciência, o progresso, a república. (TORRES, *O Diário*, 12/12/1957 *apud* ANDRADE, 2004, p. 75-76)

A referência ao *Discurso sobre o método* deixa claro o jogo de intenções por trás do desenho da cidade. René Descartes, ao formular esse texto, estabelece o caminho capaz de levar a razão ao conhecimento verdadeiro. O pensamento cartesiano consiste na superação das ideias tidas como obscuras e imprecisas até chegar ao ponto seguro e preciso onde as bases do saber científico pudessem ser fincadas. A partir dessa última instância, não haveria mais possibilidades de dúvidas a respeito da capacidade humana de conhecer. Segundo Gilberto Cotrim, de acordo com a visão cartesiana:

é preciso, de início, colocarmos todos os nossos conhecimentos em dúvida, questionando tudo para, criteriosamente, analisarmos se, de fato, existe algo na realidade de que possamos ter plena certeza. Fazendo uma aplicação metódica da dúvida, o filósofo foi considerando como incertas todas as percepções sensoriais, todas as noções adquiridas sobre os objetos materiais. E prosseguiu assim, cada vez mais colocando em dúvida a existência de tudo aquilo que constitui a realidade e o próprio conteúdo dos pensamentos. [...] Finalmente, estabeleceu que a única verdade totalmente livre de dúvida era a seguinte: meus pensamentos existem. E a existência desses pensamentos se confunde com a essência da minha própria existência enquanto ser pensante. Disto decorre a célebre conclusão de Descartes: *Cogito ergo Sum* ou *Penso, logo existo*. (COTRIM, 1997, p. 152-153)

Esse porto seguro da razão reforça os fundamentos não só da filosofia moderna, oposta às imprecisões da metafísica, mas também do conhecimento científico. A construção da capital, muito tempo depois, tem como origem o pensamento cartesiano, elevado ao ponto máximo na visão de mundo positivista. Entre passado e presente, curvas e retas, tradição e ciência, monarquia e república, velho e novo, Ouro Preto e Belo Horizonte, o jogo de opostos chega ao fim. A jogada final, ou o xeque-mate, vem dos tempos modernos anunciados pelas ideias claras e distintas de uma razão utilizada como símbolo da liberdade.

Voltando a *Belo Horizonte Bem Querer*, a imagem do espírito irônico, que sugere as intenções ocultas no projeto da jovem cidade, tem adiante os seguintes versos:

Vamos, bem querer, acorda!  
O despertador desperta?  
É o silvo da “Mariquinhas”  
que estremece ao vão da porta  
e invade a janela aberta  
com seus fluidos de flautim.  
(LISBOA, 1972, p. 61)

O verso “Vamos, bem querer, acorda!” invoca Belo Horizonte para despertar. Erguida como símbolo dos novos tempos, a cidade representa o moderno, o futuro, a razão. Essas características aplicadas sob o formato de ângulos, retas, quadras, setores, praças conferem ao espaço citadino o sonho de liberdade. Este nasce em oposição ao passado colonial, às ruelas, curvas e morros de Ouro Preto, à falta do cálculo para planejar e da garantia das condições higiênicas em nome da boa saúde.

A “Mariquinhas”, trem que levava o minério da Serra do Curral para a região da Lagoinha na época da construção da capital, cumpre duplo papel: de um lado, anuncia a chegada do progresso com as obras da cidade; de outro, parece a partir do ruído do silvo “que estremece ao vão da porta e invade a janela aberta” chamar bem querer para despertar do sonho de liberdade. Interessante observar o trajeto realizado pela pequena composição:

Parece ter muita força:  
 dez vagonetes carrega  
 do Acaba-Mundo ao Bom-Fim.  
 Mas se vai dobrar o morro  
 numa curva quase quebra  
 tanto afina a cinturinha.  
 (LISBOA, 1972, p. 62)

Acaba-Mundo é o córrego que passa embaixo da Afonso Pena, uma das principais avenidas da capital. Seguindo o percurso de sul para norte, deságua no rio Arrudas nas imediações do Bonfim. Nesse bairro, há um cemitério com o mesmo nome construído pela Comissão Construtora da Nova Capital. Ao que parece, esse caminho aponta para a imagem de exploração da natureza posta a serviço da modernidade. Só para lembrar, um dos pontos defendidos pelo positivismo era o domínio sobre a natureza, por esse motivo, o uso do cálculo como garantia de controle do espaço. Ir “do Acaba-Mundo ao Bom-Fim” sugere a razão colocando os recursos naturais ao seu dispor. O referido curso d’água é confinado em canais e futuramente coberto para dar lugar à extensa e larga avenida, construída para homenagear o presidente Afonso Pena. A decisão de mudar a capital de Ouro Preto para a localidade de Belo Horizonte foi tomada durante esse governo. A homenagem representa a importância de tal fato.

Em relação à Serra do Curral, boa parte das pedras e do minério de ferro usados nas obras da cidade foi retirada dessa região. A exploração veio desde remotos tempos, ainda na fase inicial da construção. O progresso que caminha em direção ao futuro avança também sobre a Serra, levando cada vez mais seus recursos. A esse respeito, anos depois, escreveu Carlos Drummond de Andrade, no poema “Triste Horizonte”:

[...] Esquecer, quero esquecer é a brutal Belo Horizonte  
 que se empavonava sobre o corpo crucificado da primeira.  
 [...] Fujo  
 da ignóbil visão de tendas obstruindo as alamedas do Senhor.  
 Tento fugir da própria cidade, reconfortar-me  
 em seu austero píncaro serrano.  
 De lá verei uma longínqua, purificada Belo Horizonte  
 [...] Em vão tento a escalada.  
 Cassetetes e revólveres me barram  
 a subida que era alegria dominical de minha gente.  
 Proibido escalar. Proibido sentir  
 o ar de liberdade destes cimos,  
 proibido viver a selvagem intimidade destas pedras  
 que se vão desfazendo em forma de dinheiro.  
 Esta serra tem dono. Não mais a natureza  
 a governa. Desfaz-se, com o minério  
 uma antiga aliança, um rito da cidade. Desiste ou leva bala. Encurralado todos,

a Serra do Curral, os moradores  
 cá embaixo.  
 [...]  
 (ANDRADE, 1977, p. 787-789)

As belezas naturais, motivo de elogios e encantos da parte dos que visitavam a região, nos versos de Drummond perdem o viço, passando de belo a “Triste Horizonte”. A Serra do Curral, antes livre e sob o governo da própria natureza, perde a liberdade, diante das mãos humanas que delas se apossam. Em nome do progresso, “o austero píncaro serrano” aos poucos se transforma em pedras destinadas ao alicerce das novas construções ou em minério utilizado na abertura de ruas, estradas, avenidas.

As transformações resultantes da modernidade ganham ares de seta lançada em direção ao futuro, deixando para trás a memória ou as lembranças de um passado a ser esquecido. No poema de Drummond, tais mudanças acontecem bruscamente como sugerido pela expressão “brutal Belo Horizonte”. A nova cidade se constrói “sobre o corpo crucificado da primeira.” No poema *Belo Horizonte Bem Querer*, os versos referentes à alegria enquanto “metal de sangue” (p. 52) com sabor do sal da lágrima apontam para o sentimento de brutalidade. A construção da nova capital também crucificou a antiga localidade de Curral Del Rei. Ao demolir casas, refazer e abrir ruas, desapropriar terras, colocando abaixo o arraial, a história dos moradores foi deixada de lado em razão do progresso. Assim como a beleza da Serra se desfaz em retalhos de minérios transformados em dinheiro; “o chão deste lindo arraial” (p. 31) é retalhado em lotes vendidos “por altos preços a metro” (p. 31).

Em “Triste Horizonte”, o poeta tenta fugir “da ignóbil visão de tendas obstruindo as alamedas do Senhor”. A fuga não acontece em uma direção qualquer, mas rumo à Serra. Ao buscar a parte alta da cidade, ele parece conduzir o leitor à reflexão. A visão lá de cima permite enxergar sobre a “ignóbil visão de tendas”, o que torna possível olhar para o presente e ver o quanto este foi brutal com o passado. Em outras palavras, é necessário perceber quanto a Belo Horizonte moderna assemelha ao pavão (empavonava) e como tal impressiona pela aparência. Daí a importância de enxergá-la do alto, a saber, além de toda essa plumagem que salta aos olhos.

Em *Belo Horizonte Bem Querer*, os versos “Vamos, bem querer, acorda!” (p. 61), no início da primeira estrofe, e “Ao trabalho, está na hora!” (p. 61), no começo da segunda, chamam para despertar. A figura da Mariquinhas com seu silvo “que estremece ao vão da porta” (p. 61) e “com seus fluidos de flautim” (p. 61) parece cumprir o papel de duplo despertador. Por um lado, evoca o passado, os tempos simbolistas dos fluidos de flautim,

quando certo ar de mistério pairava sobre o horizonte no qual a nova capital foi instalada. Por outro, invoca o presente, os tempos modernos dos trilhos de ferro, quando a atmosfera misteriosa se esvai com as transformações do progresso. Além de carregar os vagões de minério “do Acaba-Mundo ao Bom-Fim” (p. 62), a pequena locomotiva desperta o leitor, conduzindo-o por um passeio reflexivo. Esse percurso mostra que a liberdade, segundo a concepção de poder então emergente, se sustenta negando o passado. Em razão disso, o cálculo, a reta e os ângulos são utilizados para traçar não o monumento dedicado à memória, aos grandes feitos, mas aquele erguido para demarcar o território presente, desfazendo do passado e caminhando em ritmo positivo na direção futura. Belo Horizonte, espécie de obelisco da nascente República, sempre apontado para cima, se constrói demolindo o antigo arraial de Curral Del Rei, explorando suas riquezas naturais, transformadas nos mármores que sustentam a liberdade, conforme descrito no poema *Belo Horizonte Bem Querer*.

## CAPÍTULO 3

### BELO HORIZONTE BEM QUERER: do verso ao reverso

Uma cidade é sinfonia com  
ásperas dissonâncias

Henriqueta Lisboa

#### 3.1 Um Olhar Sinfônico Sobre Belo Horizonte

No livro *Henriqueta Lisboa: o mistério da criação poética*, de 2004, Ângela Vaz Leão, ao escrever sobre a obra de Henriqueta Lisboa, afirma o seguinte:

[...] por cima de grande parte de sua obra paira o espírito de Minas, imperceptível talvez para aqueles que não o conhecem. Se, porém, quisermos que ele se torne mais visível, será mais fácil buscá-lo onde ele se acha mais explícito, isto é, nos livros: *Madrinha Lua* (1952), *Montanha Viva – Caraça* (1959) e *Belo Horizonte bem-querer* (1972). (LEÃO, 2004, p. 90)

A autora comenta a respeito de cada um desses livros, iniciando por *Belo Horizonte Bem Querere*. Chama a atenção o fato de a ensaísta se referir aos três como aqueles em que o espírito de Minas parece mais visível, mais explícito. A tríplice referência faz lembrar o desenho do triângulo inscrito no centro da bandeira de Minas Gerais. Cada livro corresponderia a um lado da figura escolhida para simbolizar o desejo mineiro de liberdade, ainda que tardia, conforme o lema *Libertas Quae Será Tamen* distribuído nas arestas do triângulo. Por razões de tempo e pelos objetivos aqui propostos, esta análise limita-se ao estudo de *Belo Horizonte Bem Querere*.

Como é sabido, Henriqueta Lisboa em 1969 recebeu a notícia de que seria homenageada como Cidadã Honorária de Belo Horizonte. Na ocasião da entrega do título, ao invés de proferir o discurso tradicional, a poeta leu *Belo Horizonte Bem Querere* para agradecer a homenagem recebida. Nas palavras da própria autora:

Ao ensejo da entrega do título, a 21 de julho de 72, diante da Câmara Municipal reunida sob a presidência de Geraldo Pereira Sobrinho [...] procedi à leitura desse poema, em termos de agradecimento.  
De acordo com minha primeira intenção, de natureza coloquial, BELO HORIZONTE BEM QUERER é um poema simples e carinhoso. Assim o tenham. (LISBOA, 1972, p. 7)

O discurso-poema, escrito em séries, nasce a partir de pesquisas baseadas, sobretudo, nos registros históricos de Abílio Barreto. A divisão do texto e o modo como as ideias se entrelaçam dão origem a um pequeno livro em que cada série parece pintar uma parte do grande quadro constituído pela história de Belo Horizonte. No início, as cores ganham tons mais vivos, resultantes das belezas naturais da região com seu horizonte de verdor, diversidade de flores e frutas douradas “em meio de pirilampos que piscam” (p. 10). A tonalidade mais intensa parece refletir o sentimento de amor da poeta pela cidade que a acolheu, carinhosamente chamada de bem querer. No entanto, a tinta com que pinta a tela ou as palavras com as quais tece o poema mudam de tom com o correr da história. Aos poucos, à medida que o texto caminha, o verde do lugar, chamado de “oceano de verdor”, se desbota. Assim como as demais cores, ele perde a disputa para a coloração acinzentada, que anuncia a emergência de novos tempos. À frente desse percurso, como bandeira erguida em sinal de conquista de território, encontra-se a nova capital de Minas.

Em ritmo de ciranda, alargada passo a passo com a inclusão de outro elemento na roda, o poema começa com a chegada de João Leite da Silva Ortiz, primeiro povoador da região. Com ele, inicia o pequeno círculo, chamado fazenda do Cercado. De mãos dadas, “brancos pardos pretos índios” (p. 11) povoam e alargam palmo a palmo essas terras.

Nessas várzeas recortadas  
de veios e fitas d'água  
fazem os gado pascer.  
Multiplicam as sementes  
e as raízes da lavoura.  
(LISBOA, 1972, p. 11)

Juntos também constroem a primeira capela dedicada a Nossa Senhora da Boa Viagem, erguida como forma de agradecimento e pedido de proteção para “tantas idas e venidas pelas grotas e sertões” (p. 17). Aos poucos, Cercado, um “ponto de alfinete” (p. 12) no mapa de Minas Gerais, ganha novos contornos até “mudar-se numa estrela” (p. 12).

O poema, após evocar a construção do rústico santuário recoberto de sapé, mais tarde substituído por uma igreja matriz de estilo neogótico, segundo Ângela Vaz Leão:

canta as frutas que fizeram a fama do lugar, conhecido com “cidade das mangas”, assim como as flores que motivaram o título de “cidade jardim”; celebra o sítio escolhido, o planejamento urbano, a cidade se construindo pouco a pouco, sob o comando de Aarão Reis; a profética palavra na visita pastoral de Dom Viçoso; a queda da monarquia e com ela a do nome de Curral del Rei; o novo nome, Belo Horizonte, decretado por João Pinheiro; a disputada mudança da capital em que “a beleza dos panoramas” influenciou; e, finalmente, a metrópole, cuja grandeza não lhe tira

a doçura, pois é Belo Horizonte “a pena do travesseiro/ em que repousa a nossa frente” (p. 74). (LEÃO, 2004, p. 91)

Do colorido das frutas, como o amarelo das mangas maduras; do branco do leite proveniente das cabeças de gado leiteiro; do dourado dos cereais cultivados por Ortiz; da variedade de flores até a grandeza da cidade transformada em metrópole, o poema pinta um grande jardim, chamado Belo Horizonte.

Entre versos, que parecem ganhar traços de flores, o sentimento de amor pela capital toma corpo, dando a impressão de caminhar rumo à imagem de uma grande rosa. Isso parece sugerido em “rosicler da madrugada” (p. 27) e “rosa dos ventos” (p. 41), apontando para a chegada de novo dia ou nova direção a trilhar. A ideia do embrião crescendo rumo à fase adulta encontra reflexo na seguinte passagem:

A ideia veio vindo  
[...]  
embrião semente tenro broto  
[...] avança mais um passo  
[...]  
e eis que um dia de verde luz  
a ideia é uma corola aberta:

A Capitania de Minas  
deve ter nova Capital.  
(LISBOA, 1972, p. 41)

Como apresentado nos versos acima, a ideia se transforma na própria capital, ao ganhar o formato de “uma corola aberta”. Parte colorida das flores, inclusive das rosas, a corola representa o conjunto das pétalas dispostas em forma de círculo, unidas umas as outras no ponto central da flor. Essa imagem reforçada pelo anúncio da aurora, sugerido pelo termo ‘rosicler’, lembra “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto.

Um galo sozinho não tece a manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro: de um outro galo  
que apanhe o grito que um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzam  
os fios de sol de seus gritos de galo  
para que a manhã, desde uma tela tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.

A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Semelhante ao galo sozinho que não tece a manhã sem o apoio dos outros galos, cada pétala alcança a condição de rosa só a partir da união com as demais. Em *Belo Horizonte Bem Querer*, isso se faz no entrelaçar dos variados poemas, que , juntos, caminham em torno de um mesmo fio com o qual é tecido o poema como um todo.

A maneira como os versos foram dispostos nas páginas contribui para reforçar a imagem de uma planta desenvolvendo no sentido vertical. Do início do texto até o poema da série XXVII, os espaços em branco dão a impressão de algo a ser preenchido. Os versos ocupam praticamente a metade da folha, deixando uma clareira que se estende na direção da margem superior do papel. Na série XXVIII, esse vazio deixa de existir. No lugar, aparece o último poema de *Bem Querer*, ocupando de cima embaixo o espaço da página.

As ilustrações também caminham na mesma perspectiva. A primeira gravura traz uma área ocupada por uma igreja e algumas casas distribuídas no meio de densa vegetação. Ao fundo das construções, parecendo estender rumo ao horizonte, há enorme espaço verde desabitado. O desenho seguinte mostra uma igreja maior, com duas torres e casas mais próximas umas das outras. No lugar onde as construções aparecem, a cor branca ganha destaque no papel, sugerindo clareiras abertas na mata para permitir a passagem. Diferente da figura anterior, o espaço habitado tem maior dimensão, expande do rodapé ao centro da página, não apresentando por trás da área construída tão grande “oceano de verdor”. Na última ilustração, arranha-céus avançam por toda a folha, representando a capital no auge do desenvolvimento.

Em sintonia com a história de uma cidade que se ergue do chão às nuvens, os versos e as gravuras do poema, ao se estenderem rumo ao ponto superior do papel, ganham ares de sementes crescendo aos poucos. Estas, tomando como base a forma como a poeta recria esse percurso, a saber, de modo sentimental, parecem transformar em flores e rosas plantadas no jardim. A leitura de *Belo Horizonte Bem Querer* no instante em que a autora recebe o título de Cidadã Honorária sugere que a homenagem foi retribuída, transformando versos em rosas dedicadas a Belo Horizonte. Nesse sentido, o agradecimento, se escrito sob a forma de discurso tradicional, não remeteria à ideia de ofertar uma rosa à cidade, um dia chamada de Jardim, ou de Vergel, graças às inúmeras flores e árvores.

A referência ao verde parece trilhar dois caminhos. De um lado, traz à tona as belezas naturais da região, motivo de orgulho para moradores e de encanto aos olhos dos visitantes. Henriqueta Lisboa, vale a pena lembrar, nasceu em Lambari, interior de Minas, vindo morar em Belo Horizonte. Ao deixar no poema os reflexos desse verdor, a autora, ao que parece, toma para si o modo de olhar do visitante, revelando, sob forma de versos, os encantos que lhe saltam aos olhos. Por outro lado, a cor verde remete ao sonho dos construtores de erguer uma barreira natural para garantia das boas condições higiênicas. A planta da cidade, em razão disso, dividiu o espaço em três setores, cabendo ao terceiro destinado ao abrigo de chácaras e sítios exercer o papel de cinturão protetor. Além de garantir a qualidade do ar, à zona rural cabia abastecer a população.

Essa alusão à natureza lembra também lugar paradisíaco, conforme sugerido nos seguintes versos:

Estão juncados de flores  
os vargedos e as campinas  
em convite aos recém-vindos.  
As sonhadoras cabeças  
de onde o suor escorre em pérolas  
já descansam sobre os trevos  
de quatro folhas em meio  
de pirilampos que piscam.  
(p. 10)

Branco pardos pretos índios  
de mãos dadas em ciranda  
de vencida palmo a palmo  
vão alargando o Cercado  
(p. 11)

As mangas pendem das ramadas  
[...]  
As laranjas – taças de vinho  
com bagos de mel. Os pêssegos  
doce premura de veludo  
(p. 19)

Belo Horizonte belo nune  
de claridade em amplitude  
vasta clareira de vergel  
braços abertos em rompante  
rotouça em círculo painel  
de aéreos arco-íris em bando  
fortes cavalos cavalgando  
arquibancadas verdejantes  
à luz do cristal em dossel.  
(p. 37)

Flores convidando os recém-chegados, suor escorrendo como pérola, mãos pretas, brancas e indígenas dadas em ciranda, laranjas como bagos de mel, pêssegos aveludados compõem a harmonia da Cidade Vergel. Ampliando a atmosfera paradisíaca, há o colorido do arco-íris, o verde da luz do cristal, perpassados por cavalos cavalgando. Estes últimos lembram a figura do Unicórnio, animal mitológico semelhante ao cavalo e tido como símbolo da pureza. A palavra ‘nume’ atribuída a Belo Horizonte, ao trazer como significado divindade ou espírito celeste, reforça a visão de paraíso do lugar. Vistos por essa perspectiva, os versos refletem a imagem de pureza em torno de um espaço ainda não desbravado. O espírito de liberdade paira livremente sobre essas terras, localizadas “em certo planalto agreste / ao pé de montes de ferro,/ ladeando bichos selvagens” (p. 9).

A imagem associando jardim e espaço citadino dá a impressão de lugar destinado à aclimação. Partindo desse ponto de vista, o engenheiro, conforme os versos de *Belo Horizonte Bem Querido*:

[...] põe afinco  
ao desbravar sua partilha.  
[...]  
mede a altura acima do mar  
a média da temperatura,  
com minudências esmerilha  
o solo o subsolo a atmosfera  
[...]  
a latitude a longitude  
o ímpeto dos ventos reinantes  
o volume e a espécie das águas  
(LISBOA, 1972, p. 48)

Os termos ‘afinco’, ‘desbravar’ e ‘esmerilha’ mostram com clareza o trabalho necessário ao estudo do terreno destinado à construção de uma cidade. A medição da temperatura, da altitude, a sondagem do solo e subsolo, a pesquisa das águas constituem parte da etapa inicial do desafio do construtor. Escolhido o local, o projeto, cortado por ruas e avenidas, dividido em lotes e quarteirões, incluindo parques e praças, visa construir o ambiente ideal para o bem estar dos moradores. No caso de Belo Horizonte, a construção vai além do ponto de vista físico. Nas palavras de Leão (2004, p. 92), “a par das ruas que se traçam, das casas que se cobrem, das colinas que se erguem, também vai crescendo o senso de liberdade, que constitui o norte da história mineira.”

Em *Bem Querido*, à medida que o texto ganha o espaço branco da página, a cidade representada por ele cresce lentamente. Cada verso acrescentado parece tijolos empilhados na

parede de um aranha-céu, que caminha para o alto, anunciando a dimensão vertical da cidade. Conforme demonstrado no poema a seguir:

Uma cidade se levanta  
do solo às nuvens  
De atalhos parte para avenidas  
[...]  
Uma cidade sobe dos prados  
para o lombo das serras.  
[...]  
Forma-se de colunas firmes  
e fúlgidos vidros de sol.  
[...]  
Cresce das mãos dos operários  
canta pelo timbre dos poetas  
define-se no porte dos guias  
espairece no afã dos atletas  
explode na estridência das máquinas.  
[...]  
Belo Horizonte bem querer.  
(LISBOA, 1972, p. 73-74)

Da análise das condições climáticas e do solo, passando pelas colunas fincadas como fundamento, tem início o corpo citadino. No princípio, ainda na fase embrionária, não vai além de pequeno ponto, menor que as dimensões de um alfinete. Com o passar do tempo, a estrutura física ganha força, e a cidade cresce. As trilhas e atalhos dão lugar a ruas e avenidas, que funcionam como veias e artérias na condução do fluxo urbano. Aos poucos, o ponto se ergue do chão, aprende a andar sobre firmes colunas, caminhando rumo ao seu destino de metrópole.

“Minas Gerais, este ponto/ de alfinete no teu mapa/ vai mudar-se numa estrela.” (p. 12). Esses versos, encontrados nas primeiras páginas de *Bem Querer*, fecham o poema da série II. “Belo Horizonte bem querer”, inserido na última página, finaliza tanto a série XXVIII quanto o poema como um todo. O texto de Henriqueta, ao caminhar em ritmo de ciranda, vai se alargando, ampliando, como se alguém entrasse na roda, aumentando-lhe a circunferência. A autora, enquanto passeia pela história e memória de Belo Horizonte, constrói sua ciranda a partir das frutas, flores, personagens, panoramas, que lembram mãos dadas, unidas em torno de um único objetivo: fazer da capital de Minas uma estrela.

No início do poema, na série I, o círculo não passava de ponto sem dimensão. O espírito do primeiro povoador ainda não havia fincado estacas e lançado a pedra fundamental que o fixaria na região.

Em certo planalto agreste  
 ao pé de montes de ferro,  
 ladeando bichos selvagens  
 ressoam botas de couro  
 firmes passos bandeirante.  
 [...]  
 E o céu se fechou em círculo  
 ao derredor do Cercado.  
 (LISBOA, 1972, p. 9-10)

Aos poucos, a vida nômade, caracterizada pela presença do bandeirante e de bichos selvagens, ganha fixação dentro da fazenda do Cercado. Por sua vez, esta tem o céu como limite. Visto por essa perspectiva, o termo ‘limite’ aponta dois caminhos. O primeiro diz respeito à chegada do descobridor e o modo como ele transforma o local, estabelecendo normas para a ocupação. O segundo dá a entender que o destino dessas terras é prosperar, tendo o céu como limite. Para que as bênçãos celestes possam abrir os caminhos e proteger os aventureiros, em nome da fé, “alguém se ajoelha no barro/ finca as primeiras estacas/ prepara os tijolos, seca-os/ e levanta quatro muros/ que recobre de sapé” (p. 17), erguendo a capela de Nossa Senhora da Boa Viagem. A proteção pedida deixa de se limitar às idas e vindas dos viajantes, estendendo sobre o Cercado, que também precisa viajar até alcançar o seu destino de estrela, ou de capital.

Em *Belo Horizonte Bem Querer*, as imagens de versos ocupando cada vez mais o branco da página na direção vertical, de cidade erguendo “do solo às nuvens” (p. 73) apontam para a ideia de liberdade vinda do alto. De acordo com o poema da série XXV:

Passam em ordem os carneirinhos  
 cabeça baixa vão para a escola:  
 rechonchudinhos agarradinhos  
 de calça e blusa livro e sacola.  
 [...]  
 Os carneirinhos do alto (são nuvens)  
 - que diferença desses da fila -  
 caminham soltos brincam volúveis  
 sem campainhas. Que maravilha!

Sempre em recreio rolam nos ares  
 andam na bola do mapa-mundi.  
 História pátria não estudaram  
 nem geografia nem cousa alguma.

Carneirinhos que vivem na terra  
 carneirinhos que moram no céu.  
 (LISBOA, 1972, p. 65-66)

Entre os carneirinhos da terra e os do céu, a escolha recai sobre estes últimos, uma vez que têm a liberdade das nuvens. Por essa razão, andam soltos, “brincam volúveis” (p. 65), pois

não se prendem a regras, nem se condicionam por campainhas “nem coisa alguma” (p.66). Como nuvens, são livres e pairam sobre diversos lugares, ao andarem “na bola do mapa-múndi” (p. 66). Os carneirinhos do alto, ao existirem apenas na mente da criança que os enxerga, fazem parte do mundo virtual e não da realidade. Essa imagem lembra o sonho ou espírito de liberdade andando pelos ares de Minas. Em outras palavras, existe como projeção, abstração, mas não como real ou concreto.

Na página 63, ilustrando a série XXV, encontra a penúltima gravura do poema. Caminhando rumo à escola, há inúmeras crianças, os carneirinhos terrestres. Caminham juntos, em ordem, seguindo a mesma direção. Na parte superior do desenho, estão vários carneirinhos, cujos traços se misturam com as nuvens. Diferentes dos primeiros, não têm o mesmo comportamento: uns correm, outros descansam e todos parecem caminhar em sentido oposto ao da escola. Esse aparente jogo de opostos entre terra e céu, baixo e alto, horizontal e vertical, funciona como uma espécie de ponte para o encerramento do texto e para a ilustração no final do livro. Na penúltima série, encontram os versos:

Crepúsculo de outrora  
e crepúsculo de hoje  
no mesmo horizonte.  
Olhos de outros tempos  
não mais o contemplam.  
(LISBOA, 1972, p.69)

As imagens opostas presentes na mesma gravura antecipam a ideia contida no trecho acima, a saber, a contraposição entre ontem e hoje, passado e presente no mesmo horizonte. Em relação à última série, encontramos:

Uma cidade se levanta  
do solo às nuvens  
[...]  
Do caos se amolda à geometria  
[...]  
Destrói choupanas e constrói  
arranha-céus.  
(LISBOA, 1972, p. 73-74)

Encerrando *Belo Horizonte Bem Querer*, a oposição entre solo e nuvem, caos e geometria, choupana e arranha-céu, também se encontra no mesmo espaço. “Belo Horizonte bem querer” (p. 74), último verso do livro, representa a cidade enquanto lugar dessas contradições. A saber:

Uma cidade é imperativo  
 a um tempo humano e desumano.  
 Palácios presídios  
 asfalto cavernas  
 elevados e subterrâneos  
 teia de virtudes e crimes.  
 Uma cidade é sinfonia  
 com ásperas dissonâncias.  
 (LISBOA, 1972, p. 73)

O fragmento acima, destacado do poema que encerra o texto, parece desnudar a cidade de todas as suas roupagens para mostrá-la do ponto de vista da essência. O ser do espaço urbano se encontra dividido entre humano e desumano, palácios e presídios, elevados e subterrâneos. Chama a atenção o fato de a última gravura do livro representar uma cidade repleta de arranha-céus e com ares de metrópole no auge do desenvolvimento. Quem detém o olhar sobre a figura não imagina que nas páginas seguintes a autora desfaça essa imagem, revelando a teia de contradições aí contida. Por baixo dos prédios verticalizados, de reboco liso e fino acabamento, não se pode perder de vista que “o emboço pode ser áspero” (p. 53). O que salta aos olhos como belo traz na essência grossa camada de areia e tijolos. Esse jogo entre liso e estriado, dentro e fora, alto e baixo, parece reger a orquestra sinfônica em torno da cidade, sugerindo que a harmonia se constrói “com ásperas dissonâncias.” (p. 73).

O percurso trilhado para demonstrar esses antagonismos começa com um simples ponto sem contornos definidos, que se fecha ao redor da fazenda do Cercado, que se alarga sob a denominação de Curral Del Rei, que se encerra em torno de Belo Horizonte. No final dessa ciranda, o círculo, ao se fechar em torno de uma cidade específica, ao mesmo tempo, se abre na direção de outras cidades. Invisíveis, essas constituem o ser de toda cidade. Isso pode ser depreendido nos versos:

A expressão de uma cidade é múltipla.  
 A beleza de uma cidade é instável.  
 Sua grandeza é limitada  
 à fronteira mesma das cousas.

Uma cidade se assemelha às outras  
 (LISBOA, 1972, p. 74)

Ampliando a forma de representar o múltiplo em torno da cidade, o poema traz a seguinte comparação:

Uma cidade [...]  
 É um ser total de osso e carne,  
 tem nervos, músculos e sangue:  
 o sangue de seus habitantes  
 os nervos de seus habitantes  
 a própria força e fraqueza.  
 (LISBOA, 1972, p. 73)

Como o corpo que desenvolve a partir de várias fases, aparecendo sob aspecto diverso em cada uma delas, sem perder a essência, assim também é a cidade. Seus ossos, músculos, carnes e sangue, com o correr do tempo, ganham novos contornos, novas texturas, mas o corpo cidadão continua o mesmo; o que muda diz respeito à expressão representada a cada momento. Sob tal perspectiva, Belo Horizonte assemelha as demais cidades, ao fazer parte desse “ser total”, misto de sinfonias e dissonâncias.

A leitura desse corpo cidadão requer um olhar capaz de ir além do que os olhos percebem à primeira vista. Isso vai ao encontro do que afirma o personagem Marco Polo a Kublai Khan no livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino: “de uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.” Para enxergar por trás das aparências da capital, percebendo “crepúsculo de outrora/ e crepúsculo de hoje/ no mesmo horizonte” (p. 69), são necessários novos olhares voltados para a percepção do todo. Isso significa levar em consideração, conforme Renato Cordeiro Gomes, no ensaio “Cartografias urbanas: representações na cidade na literatura”:

[...] não só os aspectos físico-geográficos (a paisagem urbana), os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória. É, enfim, considerar a cidade como um discurso, verdadeiramente uma linguagem, uma vez que fala a seus habitantes [...]. (GOMES, 1997)

Em *Belo Horizonte Bem Querer*, a percepção de todos esses elementos destacados por Gomes parece vir à tona no modo como a poeta narra o percurso histórico de Belo Horizonte. Ela tece a história e a memória da cidade, sob a perspectiva de uma geografia sentimental em que a ciranda dá o tom para entendê-la. A cada nova mão participante da roda, um novo elemento entra em cena compondo as múltiplas faces cidadinas. Nas palavras de Gomes:

Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. Mapear seus sentidos múltiplos e suas múltiplas vozes e grafias é uma operação poética que procura apreender a escrita da cidade e a cidade como escrita, num jogo aberto à complexidade. (GOMES, 1997)

Henriqueta não apenas traça o mapa desse complexo jogo, mas também parece deixar escapar pela voz de um anjo azul a chave para interpretá-lo. “E a beleza dos panoramas/ (o anjo dos azuis pergunta) / não estaria acaso em pauta?...” (p. 48). Com ar questionador, ele surge no poema em oposição à figura do engenheiro. Enquanto este limita a ver o espaço, retalhando-o com traços, linhas e ângulos retos; aquele o percebe do ponto de vista obtuso, voltado para a compreensão do todo.

A figura desse anjo faz lembrar um outro do “Poema de sete faces”, do livro *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade:

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

O anjo de *Bem Querer* se assemelha ao torto, ao lançar sobre a cidade um olhar que transcende as “suas sete ou setenta e sete maravilhas”, conforme dito por Marco Polo. “Ser gauche na vida” parece também constituir o destino do anjo azul que, supostamente, percebe a vida pelo outro lado, o esquerdo. O número setenta e sete lembra tanto a imagem de estabilidade quanto a de algo refletido no espelho. Nesse sentido, a ideia de jogo de opostos traria o ponto de equilíbrio necessário para compreender a cidade e suas contradições.

Uma cidade se assemelha às outras  
porém se a amamos é única:  
tem a forma de um coração  
traz nosso aroma predileto  
é a paina do travesseiro  
em que repousa a nossa frente.

Belo Horizonte bem querer.  
(LISBOA, 1972, p. 74)

Como as demais cidades, Belo Horizonte apresenta-se múltipla e contraditória. No entanto, isso não apagou o sentimento de amor da poeta, que a considera “a paina do travesseiro”, o “aroma predileto”, o coração com os dizeres bem querer.

### 3.2 Um Olhar Dissonante Sobre Belo Horizonte

Minas Gerais, este ponto  
de alfinete no teu mapa  
vai mudar-se numa estrela.  
(LISBOA, 1972, p. 12)

No princípio era um “ponto de alfinete”. O ponto se fez corpo, virou Cercado, Curral Del Rei e transformou-se “numa estrela”, a capital de Minas Gerais. Esse percurso, desde a origem ao destino, foi narrado por mãos e olhares diversos. O livro *Belo Horizonte: a cidade escrita*, por exemplo, traz uma coletânea de textos literários em que visitantes, escritores, poetas e moradores deixaram suas impressões a respeito dessa cidade. “Com quantos fios se tece o belo horizonte que ainda resiste em meio ao caos de automóveis, violência e poluição?” (p. 15) eis a pergunta contida na apresentação do livro, cuja resposta não é única. “Por certo os que escreveram e escrevem sobre a cidade podem oferecer respostas diferenciadas para a questão.” (MIRANDA, 1996, p. 15).

A agulha na qual a linha para costurar esses fios se encontra vem das mãos de Machado de Assis. O texto de abertura dessas coletâneas traz pequeno recorte do que o autor escreveu em *A Semana*, a respeito de Belo Horizonte. Para ele, esse nome lembra mais uma exclamação e não estaria em conformidade com a história de Minas. Construída a partir da ruptura, a capital nasce como monumento erguido não em memória de um passado glorioso, mas de um presente apontado na direção futura. Segundo o escritor, “sobram na história mineira nomes honrados e patriotas para designar a capital futura.” (ASSIS, J. M. Machado de. *A Semana*, Rio de Janeiro, 28 jan. 1894. *apud* MIRANDA, 1996, p. 19). Dessas palavras, parece emergir certo tom irônico, chamando a atenção para o fato de a cidade ser construída sobre bases frágeis. Sem passado e raízes, a cidade não seria tão bela assim.

Após o texto machadiano, entra em cena Rui Barbosa, com a pergunta: “Por que Belo Horizonte?” [...] O adjetivo estreita aqui o vago, o mágico, o incomensurável deste nome [...]. *Horizonte* é que era, e deveria tornar a ser. (BARBOSA, Rui. *apud* MIRANDA, 1996, p. 20). O verbo ‘estretar’ lembra a estratégia republicana de delimitar o espaço para melhor conquistá-lo. Um horizonte sem dimensões seria como navegar em oceano desconhecido. Isso colocaria em xeque a implantação do poder republicano. A magia em torno de Belo Horizonte, no ponto de vista do autor, representa:

os céus, a vitória, a conquista, a coroa da jornada humana, a alegria de viver na contemplação inenarrável do universo, o êxtase da admiração ante as maravilhas do obra divina, colhidas no relance de um olhar que se mergulha pela extensão sem plagas do azul. (BARBOSA, Rui *apud* MIRANDA, 1996, p. 20)

A maneira como Barbosa percebe a capital dá a impressão de lugar paradisíaco, onde tudo convive de forma harmoniosa, envolto por extensa camada azul. Com a chegada dos novos tempos, a visão mágica e o “êxtase da admiração” perdem espaço para o olhar da ciência e suas medidas. Com o tempo, essa intensa tonalidade azul ganha nuances acinzentadas, anunciando o progresso da metrópole crescendo sem limites.

O texto seguinte traz um dos poemas de *Belo Horizonte Bem Querer*. De queda da monarquia a vivas à República, os versos finalizam com o nome Belo Horizonte, que segundo a autora, “nos entenece por decreto / de devoção amor orgulho / e tudo mais [...]” (p. 33). Continuando a leitura do livro organizado por Miranda, surgem outros autores que também deixam impresso o modo de olhar a capital. Chama a atenção o fato de o último texto a entrar na trama fazer parte do poema de Henriqueta acima mencionado. A saber: “Uma cidade se levanta/ do solo às nuvens./ Do caos se amolda à geometria/ Uma cidade é sinfonia/ com ásperas dissonâncias/ É um ser total de osso e carne [...], porém se a amamos é única. (LISBOA, 1972, p. 74). A referência aos dois poemas sugere ideia de princípio e fim, alcançando diferentes sentidos dependendo do fio com que se tece. Ela pode significar o desfecho do livro *Belo Horizonte*: a cidade escrita; do poema aqui analisado e, sobretudo, a essência da cidade com suas contradições. Neste último caso, início e fim fazem parte de um mesmo jogo em torno do ser cidadão. *Belo Horizonte Bem Querer* parece transitar entre o “êxtase da admiração”, a exemplo do modo como Rui Barbosa percebe a capital, e o tom irônico machadiano, que lança sobre esse espaço o olhar crítico capaz de desnudá-lo, revelando as dissonâncias aí contidas.

Dos versos referentes ao ponto de alfinete caminhando rumo à estrela (p. 12), parece brotar a voz dissonante do poema. A palavra ‘ponto’ remete a início, o que pode ser entendido como algo na fase de embrião. O termo ‘estrela’, além de sugerir caminho bem sucedido, faz lembrar a representação desse corpo celeste a partir de traços cruzados, formando cinco pontas. Isso sugere a imagem de algo belo capaz de impressionar os olhos, mas também pontiagudo a ponto de furar os dedos. Diferente do conto de fadas em que a bela espeta os dedos e adormece por cem anos, furar sugere acordar, ficar alerta.

O ponto, ao ganhar corpo nas formas de Cercado, recebe as bênçãos iniciais invocadas em nome do bom destino. Para garantir a boa viagem:

Eis o primeiro santuário  
 erguido na fé cristã  
 para que Nossa Senhora  
 proteja dos nômades habitantes  
 do verde Curral del Rei  
 tantas idas e venidas  
 pelas grotas e sertões.  
 (LISBOA, 1972, p. 17)

Nessa ciranda de “idas e venidas”, alguém mais parece ter surgido para dar as boas vindas. Eis que surge o anjo azul henriquetiano, com ares daquele torto de Drummond, a indagar sobre a beleza dos panoramas que, palmo a palmo, diminui em virtude do crescimento do Cercado. O desenvolvimento dessas terras trouxe a cobiça do fisco português e o confisco das “mais gordas espigas.” Em outras palavras:

E conta e cunha e fisga o fisco  
 tributo imposto taxas libras  
 [...]
 E lá se vão para o Reino  
 as mais gordas espigas.  
 (LISBOA, 1972, p. 21)

O uso de orações coordenadas aditivas e a ausência da vírgula criam a imagem de opressão intensa. Em nome do Reino, “fisgam” gados e espigas, condenam e expulsam. No entanto, não conseguem confiscar o espírito de liberdade do chão de Minas. Algumas cabeças se foram, mas o desejo de ser livre ficou implantado. A esse propósito entra em cena os versos:

Espáduas humanas sustentam  
 os mármores da Liberdade  
  
 Palpita em cada coração  
 o pássaro da Liberdade  
  
 Auréolas pairam sobre a cruz  
 na escalada da Liberdade  
 (LISBOA, 1972, p. 57-58)

Com a República, o sonho de liberdade deixa o mundo das ideias e se corporifica nas primeiras estacas fincadas no alicerce de Belo Horizonte. A cidade nasce com o propósito de recolocar Minas em lugar de destaque no cenário nacional, alcançado nos tempos áureos e perdidos com o declínio da mineração. Deixar para trás Ouro Preto, onde vagava o obscuro espírito monárquico, risco para o poder emergente, tornou-se palavra de ordem a favor da nova capital. Às sombras ouro-pretanas, provenientes da pouca luminosidade resultante das

casas construídas ladeira acima, da localização entre morros, das ruas estreitas, opõe-se a cidade planejada, com aclives rebaixados para a entrada da luz e melhor circulação do ar, ruas e avenidas largas para o rápido fluir do progresso, das luzes da ciência e do ar fresco da boa saúde.

A liberdade de uns, no entanto, varreu do mapa de Minas a história dos moradores de Curral Rel Rei. As casas foram demolidas, ou desapropriadas para dar lugar a novos ocupantes vindos de Ouro Preto. Diante da grandiosidade da futura sede do governo, projetada para 200 mil habitantes, o antigo arraial assemelha-se a “Trêmulos arbustos” inclinados “diante da flor da Liberdade” (p. 57). Comparada à rosa, Belo Horizonte apresenta-se linda e perfumada para uns; cheia de espinhos para outros. O suposto vermelho das pétalas remete a sacrifícios engendrados desde a negação das origens coloniais até a delimitação do espaço urbano. Para Cyro dos Anjos a capital era vista como:

[...] cidade artificial, desprovida de passado, onde pedaços de Minas se justapunham sem se amalgamarem, não recebera, na bagagem dos funcionários transferidos, a alma das velhas cidades do luar, onde os sobrados, as sacadas retinham a lembrança de um espartilho perfumando, uma camélia ao colo, a dolência do viver, uma pena de amor. (ANJOS, 1979, p. 258)

A estratificação social, constituída a partir dos traços da cidade, dividiu-a em zonas urbana, suburbana e rural. À primeira coube ser resguardada, com a criação de ampla rede viária apontada na direção da parte alta e nobre onde “Fica na colina do centro/ o palácio da Liberdade” (p. 57). Quanto as outras duas, cabem ao abrigo daqueles proibidos de transitar pelo centro, servindo ainda como abastecimento de mão-de-obra ou de alimentos.

Dedicado ao senso de liberdade, o poema supracitado divide-se de forma equilibrada como os pratos de uma balança. Na primeira parte, os versos abordam desde o alicerce construído até as janelas abertas aos “quatro cantos” como sinal de caminhos abertos “em demanda da Liberdade” (p. 57). Na outra parte, o tom da conversa muda. De arbustos tremendo a auréolas pairando “sobre a cruz/ na escalada da Liberdade” (p. 57), a imagem refletida parece de uma estrutura em que as bases parecem ruir. Confinada entre paredes de mármore, cuja sustentação vem das “Espáduas humanas” (p. 57), a liberdade revela sua dupla face, dividida entre o privilégio de uns e o sacrifício de outros. A respeito desses versos, escreveu Ângela Vaz Leão (2004, p. 92), “nesse belo poema, a palavra ‘liberdade’ se repete ao fim de cada dístico construindo um *Leitmotiv* poético, mas também um *Leitmotiv* político, que define e orienta toda a história de Minas.” Belo Horizonte, no início, enquanto espaço a

ser construído, aproxima do desejo mineiro de ser livre. Com o tempo, à medida que ganha forma, afasta desse sonho, demarcando-lhe lugar de circulação.

Na série XXIII, um vulto de espírito irônico ganha voz no texto:

Um vulto de realce  
de espírito irônico  
de lunetas de ouro  
de cerradas barbas  
e quem sabe louro  
[...]  
Fala com humor  
de umas velaturas  
vermelhas que o barro  
[...]  
lhe deixa na cútis.  
que seria clara.  
E assina com nuances  
Alfredo Riancho.  
[...]  
Tem olhos de lince  
para as cores.  
(LISBOA, 1972, p. 60)

O tom irônico se constrói em torno de um dos membros da Comissão Construtora da Nova Capital. No princípio, ele surge como vulto ou figura sem distinção. A poeira depositada sobre a pele ocultava a verdadeira tonalidade. As barbas cerradas escondiam-lhe a face. Os olhos de lince garantiam a visão apurada capaz de enxergar longe. No final, a sombra ganha corpo, surgindo como o cronista e arquiteto Alfredo Camarate. Antes, porém, da chegada a esta última etapa, o percurso se fez deixando vir à tona algumas nuances em torno desse sujeito. Enquanto colaborador “no jornal local” (p. 59), “fala com humor” (p. 59) da poeira vermelha que as terras da capital deixam sobre a cútis e as casas. Como pseudônimo assina Alfredo Riancho. No papel de técnico, representa um dos empreiteiros encarregados de erguer a nova cidade. Por trás da imagem de cronista, esconde os interesses do arquiteto. Ao escrever no Órgão Oficial de Minas Gerais, Camarate tinha a tarefa de adequar o povo à necessidade de construir Belo Horizonte. As “velaturas vermelhas” (p. 59) sobre a pele parecem transformá-lo em predador camuflado aguardando a presa. Não por acaso tem olhos de lince.

“Vamos, bem querer, acorda!” / O despertador desperta? (p. 61) invoca uma voz, com certo ar de aflição, diante do despertador que deixa dúvida se irá ou não tocar. Para garantir o despertar, surge o estridente ruído de um pequeno trem de ferro:

É o silvo da “Mariquinhas”  
 que estremece ao vão da porta  
 e invade a janela aberta  
 [...]
   
 Ao trabalho, está na hora!”  
 [...]
   
 “Mariquinhas” de sinuosa  
 gíngua sobre os trilhos férreos  
 como uma boa menina.  
 Parece ter muita força:  
 dez vagonetes carrega  
 do Acaba-Mundo ao Bom-Fim  
 Mas vai dobrar o morro  
 numa curva quase quebra  
 tanto afina a cinturinha.  
 (LISBOA, 1972, p. 62)

O forte silvo, a estremecer portas e janelas, anuncia a chegada da hora. Chamar ao trabalho pode ser entendido de duas maneiras. Uma delas diz respeito às obras da nova capital, representadas pelo transporte das pedras utilizadas na construção; a outra dá a entender a convocação para descruzar os braços e, talvez, abandonar o comportamento de “boa menina” (p. 61). Neste caso, deixar para trás a infância significa crescimento e passagem para a vida adulta. Os tempos ingênuos embalados pelos sons de “fluidos de flautim” (p. 61) cedem lugar ao pensamento maduro, capaz de perceber a chegada do progresso e suas implicações. A “Mariquinhas” faz muito esforço no transporte do minério retirado da Serra do Curral, a ponto de quase partir a “cinturinha”, ao “dobrar o morro” (p. 62). Isso sugere a exploração intensa dos recursos naturais da Serra. A esse propósito denunciou Drummond, em “Triste Horizonte”:

Proibido escalar. Proibido sentir  
 o ar de liberdade destes cimos,  
 proibido viver a selvagem intimidade destas pedras  
 que se vão desfazendo em forma de dinheiro.  
 Esta serra tem dono. Não mais a natureza a governa.  
 (ANDRADE, 1977, p.787-789)

De “boa menina” caminhando pelos trilhos, “Mariquinhas”, ao alertar quem permanece dormindo diante das transformações ocorridas, ganha formas de adolescente rebelde, cujo corpo caminha na direção adulta. O percurso sinuoso remete a curvas, sugerindo a silhueta de uma mulher. O peso da carga transportada que “afina a cinturinha” (p. 62) assemelha ao espartilho que tira a liberdade do corpo em nome da estética. Em termos de Belo Horizonte, a rigidez do traçado e a estratificação social cumpriram esse papel. A respeito da associação entre a capital e o corpo feminino, escreveu Liliane da Silva Alves (2002, p. 40):

À medida que se entra em contato com seu universo literário, uma das constatações mais curiosas sobre a capital mineira é o fato de ser, constantemente, comparada a uma jovem moça. [...]

[...] existem várias referências à casta menina-moça, mas à mulher feita, madura, não. A falta de relatos que assim a comparam faz pensar que Belo Horizonte é um espaço de sexualidade negada, condenado eternamente à ingenuidade, ao frescor dos primeiros anos.

O formato longilíneo e sinuoso do trem lembra ainda os traços de uma serpente. Completando o conjunto há também o silvo, espécie de ruído emitido pelas cobras. A visão que alguns literatos tinham da nova cidade era de lugar paradisíaco, “sem plagas do azul”, conforme Rui Barbosa, ou o lugar em que arcanjos gozam com volúpia, segundo Olavo Bilac. A harmonia do paraíso, vale ressaltar, foi quebrada pela serpente, ao convencer Eva a comer do fruto proibido. Após provar da árvore do bem e do mal, a mulher tomou consciência do que ocorria a sua volta. Nos versos dedicados a “Mariquinhas”, a representação parece não se deter na imagem ingênua da menina. Ao contrário, apresenta traços que sugerem a passagem da ingenuidade ao poder de pensar da mulher madura.

Em relação aos pares de carneirinhos, contidos na série XXV, a voz dissonante do poema revela uma crítica sobre a escola.

Passam em ordem os carneirinhos  
cabeça baixa vão para a escola:  
rechonchudinhos agarradinhos  
de calça e blusa livro e sacola.

Assustadiços nos dedos contam  
conta difícil três vezes quatro.  
Guardam na língua respostas prontas  
nomes concretos nomes abstratos

Os carneirinhos do alto (são nuvens)  
- que diferença desses da fila-  
caminham soltos brincam volúveis  
sem campainhas. Que maravilha!  
(LISBOA, 1972, p. 65)

Como carneirinhos rumo ao sacrifício, caminham crianças em direção à sala de aula, de cabeça baixa, assustados, deslocando a contragosto. Aprender, nessa concepção, significa baixar a cabeça e ouvir sem direito a réplica e muito menos a tréplica. A presença da campainha lembra o quanto os estudantes são condicionados. A instituição escolar funciona como espaço destinado à tosquia e ao aparo das arestas. Na série IX do poema, as primeiras ovelhas tosquiadas vêm dos versos:

Tece que tece! Minha ovelha  
 está em ponto de holocausto  
 inclina a cabeça à tosquia.  
 (Ouço os tinidos da tesoura  
 ou são as cordas de um violino  
 cortando o coração da gente?)  
 Tece que tece, maquininha  
 (LISBOA, 1972, p. 27)

Sob o olhar vigilante da escola, as crianças tecem o conhecimento de forma mecânica, como o movimento automático das mãos fazendo tricô. A grande quantidade de nomes, datas e fórmulas para decorar coloca-as “em ponto de holocausto” (p. 27).

Diferentes são os carneirinhos do alto. Eles andam livremente, brincam soltos e experimentam o conhecimento não na instituição escolar, mas na escola da vida, andando sobre a “bola do mapa-múndi” (p. 66). Não estudam a História dos mitos fabricados, narrada sob o ponto de vista do vencedor. Representam a imaginação e o pensamento, livres das amarras dos bancos escolares. Esses carneirinhos lembram o espírito de liberdade rondando as terras de Minas.

*Belo Horizonte Bem Quer*, datado de 1972, a partir dessas imagens reflete a crise vivida pela educação no Brasil, durante os anos 70. Henriqueta, também professora, deixou transparecer seu olhar crítico referente à situação. No auge da repressão militar, em 1971, o coronel Jarbas Passarinho assume o Ministério da Educação. Com o objetivo de reformar o ensino no país, o ministro decretou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 5692/71. Segundo NIELSEN NETO (1986, p. 19), a Lei trazia como consequências “a fragmentação do conhecimento científico, a descaracterização das ciências humanas - filosofia, sociologia e psicologia – a substituição de história e geografia por estudos sociais [...]”. Além dessas mudanças, foram introduzidas no currículo as disciplinas Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil.

O ensino de Filosofia foi substituído por Moral e Cívica, destinada à formação do caráter brasileiro. Os professores dessa disciplina tinham que apresentar atestado de bons antecedentes fornecido pelos Departamentos de Segurança Pública. A serviço dos interesses militares, quem lecionava Moral e Cívica tinha como meta “inculcar paulatinamente nos alunos noções de ordem contrapondo-as à desordem, louvando-lhe o espírito de disciplina dos alunos como aceitação de ordens dadas e cumprimento do dever.” (NIELSEN NETO, 1986, p.27).

A essas crianças de cabeça baixa e de imaginação tolhida, parece restar *O menino poeta*, livro de Henriqueta Lisboa:

O menino poeta  
 não sei onde está.  
 Procuo daqui  
 procuro de lá.  
 Tem olhos azuis  
 ou tem olhos negros  
 Parece Jesus  
 ou índio guerreiro?

[...]

O menino poeta  
 quero ver de perto  
 quero ver de perto  
 para me ensinar  
 as bonitas cousas  
 do céu e do mar.  
 (LISBOA, H. In: LUCAS, 2001, p. 34-35)

O fragmento acima inicia e dá título ao livro. Nas primeiras linhas apresenta uma voz que não tem resposta pronta para informar sobre e onde está o menino poeta. A pergunta colocada logo no começo do texto sugere a pedra fundamental na gênese do conhecimento: a questão levantada. O verso “quero ver de perto”, além de demonstrar a vontade de conhecer de perto, com a própria experiência, ao se repetir, soa como criança insistindo quando deseja alguma coisa. Interessante que a voz não menciona a escola enquanto lugar de aprender. Ao contrário, em outro trecho do poema, caso o menino poeta lá estivesse, provavelmente, estaria “rabiscando bancos”, o que mostraria desinteresse pelo lugar.

A distribuição dos versos faz lembrar o jogo da amarelinha. A brincadeira consiste em saltar em um pé só vários retângulos numerados de um a dez. Os jogadores lançam uma pequena pedra dentro dos limites das figuras numeradas que não podem ser tocadas com os pés. Ganha a partida quem chegar primeiro ao ‘céu’. No jogo, chama a atenção o fato de o jogador que comete erros continuar a disputa do ponto de em que errou. Isso sugere a possibilidade de aprender a partir das próprias falhas. Quanto ao poema, a pedrinha seria a pergunta lançada no começo do texto, o ponto de partida. Os versos “Trá-la-la-la-li/ tra-la-la-la-lá” (p. 34) parecem recriar o movimento dos pés saltando. Os dísticos ganham ares dos dois retângulos postos lado a lado. No final da leitura, também se chega ao ‘céu’, a saber, “as bonitas cousas/ do céu e do mar” (p. 36). Visto por essa perspectiva, aprender constituiria um desafio e não receber uma sacola com respostas prontas a serem repetidas. A respeito do livro, escreveu Leão (2004, p. 29):

*O menino poeta* [...] difere dos nossos livros de versos para crianças. Estes, na sua maioria, querem ensinar. E do que em aparência é qualidade vem o seu grande defeito: sufocam a poesia com a preocupação didática. Em *O menino poeta*, ao

contrário, o que há é só poesia. Nenhuma intenção moralizadora, nenhum rebaixamento do poema a veículo de noções que a criança deva aprender.

O último poema de *Belo Horizonte Bem Querer* parece surgir como a explosão de uma estrela ao nascer. O ponto sem dimensões mencionado no início do texto ganhou a energia necessária para se transformar em grande corpo celeste. Belo Horizonte entra em cena revelando-se de corpo e alma ou da cabeça aos pés. A ilustração que antecipa os versos representa uma cidade verticalizada, ocupando por completo o espaço. Ao fundo, como nas gravuras anteriores, não há mais o vazio do branco do papel sugerindo lugar a ser ocupado. Um denso conjunto de arranha-céus toma conta do desenho. A parte escrita, diferente das outras, toma conta da página, revelando quanto a capital cresceu e o porquê de os “olhos de outros tempos” (p. 69) não mais conseguirem contemplá-la. A alma cidadina traz como essência a contradição, o diverso. A saber:

Uma cidade se levanta  
do solo às nuvens.  
[...]  
Do caos se amolda à geometria:  
triângulos, quadriláteros círculos.  
[...]  
Destrói choupanas e constrói  
arranha-céus.  
[...]  
Uma cidade é imperativo  
a um tempo humano e desumano.  
Palácios presídios  
asfalto cavernas  
elevados e subterrâneos  
teia de virtudes e crimes.  
Uma cidade é sinfonia  
com ásperas dissonâncias.  
É um ser total de osso e carne  
[...]  
Fala pela voz de criaturas  
imperfeitas e insatisfeitas

Cresce das mãos dos operários  
canta pelo timbre dos poetas  
define-se no porte dos guias  
[...]  
explode na estridência das máquinas.  
A expressão de uma cidade é múltipla.  
A beleza de uma cidade é instável.

Uma cidade se assemelha às outras  
porém se a amamos é única  
[...] (LISBOA, 1972, p. 74)

O caminho para revelar essas forças antagônicas constitui-se a partir do momento em que no poema surge como contrapeso uma voz dissonante. Acompanhando os passos da história da capital, ela parece entrar em cena com a chegada do homem do fisco e sua avidez pelas “mais gordas espigas” (p. 21). A partir desse momento, palmo a palmo, seguindo o alargamento das terras e o compasso do tempo, *Belo Horizonte Bem Querer* traz imagens que, juntas, constituirão a cidade em apogeu.

O cenário de harmonia nas terras em que Belo Horizonte foi construída cria uma visão do lugar semelhante ao paraíso, ou jardim do Éden. Essa imagem se projeta em torno da capital, ganhando reforço com a grande quantidade de flores e árvores, razão do título de Cidade Jardim. À medida que o tempo passa, o crescimento da cidade revela que entre as flores também há espinhos. O projeto da capital, elaborado por poucas mãos, delimitou espaços, construiu um Palácio para a liberdade, ergueu barreiras sanitárias, em nome do progresso e da parcela rica da cidade. Para garantir a ordem do corpo social, o rígido traçado foi imposto sobre, mostrando a forma como a ciência passa a lidar com a natureza. Esta deve ser dominada e posta a serviço dos homens. Nesse sentido a planta de papel substitui a vegetação natural.

A voz dissonante do poema mostra que uma cidade se faz a partir de muitas mãos: “Branco, pardos pretos índios” (p. 11) / “Cresce das mãos dos operários / canta pelo timbre dos poetas / define-se no porte dos guias / espairose no afã dos atletas” (p.74). Essa multiplicidade, posta desde o início do poema, explode no final do texto, deixando emergir a essência múltipla da cidade: humana e desumana, “teia de virtudes e crimes” (p.73), “sinfonia com ásperas dissonâncias” (p.73). Para perceber esse jogo de contrários, é preciso enxergar com outros olhos, uma vez que:

Crepúsculo de outrora  
e crepúsculo de hoje  
no mesmo horizonte.  
Olhos de outros tempos  
não mais o contemplam.  
(LISBOA, 1972, p 69)

O crepúsculo, ao representar o fim da tarde e o início da noite, aponta para necessidade de aprender a lidar com contradições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Belo Horizonte, como se sabe, surgiu de um ousado projeto a partir dos ideais positivistas de ordem, progresso e higiene. Menina dos olhos da nascente República, a cidade surge como monumento erguido em nome do presente, que nega o passado ouro-pretano, cheirando a mofo e a raízes monárquicas. Sob um traçado similar ao tabuleiro de xadrez, a capital ganhou grandes corredores para circulação, saneamento, transporte, edifícios públicos. O objetivo era constituir o espaço ideal para fortalecer o poder emergente e recolocar Minas em lugar de destaque no cenário político nacional.

Construída entre 1894 e 1897, a capital chega ao século XX impressionando pelo espetáculo de rara beleza cartesiana, tão ao gosto dos modernos tempos da época. Admirados por tantos atributos, jornalistas, cronistas, escritores, entre outros, deram as boas-vindas ao modelo que deixava para trás o passado colonial. Com os comentários de Rui Barbosa, João do Rio, Olavo Bilac, Machado de Assis, Belo Horizonte tem sua gênese de morada literária.

O tempo passou, a cidade cresceu e novos olhares surgiram sobre ela. Aos 21 de julho de 1972, Henriqueta Lisboa apresenta *Belo Horizonte Bem Querer*, uma maneira diferente de percebê-la, diante da complexidade emergente. Para a autora, olhos do passado não conseguem enxergar o ontem e o hoje juntos “no mesmo horizonte” (p. 69). Entender o conflito entre a pacata Belo Horizonte de outrora e a agitada dos anos 70, reflexo de um corpo sofrido e às voltas com diversas transformações, constitui a novidade do poema analisado.

Na ocasião do recebimento do “Título de Cidadã Honorária de Belo Horizonte, a poeta agradece a homenagem de modo bem pessoal. Abrindo mão da forma tradicional de discurso, ela apresenta um texto com ares de discurso-poema e poema-discurso. Em outras palavras, os versos trazem o sentimento de amor da autora pela cidade, sem perder de vista as dissonâncias aí existentes. A estratégia utilizada permite manter o protocolo e, ao mesmo tempo, lançar feixe de luzes na direção do entendimento da cidade como lugar da contradição.

Leitora atenta, Henriqueta, ao escrever o poema, vai além da realidade imediata que salta aos olhos, permitindo a emergência de novos saberes a respeito do espaço urbano. No caso da capital, a imagem de ambiente planejado, pensado nos moldes da harmonia da *polis*, não resiste ao olhar da poeta. O desejo republicano e positivista de constituir uma cidade em que cada habitante seria movido como a peça de um jogo se desconstrói sob o viés da literatura. O controle sobre a natureza e a população a partir de uma malha viária retilínea e da divisão por setores indica o caminho a percorrer em nome da ordem. Enquanto existente no

mundo das ideias, ou nos riscos impressos sobre o papel, a cidade funciona perfeitamente como uma espécie de orquestra sinfônica. No entanto, de acordo com o poema em questão, há também nesse espaço “a voz de criaturas / imperfeitas e insatisfeitas” (p.74), revelando os acordes dissonantes aí presentes, colocando em xeque tal sinfonia urbana.

A autora chama a atenção para a existência do múltiplo, do diverso, constituído por muitas mãos. Este outro permite entender a cidade enquanto corpo erguido, engendrado sob diferentes formas de pensar. Nessa perspectiva, o ângulo reto a nortear o campo visual e o pensamento dos idealizadores da capital ganha amplitude de obtuso, contemplando outras maneiras de perceber. À imagem harmônica da *polis*, uma outra, babélica, se opõe.

Esse corpo “é um ser total de osso e carne,/ tem nervos, músculos e sangue:/ o sangue de seus habitantes/ os nervos de seus habitantes/ a própria força e fraqueza.” (p. 73). O modo como a poeta recria e abre novas possibilidades de compreensão do referido ser vem das palavras de *Belo Horizonte Bem Querer*. Estas, como casas com porão e sótão, de acordo com a visão bachelardiana, se transformam em carne para constituírem a cidade, sob a perspectiva do texto. Como trazem na essência o alto e o baixo, o claro e o escuro, a “choupana e o arranha-céu”, o “humano e o desumano”, “virtudes e crimes”, “elevados e subterrâneos”, as palavras dão vida a um ser ambivalente e contraditório. Bem diferente do sonho republicano, que corta, costura e quase disseca o corpo, lançando sobre ele a lâmina afiada de um bisturi, o resultado dessa diversidade traz uma criatura com ares de Frankenstein. Compondo as diversas partes e o tom da pele desse corpo cidadão, estão “brancos pardos pretos índios” (p.11).

A imagem de Belo Horizonte, associada à beleza, ao paradisíaco jardim do Éden, rompe com o tempo. À medida que o ambiente projetado para homogeneizar formas e cabeças perde seus limites, entender as contradições daí resultantes necessita de olhos capazes de enxergar que o todo se constitui de várias partes. Não se trata de bloco único, de superfície lisa e plana. Ao contrário, forma-se a partir de fragmentos lisos, estriados, de formas e texturas diferentes. Esse diverso, circulando entre as flores e árvores da Cidade Jardim, exerce o papel da serpente, ao quebrar o encanto do paraíso, revelando que por lá nem tudo era tão belo assim. Em nome de uma nova ordem social, cuja disciplina cai como luva de ferro, os construtores da capital criaram um espaço para domesticação de seus moradores. Construíram um imenso jardim para servir-lhes de ambiente de aclimatação. Uma vez formatado o comportamento, as chances de colocar em risco o poder nascente desaparecem. Em *Belo Horizonte Bem Querer*, essa totalidade composta de fragmentos diversos, como uma cidade

constituída de muitas cidades, toma corpo, palmo a palmo, sob o ritmo de ciranda. Como uma estrela, ela surge com seu brilho intenso no final do livro.

A beleza imposta como instrumento de controle e dominação mostrou-se instável e veio abaixo como as casas e o nome do arraial de Curral Del Rei. Se frente à chegada do progresso, as construções da localidade comportaram como “trêmulos arbustos [que] se inclinam/ diante da flor da Liberdade” (p. 57), com o tempo, chega a vez da cidade erguida como símbolo da liberdade. A Belo Horizonte estrategicamente calculada, como se dois mais dois fossem quatro, treme e inclina perante a diversidade para a qual não foi pensada.

Nos anos 70, época em que *Bem Querer* foi escrito, a capital passava por grandes transformações físicas. Ruas foram modificadas, casas demolidas para dar lugar a arranha-céus, áreas verdes foram substituídas pelo asfalto e o trânsito. O desenvolvimento acelerava em compasso com o tempo, deixando como rastro as desigualdades sociais. Além dessas mudanças, o local se transformou em palco para protestos contra a ditadura militar e para a greve de professores da rede pública e de operários da construção civil.

Essas modificações constituem o cenário de “Triste Horizonte”, de Carlos Drummond de Andrade. Na perspectiva do poeta, elas crucificam a primeira Belo Horizonte dos tempos de outrora. Com os olhos voltados para o passado, o autor parece não compreender o dinamismo do presente, chamando a capital de “destroçado amor”. De acordo com o poema de Henriqueta, o horizonte não parece tão triste assim.

A poeta, diferente de Drummond, capta o íntimo cidadão. Nesse lugar, encontra a essência da cidade e sua rede de contradições. Com uma visão capaz de enxergar que em um único horizonte os opostos não constituem pontos estáticos, mas dinâmicos, Henriqueta chega à morada do ser. Esta representa o ponto de semelhança entre as diferentes cidades. O que faz cada uma delas parecer única vem do sentimento por ela nutrido: “porém se a amamos é única” (p. 74). A autora não se detém às imagens que lhe saltam aos olhos. À luz da razão, ela lança o olhar sobre a capital não para dizer o caminho a seguir como se fornecesse uma fórmula pronta a ser aplicada, mas para apontar a essência múltipla percebida. Por compreender o todo, não vê a cidade como tristeza ou amor destroçado, mas como o “aroma predileto” (p. 74), “a paina do travesseiro” (p. 74) sob “a forma de um coração” (p. 74).

A grande ilusão ou o equívoco republicano consistiu em negar ou negligenciar a existência dessas forças antagônicas. Entre o desenho retirado da imaginação do projetista, impresso na folha branca, e sua impressão no mundo real, há muita diferença. Entender o progresso apenas do ponto de vista positivo, como um dardo lançado seguindo sempre adiante, corresponde a dar um tiro para o alto e se esquecer de que ele pode se voltar contra

quem o atirou. O projeto da capital suprimiu as principais características da cidade tradicional: a mistura, a circulação de pessoas e mercadorias. O plano que a idealizou não previa lugar para a camada operária da população. Esta foi morar nos morros, subindo e descendo ladeira bem ao ritmo ouro-pretano. O traçado montanhoso e as casas amontoadas, parte da crítica dirigida à velha Ouro Preto, parecem voltar contra os construtores da nova cidade, na imagem das cafuas empilhadas morro acima. Os problemas resultantes de um planejamento perfeito no mundo ideal, mas fadado ao fracasso na realidade, parecem vírus e bactérias a invadirem o corpo da cidade.

*Belo Horizonte Bem Querer*, em princípio, tem as dimensões de um ponto. Em certo sentido, isso o torna simples conforme as primeiras intenções da autora. No entanto, ao término da leitura, o poema se mostra duplicado como uma moeda e suas duas faces. A partir dessa perspectiva, as intenções deixam o terreno do simples e ganham outros ares. Essa jornada inicia no momento de agradecer o “Título de Cidadã Honorária”. Com o gesto, Henriqueta não só retribui a homenagem recebida, mas também escapa da camisa de força dos discursos prontos, utilizados para engessar o pensamento.

Ao contar em versos parte da história de Belo Horizonte, a poeta, nascida em outro município, percebe a capital com olhos de quem vem de fora. Mesmo morando há muito tempo na cidade, ela consegue enxergá-la além das “suas sete ou setenta e sete maravilhas”, como afirmou Marco Polo a Kublai Khan, em *As cidades invisíveis*. Chama a atenção o fato de o personagem de Italo Calvino fazer tal afirmação diante do soberano que desconhecia o próprio império. Em situação parecida, *Belo Horizonte Bem Querer* foi lido: “Ao ensejo da entrega do título, a 21 de julho de 72, diante da Câmara Municipal reunida sob a presidência de Geraldo Pereira Sobrinho, após saudação da vereadora Junea Marise, procedi à leitura desse poema, em termos de agradecimento.” (LISBOA, 1972, p. 7). Ao apresentar Belo Horizonte sob a forma de poema, a autora traz à tona uma outra maneira de percepção da cidade desconhecida por quem a administra. Longe de oferecer uma resposta pronta para os desafios instigados pela realidade urbana, como uma fórmula a ser aplicada, a exemplo do que fizeram os idealizadores da capital, a poeta escreve e lê o poema.

O texto revisita a cidade, percorre sua história e memória, propondo variados percursos para entendê-la. A primeira palavra, o ponto inicial, desloca sobre a página em branco, preenchendo o papel a partir da inclusão de outros traços, assemelhando a tijolos colocados em uma parede. No final da jornada, surge a Belo Horizonte. Não se trata de construção ideal, planejada sem conflitos, como lugar paradisíaco. Ao contrário, o que se tem é a imagem de uma realidade múltipla, criada sob a perspectiva da literatura. Nesse sentido,

ergue-se uma cidade das letras, ficcional, capaz instigar novos olhares para o entendimento do real. Em outros termos, provoca a leitura do mundo a partir do mundo da leitura. Por esse viés, a Belo Horizonte real se dá a conhecer, deixando vir à tona sua essência. A saber, o dinamismo entre presídios e palácios, subterrâneos e elevados, dissonâncias e sinfonia. Essa contradição faz da cidade “um ser total” (p. 73) e para compreendê-la, torna-se necessário percebê-la enquanto sistema vivo ou corpo em constante mudança.

O olhar estático, detido na aparência das coisas, se perde face ao aspecto múltiplo do ser. Fixo a um ponto, não consegue entender o espaço citadino, enquanto amálgama de muitos pontos, ou “Arquipélago solto nos alagados do éter” (p. 69). Entender essa complexidade significa enxergar o real como fluido em contínuo movimento. Por essa razão, a importância de um novo olhar capaz de revelar outras perspectivas sobre a realidade, reinventando o modo de percebê-la. Isso significa encontrar uma forma de lidar com algo em constante transformação. *Belo Horizonte Bem Querer* representa uma leitura possível para essa contradição, a partir do momento em que constrói seu ponto de vista, tendo a cidade como “sinfonia com ásperas dissonâncias.” (p. 73). Ao transitar por esse caminho, a poeta deixa vir à tona a possibilidade de compreender os desafios impostos pela agitada Belo Horizonte dos anos 70, semelhante às demais cidades, do ponto de vista da razão; porém, única do ponto de vista do coração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS

ALVES, Ida Maria Santos Ferreira. *Jorge de Sena e as tensões entre poesia e história*. Revista da ABRAPLIP, Belo Horizonte, v. 1, nº 1, 380 p. 1999.

ALVES, Liliane da Silva. *O imaginário literário de Belo Horizonte*. 2002. 131f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Discurso de primavera e algumas sombras. (1977). In: *Poesia e prosa*. 6ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. *Ordem pública e desviantes sociais em Belo Horizonte (1897-1930)*. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

ANJOS, Cyro. *O amanuense Belmiro*. (1937). Rio de Janeiro: José Olympio. 1979.

ASSIS, Eleonora Sad. *O plano de Belo Horizonte em fins do século XIX: o enunciado e o visível*. São Paulo: FAU/USP, 1995.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – história antiga e história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, vol. I.

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – história antiga e história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996, vol. II.

BARROS, José Márcio. Cidade e Identidade: a avenida do Contorno em Belo Horizonte: In: MEDEIROS, Regina (org.). *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BARTHES, Roland. Escrever a escrita. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. *O óbvio e o obtuso*. Tradução de Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. *O menino poeta*. Minas Gerais. Suplemento Literário. Belo Horizonte, 28 fev. 1970.

CARVALHO, Abigail de Oliveira; SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Presença de Henriqueta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da filosofia: ser, saber e fazer*. São Paulo: Saraiva, 1997.

DALCASTAGNÉ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. In: *Ipotesi* – Revista de Estudos Literários, v. 7, nº 2, 156p. 2003.

DE PAULA, João Antônio. Dois noturnos de Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina. (org.). *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DIAS, Padre Francisco Martins. *Traços históricos e descritivos de Bello Horizonte*. Belo Horizonte, 1897.

DUARTE, José Afrânio. *Henriqueta Lisboa: poesia plena*. São Paulo: Editora do Escritor, 1996.

FARIA, Maria Auxiliadora; GROSSI, Yonne de Souza. A classe operária em Belo Horizonte: 1897-1920. V *Seminário de Estudos Mineiros: a república velha em Minas*. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

GOMES, Renato Cordeiro. *Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura* [on line]. Disponível em: <http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista>. Acesso em: 02/03/11.

\_\_\_\_\_. *Todas as cidades, a cidade: literatura e expressão urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOV, República dos Estados Unidos do Brazil, Decreto nº 7, de 19 de novembro de 1889, Rio de Janeiro.

HABERMAS, Jürgen. *Tecnicismo e ideologia*. [on line]. Disponível em <http://www.culturabrasil.pro.br/frankfurt.htm>. Acesso em 05/02/11.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna. In: DUTRA, Eliana F. (org.) *BH horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

KARMONA, Kaio Carvalho. *Belo Horizonte literária: a poesia da cidade no final do século XX*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

LARA, Fernando Luiz Camargos. *Belo Horizonte: da razão positivista à contaminação pelo cotidiano, uma visão através da literatura*. 1996. Dissertação (Mestrado em Estudos

Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

LEÃO, Ângela Vaz. *Henriqueta Lisboa: o mistério da criação poética*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LISBOA, Henriqueta. *Belo Horizonte bem querer*. Belo Horizonte: Eddal, 1972.

LISBOA, Henriqueta. *Melhores poemas de Henriqueta Lisboa*. Seleção Fábio Lucas. São Paulo: Global, 2001.

LOBO FILHO, Blanca. *A poesia de Henriqueta Lisboa*. Tradução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966.

LUCAS, Fábio. *Melhores poemas de Henriqueta Lisboa*. São Paulo: Global, 2001.

MAGALHÃES, Beatriz de Almeida; ANDRADE, Rodrigo Ferreira. Belo Horizonte: um espaço para a República. In: MEDEIROS, Regina. *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MEDEIROS, Regina. *Permanências e mudanças em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

\_\_\_\_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, v. 2.

MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

MIRANDA, José Américo. *Poesia e polêmica no nascimento da cidade: (por ocasião do centenário da cidade de Belo Horizonte)* Boletim/CESP, Belo Horizonte, v. 15, nº 19, 97-109 jan/dez. 1995.

MIRANDA, Wander Melo (org.) *Belo Horizonte: a cidade escrita*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa de Minas Gerais, UFMG, 1996.

NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

NIELSEN NETO, Henrique. *Prolegômenos à destruição do ensino no Brasil*. São Paulo: Sofia, 1986.

PECHMAN, Robert Moises. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Belo Horizonte e a face conservadora do moderno. In:\_\_\_\_\_. *A torre de Kubitschek*: trajetória de um projeto em 30 anos de Brasil. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

RANGEL, Paschoal. *Essa mineiríssima Henriqueta*. (Ensaio de interpretação da poética de Henriqueta Lisboa). Belo Horizonte: O Lutador, 1987.

REIS, Maria Ester Saturnino. *Belo Horizonte, a cidade paradigma*. 1994. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1994. (mimeo.).

ROMANO, Olavo. *Muito além da cidade planejada*. Belo Horizonte: Magnum, 1997.

SILVA, Regina Helena Alves da; SILVEIRA, Amy Jackeline Torres (org.). *Cenas de um belo horizonte*. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 1994.

SILVA, Vera Alice Cardoso. Crônicas de Belo Horizonte. Revista *Varia História*, Departamento de História da UFMG, Belo Horizonte, nº 18, set/97, p. 299-323.

SOTOMAYOR, Áurea Maria. *Além do olhar*: San Juan trás La fachada. [on line]. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/resenhas/texto119>. Acesso em 04/03/10.